N°5
1-12

A. M. CORREIA
...ador
Lg. de S. João — COIMBRA

RP
8
10

O ZEPHYRO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

ANTONIO MARIA PIMENTA
Belisário
Coimbra

PREAMBULO

Escrever um jornal litterario em terra onde tantos nascem hoje para morrer amanhã, é por sem duvida coisa temeraria, se não ingloria. Embora: as boas ideias que o ZEPHYRO apostolar, o zelo de seus collaboradores e a correspondente protecção que é de esperar das pessoas que se interessam pelo incremento das lettras nacionaes, o elevarão acima das contingencias nocivas, das malquerenças, da inveja, e por ventura da indifferença desdenhosa dos stacionarios. Porque em verdade o egoismo litterario, que não só o politico, é o mais pavoroso cancro das modernas sociedades.

Publicar um jornal é protestar contra o vicio dominante. Cultivar as letras é amal-as e estimulal-as. Pode a semente não vingar em terreno esteril, o semeador ficou satisfeito porque semeou uma esperança. A gloria do desejo ninguem lh'a roubará. A temeridade 'neste caso é uma virtude.

Demais, é opinião nossa que não ha livro, jornal, ou escripto algum absolutamente inutil.

O ZEPHYRO, confiamos, deleitará pelo menos os que preferem as salutares diversões da palestra litteraria aos crapulosos passatempos que, arruinando o corpo, terminam por arruinar a saude do espirito.

Escrever 'num periodico é estudar em voz alta. Se não podermos ensinar alguma coisa, estudaremos nós em presença dos nossos leitores.

A nossa gloria é esta. Assim justificamos o arrojo d'esta humilde publicação.

Não fazemos programmas apparatosos, porque preferimos ir dando mais do que promettemos.

Voando por todos os assumptos litterarios e artisticos, o ZEPHYRO depositará no coração de todos o *polen* fecundante das boas doutrinas, a fragrancia das mais viçosas flores do romance e da poesia, o balsamo da religião, que é a seiva da sociedade.

Se estas esperanças não passarem de um devaneio infantil, e o ZEPHYRO estiver predestinado a seguir a sorte geral dos periodicos que todos os annos vem alistar-se 'nesta sancta cruzada das lettras de Coimbra, morreremos sem um remorso; porque dispostos, como estamos, a envidar todos os esforços em prol da instrucção popular, não nos soffrerá o animo um momento de repouso.

Viver é luctar; luctar é desenvolver; desenvolver é aperfeiçoar; e aperfeiçoar é cumprir a lei do progresso. O ZEPHYRO voará nos braços do progresso.

Confiamos que o sol da malquerença publica respeitará as azas do novo Icaro.

SÉ VELHA

Christãos, ganhastes Coimbra,
Mais que joia oriental;
Mais tu, Coimbra, ganhaste,
Que tens fonte baptismal,
E a tua mesquita grande
Verás logo em cathedral.

A. F. Castilho.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
LIVRARIA
BELISÁRIO PIMENTA
BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
REVISTAS
IMPRENSA

A estampa que hoje offerecemos aos nossos leitores representa a fachada, que olha para o occidente, da velha cathedral de Coimbra.

Aquella fronte augusta, enrugada e veneranda, tem sentido perpassar os seculos, desde o começo da monarchia.

Durante a larga existencia, ella, sempre altaneira e firme, tem visto a successão das gerações, as transições sociaes, as metamorphoses dos costumes, as luctas

nacionaes, os pugilatos fratricidas; e ella velando no seu posto.

Mesquita de mouros, antes da conquista da cidade por Fernando Magno em 1064, e por este transformada em templo christão, foi depois quasi arrasada, assim como muitos edificios, pelos arabes, 'num furioso e inesperado assalto.

O bispo D. Gonçalo, no seculo XII, começou a reedificação que foi depois continuada pelo seu successor D. Miguel, e por este enriquecida com alfaias de extremado valor.

As obras foram primeiro incumbidas ao architecto Bernardo, que luctou com graves embaraços na execução do famoso portico, pelo que foi mister o chamamento do mestre Roberto, que por vezes veio de Lisboa, para a correcção do que estava feito e regimen do que se projectava fazer.

Bernardo morreu passados dez annos, e outros architectos vieram para o proseguimento da empreza.

É esta frontaria a que menos alterada foi pelas reconstrucções posteriores. Os dois porticos são os da primeira reedificação.

É sublime e austera a impressão que sentimos na analyse concentrada d'aquellas arcadas! O espirito parece que se remonta, 'num arrebatamento magico, ás eras da fundação! Ha no conjuncto d'aquellas pedras carcomidas a magestade imponente d'uma devoção crente e arreigada; a melancolia grandiosa, nobre e severa da cathedral da edade media; uma elevação de temor religioso, que de nós effluе e em nós se reflecte!

O attricto do tempo principalmente temlhe roubado os fustes lavrados das columnadas do portico da entrada, que tombaram desfeitas em pó.

As ameias de cidadella que cingem o templo, juncto ao colorido da vetustez, imprimem-lhe um caracter bellico, que tão bem se combina com o genio das luctas nas edades do predominio e fanatismo religioso.

Aquelles muros parecem um pregão tacito da historia a echoar pelo universo, levantados e orgulhosos, imagem da intrepidez d'um guerreiro cançado e coberto de gloria!

Ainda julgamos ouvir reboar sob as abobodas santas os canticos solemnes da coroação de D. Sancho 1.º e da rainha D. Dulce; da recepção pomposa do mestre d'Aviz, em março de 1385; e o ciciar da prece intima do malaventurado D. Sebastião, em outubro de 1570.

Na ampla fachada do lado do norte menos esmerada foi a construcção, mas magnifica e primorosa foi a reforma pelo bispo D. Jorge d'Almeida.

Um pequeno portico e uma frontaria em estylo luxuosamente trabalhada, com baixos relevos e ornamentos da mais completa profusão, dão-lhe uma apparencia garrida e casquilha. E a pedra d'Ançã, não resistindo aos estragos do tempo e incuria dos homens, têm estes acrescimos no mais deploravel estado de destroço.

Soberbo padrão de glorias, marco lançado por mãos piedosas tão longe na serie dos seculos, este monumento é uma biblia immensa de tradições estupendas, immorredouras e nobres, decantadas em epopeias sublimes. O pavimento da igreja é como que um mosaico de sepulturas, onde os brazões semigastos occultam um nome que illustra uma descendencia, ou os archivos da patria, ou a memoria propria. Em cada recanto uma inscripção; em cada inscripção um vulto se nos alevanta; em cada vulto uma louçania historica!

Em 1839 a acquisição desastrada dos sinos exigiu o accrescimo atrozmente vandalico, do campanario, que tanto se destaca pela côr.

A ignorancia bolonia e serviçal já antes tinha caiado os bellos azulejos que forram as paredes e columnas interiores, parece que a pretexto de compensar a escacez da luz que se coa pelas janellas abertas pelo bispo D. João de Mello e algumas frestas da primitiva, ou para menos magnificencia na apparencia, porque ali residia a veneravel Ordem Terceira de S. Francisco!

Hoje um excesso perdoavel de zelo religioso, mal entendido, fez da casa do Senhor um armazem de imagens e adornos, dispostos accumuladamente que muito contrastam com a gravidade solitaria do tem-

Nº 1

SÉ VELHA DE COIMBRA

plo, em detrimento até da ostentação de preciosidades archeologicas.

Mais ao diante apresentaremos a vista interior.

A. A. Gonçalves.

SENHORA DE PEDRA

És de pedra, mas que pedra!
Pedra preciosa talvez,
Mas onde uma flor não medra,
Nem siquer uma, bem vês...

Por mais lagrimas que verta,
Não ha pranto, não ha nada
Que em branda cera converta
A pedra de que és formada!

Trago os meus labios feridos
De te beijar, frio pó,
Em ti postos meus sentidos
Sem que em mim ponhas um só!

Se tu és a pedra dura
Que nem o pranto amolece...
Ai! como a nossa ventura
Tão breve desapparece!

Sempre cuidei que algum dia
De meus beijos o calor
Animasse a pedra fria
De que és feita, meu amor;

Engano. Sobre uma pedra
Plantem rosas muito embora:
A do amor... essa não medra.
Tu és de pedra, Senhora!

J. Simões Dias.

CECILIA

Cecilia é o nome que o suave zephyro
Por entre a relva *ciciando* vem;
É quasi o nome da florinha candida
Que todos amam — a gentil *cecem*.

Cecilia é o anjo que meus labios sofregos
Beijar anhelam 'num beijar sem fim;
É uma virgem de belleza empyrea:
—A minha fada que me encanta a mim!

Coimbra — 6 — 7.º — 71.

Lopo Cesar.

ADEUS

Morta... morta!.. Desventura!
Lyrio d'amor que me deixas,
Tens por leito a sepultura!
Por sonho... ai!.. minhas queixas!

Meia branca, alva chinela,
Rosas murchas no cabello,
Leva palmito e capella,....
Hirta... tão fria... de gêlo!...

Nunca em vida te beijei!
E nos meus braços cerrada
Quantas vezes... ai! nem sei...
Vae-te em paz, não digo nada.

Morreste,... adeus! Mas que sorte!
Quando vivias pr'a mim,
Leva-te o sopro da morte!..
Adeus,... adeus,... cherubim!

1870 *A. A. Gonçalves.*

Communismo

Em tempo algum se fez tão necessario como hoje o derramamento das luzes intellectuaes entre a classe operaria a quem se falla dos direitos do homem sem se attender a que antes dos direitos ha deveres a guardar; e que ao ouvir a palestra dos chamados *apostolos* da humanidade, se enthusiasma com as bonitas theorias do socialismo.

Pela sua parte a *internacional* não cessa de espalhar nos grandes centros de população ideias que tem por fim preparar as massas a esperar só o grito d'acção, quando venha a opportunidade, para converter em realidade (como dizem) o sonho dourado da distribuição dos haveres.

Taes doutrinas espalhadas entre o povo que não pensa, e que, se lê, apenas lê o jornal politico, ou impressos avulsos vendidos a baixo preço para fazer propaganda das ideias subversivas; taes são os meios d'instrucção ao alcance da classe proletaria, que abunda em tão nobres inspirações, sendo instruida convenientemente.

Julgamos portanto que um jornal nas circumstancias do *Zephyro* deve supprir em parte essa lacuna.

No estado actual em que se encontra a sociedade; 'numa epoca em que as ideias do socialismo chegaram a fazer desvairar em França a classe filha do trabalho, e supposto que vencida a seita socialista não deixa de empregar meios para fazer proselytos; parece-nos a proposito explicar o communismo ou socialismo na força rigorosa da palavra segundo as theorias de Platão, de Thomaz de Morus, Fourier, Campanella, Modely, Babeuf, Saint-Simon e, em nossos dias, de Cabet, Owen, Lois Blanc e Proudhon etc., cujas ideias mais ou menos exaltadas se dirigem ao fim— o socialismo.

O communismo é o systema das seitas socialistas cujo fim é estabelecer a communidade de bens.

Não se entenda por communidade de bens a distribuição equitativa das fortunas dos cidadãos entre os individuos d'uma republica, de forma que todos fiquem em igualdade d'haveres.

O communismo é a abolição da propriedade individual, a abolição do direito de testar; o pae não pode legar ao filho o tecto que o viu nascer, o campo que lhe deu meios de subsistencia, a officina em que ensinou o filho a manejar o instrumento do officio.

O communismo, abolindo a propriedade, vae entregal-a ás mãos do estado, que como pae de familia se encarrega da direcção do trabalho e da repartição dos productos do trabalho entre os cidadãos.

Só o estado é o depositario, o distribuidor da propriedade; organisador, creador e o inspirador da vida social.

Nada de interesses collectivos, proclamam os *utopistas* do socialismo, que não tenha sua gerencia no estado, o qual quanto mais forte, mais concentrico, mais absorvente fôr, mais communista será a sociedade que personifica e dirige; o absolutismo e o despotismo é o meio que invocam para realisar a igualdade das condições; o sentimento da fraternidade é o pretexto, a causa da humanidade o fim.

O communismo tem sido a constante aspiração dos deherdados da fortuna, dos philosophos que nada têm a perder, para estabelecer a chimerica igualdade social que será sempre (felizmente) o phenomeno de uma perpetua miragem.

(Continúa).

A. J. Sousa.

O JUDEU

Corria as ruas desertas
Da Babylonia d'outr'ora,
Um pobre velho que fora
Dos banidos do Senhor!
Trazia a fronte pendida,
Os fatos em desalinho,
Trazia ao collo um filhinho,
Que vel-o causava dor!

Seguia com passo incerto,
Pedindo por caridade
D'um sequer a metade,
Mostrando o filho a morrer!
—A fome é negra! Dizia,
O pobre do mendicante,
Mas foi caminhando errante,
Sem ninguem o soccorrer.

Seccou-se-lhe o pranto amargo
No seu rosto definhado,
Ná terra desamparado
Seu pobre corpo bateu!
A vida fôra-lhe um fardo,
Pezára-lhe a desventura,
Mas só encontrou ventura
No momento em que morreu!

Porto, 10 de agosto de 1871.

Francisco Xavier da Silva.

A MARQUEZINHA

Oh! lá vae a Marquezinha
Montada em negro corsel!
Retumba ao longe o tropel.
Alma, vida, irmã da minha..

Tão formosa e tão fagueira,
Aureas tranças dando ao vento,
Mais veloz que o pensamento,
Corre, voa mais ligeira!

Corre, corre, qu'inda um dia
Ha de vir o fado duro
N'esse coração tão puro
Termo pôr a tal folia....

Corre, corre, que o pezar
Em tua vida innocente,
Talvez venha tristemente
Rosas d'amor desfolhar.....

E sumiu-se, a galopar,
Nos freixos qu'orlam a 'strada!
Companheiros na caçada
Ninguem os pode contar!

1870. *A. A. Gonçalces.*

SONETO

Se inda te apraz o ouvir falar de um morto,
Se é que de ti não fui ja esquecido,
Relê meus versos, pois me dá conforto
Saber que um verso meu por ti é lido.

Barco sem leme, sem farol, sem porto,
De mil contrarias ondas combatido,
Tal me tem sido a vida que hei vivido
Durante as longas noites do meu horto!

Hoje que ja morri para a alegria
Que 'nesse tam sereno e brando olhar,
Nos tempos que lá vão saudosos, via,

Só me póde a esses dias revocar
O saber que os teus olhos algum dia
Sobre estes versos meus hão de chorar!

J. Simões Dias.

Expediente—Toda a correspondencia relativa a este jornal deve ser dirigida a **José Maria da Silva Torres**, Estação Telegraphica de Coimbra.

Preços: por anno 1$200; por semestre 600; por trimestre 300; e por mez 100 réis. Para fóra de Coimbra, a mais o porte do correio. A importancia da assignatura correspondente a um mez será paga no acto da entrega de cada primeiro numero.

COIMBRA—**Typographia de Manuel Caetano da Silva.**

A FONTE DO CASTANHEIRO

Fonte do castanheiro, a tua lympha,
Hontem da lua aos raios prateada,
Hoje escondida corre pelas serras
E em seu murmurio triste é como a rôla,
Que d'entre as matas geme.
F. de Castro Freire.

Saudades, saudades, sempre trementes pelo bater das azas do tempo!

Lembro-me tão bem!

Era ali que me era tão grato, em tempos que já lá vão, passar junto d'aquella fonte momentos, que volviam com a rapidez do goso.

Attrahia-me aquella solidão; e não lhe queria menos, quando 'numa alvorada de S. João aquelles echos, sempre dormentes, accordavam a repetir por entre os arvoredos os cantos e as risadas dos que passavam uma noite em claro, com danças e folgares, em honra do santo.

Que festas! Como eu amava aquelle movimento, aquella animação 'nesta Coimbra!

Tempos, tempos! Como ides largando, com a simplicidade dos costumes, as vossas galas de poesia, para vos involverdes 'numa actividade tão prosaica!

O movimento do rapazio, animados pela folgança da sua rua, começava ao pôr do sol. E as raparigas, de roupagens alvas e o tentador lenço branco a comprimir-lhes o seio e a abraçar-lhes a cintura, afinavam a voz pela afinação da viola e anceavam pela noite.

O esguio pinheiro lá se ostentava com o pé cercado de lenha. Arcos e grinaldas de folhagens e flores enfeitavam o largo, e as bandeiras variadamente coloridas tremulavam altas. E o estalar dos foguetes, annunciando festa, convidava para a reunião, e incitava á vertigem festiva do bailado.

Agglomeravam-se em massa, elles e ellas, em torno da pyra: estalavam as fagulhas; redemoinhavam linguas de fogo; redobravam as gargalhadas; todos fallavam; ninguem se entendia; moviam-se em redor com lentidão; retiniam *violas* e *cavaquinhos;* batiam as palmas;—«Ande a roda»—gritava uma voz imperiosa e reforçada.

Estava começada a dança!...

Agora é vel-as travessas, ruborisadas, offegantes, mas teimosas e incansaveis 'naquelle lidar phrenetico! E a mesma voz a ouvir-se, já rouca, mas robustecida pela coragem, que dá a gloria de *mandar a dança* 'numa festa d'espavento.

Depois, aquelles sons coados por labios que pareciam despedir beijos d'envolta com cantigas tão ternas, tão lindas, tão partidas do coração, que bem retratavam um sentimento d'amor.

Ai, melopeias encantadoras!

Vel-as flexiveis, como o caule da açucena, voltearem rapidas em requebros graciosos; o collo a pular-lhes; os olhos scintillantes e voluptuosos; sorriso lascivo; e as tranças desfeitas em anneis, a adornar-lhes as frontes; todas doudejantes na ebriedade delirante, talvez, da saciedade incompleta.....

Harmonias singelas e fugitivas, torrentes de lyrismo docemente amoroso, em que se lhes dilatava a alma, nas effusões mal contidas e disfarçadas, em que se exhalavam accessos sublimes de magia celeste, ao contacto do mocetão enamorado!.....

E a noite fugaz voava.

E os primeiros alvores da madrugada levantavam-se no horisonte; encobriam-se as estrellas; refrescava a brisa matutina; a luz da aurora espreguiçava-se pelas cumiadas; e a atmosphera, saturada de vapores aquosos, cobria de brancas perolas a vegetação das collinas.

Surprehendia-os a manhã na insania da choreia. As physionomias estavam pallidas pela vigilia e pela fadiga, e ainda havia viveza na *roda!*

Depois todas corriam com a mão o cabello desgrenhado, compunham os lenços, e com o par dilecto, em *rancho,* lá se iam caminho da FONTE DO CASTANHEIRO, onde saboreavam tres gotas da lympha crystallina, com tanta confiança em certos prejuizos, como se recebessem, cheias de crença, umas segundas aguas do baptismo.

Nada mais consolador que estas recordações em que transborda a minha alma, quando uma melancholia vaga e pungente de mim se apodera, em vista d'estas reliquias do meu passado!....

Hoje é ainda bastante frequentado o logar, principalmente pelos academicos acariciados pelas musas que por ali se occultam.

Alguns mal contidos logo ali deixam 'numa pedra ou 'num tronco, em simples metro, a expressão do seu sentir ateado pelas inspirações dos zephyros vespertinos.

A. A. Gonçalves.

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

Os socialistas têm a pretenção de reformar a sociedade sobre novas bases; em logar, porém, de se proporem a reformar os abusos que apresenta a ordem social; em vez de corrigir os defeitos que apresenta uma qualquer organisação politica; circumstancia indispensavel para dispor os homens a abraçar uma idêa, principiam de accordo commum em todo o systema socialista por abolir a propriedade individual, que é a base fundamental da sociedade, porque, supprimida que seja a propriedade individual, em sua ruina arrastaria a familia e o homem, cessando porisso de representar um ser moral, livre e responsavel. Em todos os tempos tem havido homens que, impressionados com as imperfeições da sociedade da epocha em que vi-

veram, formaram o sonho esplendido d'uma sociedade ideal exempta de males, de vicios e injustiças.

Estes, todos theoria, limitaram-se a escrever suas ficções sem jamais pensarem que ellas podessem ser levadas á applicação; outros houve porem que, tentando realisar suas idêas com o fim de as voltar em proprio interesse, têm arrastado homens de boa fé a viverem segundo o plano de sociedade imaginado por elles; e outros finalmente, aproveitando-se das circumstancias de transição politica por que atravessam os povos têm-se servido da via de auctoridade e da força para erguer o seu dominio, que deve, segundo dizem, transformar a sociedade.

No numero dos primeiros mencionamos Platão, Thomaz Morus, Campanella, e Morelly.

Platão quer a propriedade individual, mas estabelece o systema theocratico das castas, destroe o casamento e a familia; demais a mais sustenta a escravidão como base da sociedade.

Thomaz Morus, monge italiano, descrevendo as leis e costumes da sua ilha imaginaria, que escreveu em 1513, não faz senão reproduzir as ficções de Platão; mas supprime a propriedade individual; todos os bens moveis e immoveis pertencem ao estado, o qual por meio dos seus agentes distribue as funcções, os trabalhos e os serviços penosos. Recolhe todos os productos e os reparte segundo as necessidades de cada cidadão, isto é, conforme o numero de individuos que tem a sustentar, porque Morus conserva a familia, e estabelece a escravidão, como no systema de Platão.

Precede Fourier na theoria das relações sexuaes, tomando por protexto o melhoramento da raça humana, e por consequencia estabelece para o homem uma especie de harem dirigido systematicamente.

Campanella apresenta mais imaginação que Morus. Em seu systema os bens são communs.

Cada paiz é dividido em certo numero de communas; cada communa deve viver em uma casa construida com dimensões taes que possa accommodar esta grande familia e empregar os individuos que a compõem nos differentes officios. Ali o trabalho é todo de enlevo e attrahente porque é variado em differentes horas do dia, de curta duração e feito por grupos; por isso cada individuo deve aprender varios officios.

Campanella descreve-nos a organisação do poder na sua *cidade do Sol*, obra escripta em 1623; ella é governada por um metaphysico, escolhido entre o melhor dos homens, que reuna em si todos os merecimentos, intelligencia, vontade e amor, porisso gosa d'uma auctoridade sem limites que não lhe pode ser contestada, tanto pelo que respeita ao espiritual como ao temporal; é, para assim expressar, um Pontifice-rei absoluto. Em suas funcções é assistido pelo governo representado por tres ministros, *poder, sabedoria*, e *amor*. O *poder* tem em suas attribuições a organisação, a disciplina do exercito e tudo que pertence á guerra. A *sabedoria* pertence formular as leis, promover o desenvolvimento das artes e o aperfeiçoamento da sciencia. Ao *amor* é attribuido tudo que respeita á vida physica do homem. Morelly vai alem dos antecedentes nos esforços que exprime para basear o systema de communidade sobre theoria moral e philosophica. No seu *Codigo da natureza*, feito em 1755, acha-se admittida a rehabilitação das paixões, ou dogma da impeccabilidade dos anabaptistas, e a condemnação das doutrinas moraes admittidas pela humanidade desde a origem dos seculos.

Mais tarde Morelly abjura de suas primeiras idêas, sustenta o casamento, prohibe o celibato, põe embaraços ao divorcio, pune com severidade o adulterio.

(Continúa). *A. J. Sousa.*

Nunca te vira!

Á Ex.ma Sr.a D. M. A. T. d'Oliveira Correia.

Ai! virgem formosa, deidade sem culto
'Num ermo olvidada em fatal solidão...
Jámais te deslembro. Modesto sacrario
Aqui te consagro no meu coração!

Eu vi-te, donzella, gentil e tão meiga,
Que logo, perdido, fui preso d'amor:
Tal surge nos montes o astro diurno
Mostrando-se rapido a luz e calor!

Mas ai! de que vai uma gota de nectar
Se a taça d'agruras devemos libar?...
Que importa momentos o ceu ver aberto
Se o inferno em seguida nos ha de tragar?...

Eu vi-te, donzella. Foi grande a ventura
Que veiu a minh'alma de jubilo encher;
Mas hoje... que resta do sonho dourado,
Se longe de ti eu me sinto a morrer?!...

Ao nauta ancioso 'num mar de procellas,
Em noite medonha a que presta o pharol
Se mal concebida uma ideia de esp'rança
Se occulta nas trevas o ephemero sol?...

È tal como ao preso de carcere escuro
A luz radiante no ceu lhe mostrar
P'ra logo algemado com duras cadeias
No mesmo tormento seus dias findar!

Eu sou esse nauta: — tu és o meu porto —
Eu sou-esse preso: — tu és minha luz —
Ai! minto. Se o foste... (penosa lembrança!)
És hoje o martyrio que faz minha cruz!

Oh! Nunca te vira, celeste beldade,
Castissimo anhelo da minha paixão;
Não tinha a saudade rasgado meu peito,
Vertido amarguras no meu coração!

Coimbra — 15 — 2.º — 70.

Lopo Cesar.

O JOGADOR INFERNAL

(IMITAÇÃO D'UM CONTO DA EDADE MEDIA)

Não sei em qûe anno foi, nem tão pouco a data,

N.º 2

FONTE DO CASTANHEIRO

e ainda menos a cidade em que vivia um moço chamado Aurelio. Era elle muito bem parecido e generoso; mas tambem rico de vicios quanto possivel, gostando de mesa lauta e tresloucado pelo jogo. Nunca se tinha confessado em dias de sua vida, e se ás vezes entrava na egreja era mais a curiosidade do que a devoção que ali o levava.

Depois de ter arruinado por meio do jogo uma duzia de filhos familias, os quaes entregues ao desespero deram a final em ladrões de estrada e mais tarde morreram de morte horrorosa nas masmorras ou nos mercados e feiras, onde os roubados fizeram justiça por suas mãos, chegou elle proprio a perder dentro em pouco tempo tudo quanto tinha ganhado e até o proprio patrimonio. Um cerrado com uma casinhola foi o que pôde salvar do naufragio de toda a sua fortuna, indo ali esconder, solitario, a sua miseria e os males de que fôra causador, vivendo só 'naquelle ermo perto de tres annos, caçando durante o dia, e jogando á noute as cartas com o seu antigo mordomo.

'Num dia em que fizera boa caçada, recolhendo á sua pobre casa com a bolsa bem provida, bateu-lhe á porta, a pedir-lhe hospitalidade, Nosso Senhor acompanhado dos doze apostolos. Aurelio, apezar de todos os seus defeitos, como tinha bom coração, alegrou-se de ter feito boa caçada 'naquelle dia, podendo assim tractar convenientemente os seus hospedes desconhecidos. Convidou-os portanto a entrar na casa, e recommendou ao mordomo que preparasse o jantar, desculpando-se com os hospedes de não os poder receber melhor e mais dignamente, o que certamente faria se tivesse sido prevenido a tempo da honra que lhe faziam.

Mas Nosso Senhor, rindo-se das pretenções de Aurelio, disse-lhe:

— Contentar-nos-hemos com o que tiverdes, e só vos pedimos que mandeis apressar o jantar, porque este senhor traz muita fome, accrescentou designando S. Pedro.

Não quiz Aurelio offerecer caça unicamente aos seus hospedes, e deu ordem ao mordomo para que matasse um cabrito que havia em casa, apresentando-o assado na mesa. E prompto que foi o jantar, e dispostos todos para comer, entristeceu-se Aurelio por se lembrar que não podia offerecer aos seus convidados senão um vinho muito inferior, dizendo-lhes então:

— Sinto bastante que não me tenha ainda chegado um pipote de vinho generoso que espero já ha tempo.

Riu-se Nosso Senhor, e disse-lhe provando o vinho: Quereis causar-nos surpreza; o vosso vinho é magnifico.

E apontando para S. Pedro, accrescentou:

— Perguntae-o áquelle que passa por ser um bom provador.

Levou o apostolo o copo á bocca e exclamou indiscretamente:

— Depois das bodas de Chanaam, declaro que ainda não bebi vinho como este!

Julgou Aurelio ao principio excesso de delicadeza tudo quanto ouviu; mas depois de ter bebido o vinho do copo que lhe estava reservado, ficou estupefacto: tambem não tinha bebido nunca um vinho tão excellente.

Á vista d'este milagre e pelas palavras do apostolo, conheceu logo que estava na presença de Nosso Senhor, e julgando-se indigno de presistir á mesa em tão santa companhia, levantou-se; mas tendo-lhe dicto Nosso Senhor que ficasse, obedeceu logo.

Depois do jantar, retirou-se Jesus com os seus apostolos para a camara que lhe fôra preparada, e tendo Aurelio ficado só, jogou com o seu mordomo, bebeu o resto do vinho abençoado, ganhou a partida, e foi deitar-se.

(Continúa). *J. Melchiades.*

GALANTERIA

Ama-me tanto aquella
Por quem deliro e morro;
De taes e tantas flores me tapeta
A estrada que por ella,
Por ella só, percorro;

Tanto se empenha a triste
Por me fazer contente
A vida que sem ella não é vida,
Pois nenhum bem me assiste
Se d'ella estou ausente;

São taes e tão bondosos
Por mim os seus carinhos,
Quando me encosta a face desmaiada
Nos seios seus formosos,
Macios como arminhos;

Ama-me tanto aquella
Pobre mulher — repito —
Que estando um dia á noite a sós comigo
—Estava eu só mais ella—
Me disse, *és tão bonito!*

J. Simões Dias.

Rosa esfolhada

De ta tige detachée
Pauvre feuille dessechée,
Où vas-tu — Je n'en sais rien,
.....
Je vais où le vent me mène,
.....

Arnault.

Quantas vezes, sentado nas cristas das penedias, vendo as ondas nascerem, empinarem-se, espedaçarem-se, marulharem e refluirem; umas vezes espraiando-se ao largo, languidas e gementes, a misturarem-se com indolencia deleitosa, outras, iradas pelo tufão, rugirem pavorosas, resaltando e submergindo tudo, semelhando-se a um monstro escumando de raiva e mostrando as fauces ameaçadoras; eu contem-

plava o mar, embalado por aquelle rumorejar constante e 'naquella agitação eterna!

Quantas vezes, a brisa que me perpassava juncto, me ouviu os tristes monologos e suspiros, em que se expandia a magua, que no amago da alma me conservava a lembrança d'um caso tristissimo que estes logares viram.

Não sei que sensibilidade extranha me leva a chorar as desolações alheias, esquecendo-me das proprias; mas é certo que jamais me impressionou tão vivamente uma recordação, que não fosse d'um amor, que, desabrochando entre flores e gosos, se murcha entre espinhos e angustias.

Em 1810 as aguias francezas, insaciaveis e homicidas, erguendo o vôo altivo e estendendo as garras ensanguentadas, tentavam pela terceira vez, com as azas abertas, eclipsar o sol da liberdade á terra, desde o cabo da Roca a Campo-Maior. A nação extenuada arrancou com o grito de agonia, nas vascas da morte, um esforço milagroso, repelliu, feriu e perseguiu os abutres até Tolosa. Foi aqui!

Tinha a familia abastada de Jorge, entre lagrimas e abraços, dito o adeus da despedida ao filho que se embarcava para Lisboa, ao serviço da patria.

'Nessas crises calamitosas que horrorisam e fazem diffundir ainda lagrimas sobre as paginas da historia, foi-lhe roubado o pae e todos os parentes, atormentados de penas e privações acerbas. Quando voltou, só achou, prestes a envergar a mortalha, a mãe que ainda poude lançar-lhe a benção, e balbuciar-lhe conselhos antes da eterna separação.

Tantas desgraças enervavam a indole naturalmente jovial de Jorge. E nunca mais aos labios lhe affluiram as graças, com que alegrava as raparigas da aldeia, que se lhe ajuntavam ao redor para o ouvir e festejar.

Audaz e bravo, em recompensa dos seus serviços militares só quiz fazer parte da guarnição d'um forte solitario cuja falda se alagava nas aguas do oceano; e vivia isolado 'numa pequena casa, encravada nos rochedos, quasi açoutada pelas vagas.

A companheira, que Deus lhe havia dado, levou-lh'a quando deu ao mundo sua filha Helena, companhia unica do pobre velho, que lhe alimpava as lagrimas e suavisava a existencia monotona, e atormentada pelas reminiscencias que despedaçavam aquella alma desalentada.

E Helena, a filha candida do veterano, era bella, como a flor mimosa orvalhada com os aljofres brilhantes de alva neblina, por alvoradas d'abril; ou como a açucena candida salpicada com o sangue purissimo de mão mimosa de virgem, picada quando a colhia.

Nunca aquelle coração fôra oppresso por uma pena; nunca 'naquelles olhos uma lagrima brilhara!

E vivia linda e feliz, travessa borboleta em eterna primavera!

E o tempo passava ledo; e ella, a pobre, olhava o mar, a terra, o ceu, esquecida do passado, descuidosa do futuro; e aquella alma era tranquilla, e 'naquelle peito não batia opprimido um coração!

(Continúa).

DESEJO ARDENTE

Quizera 'nesses teus labios
Imprimir um terno beijo,
Matar um grande desejo,
E depois... depois morrer!...
Verias então minh'alma
Partir do mundo contente,
Rasgando o véo indigente
Que involve o nosso viver.

Um beijo só, Mariquinhas,
Deixa depôr no teu rosto,
Que depois até aposto,
Que mais beijos pedirás,..
Não me julgues mentiroso,
Nem seductor encartado,
O que digo está provado:
Exp'rimenta, tu verás....

Porto, 21 de novembro de 1871.

Francisco Xavier da Silva.

FADO

Tu, desditoso amor, porque vieste
Turvar-me d'esta vida os poucos dias?
Porque brotaste, amor? pois não sabias
Que a pallidez da morte te reveste?!

E tu, alado cherubim celeste,
Se louco affecto receber não querias,
Porque deixaste desprezar folias
Que m'arrancavam de paixão agreste?

Eu sempre, sempre em dolorôso anceio!
E tu em goso sempre adormecida,
Sem uma sombra que te dê receio!..

Que fleugma a tua, minha pomba qu'rida!
Nada t'importa ver rasgado o seio,
De quem por ti arriscaria a vida!

1871. *A. A. Gonçalves.*

Errata. Na poesia—*O Judeu*—oitava 2.ª, verso 3.º, onde se lê — D'um sequer a metade,— deve ler-se — D'um pão sequer a metade.

Expediente—Toda a correspondencia relativa a este jornal deve ser dirigida a **José Maria da Silva Torres**, Estação Telegraphica de Coimbra.

Preços: por anno 1$200; por semestre 600; por trimestre 300; e por mez 100 réis. Para fóra de Coimbra, a mais o porte do correio. A importancia da assignatura correspondente a um mez será paga no acto da entrega de cada primeiro numero.

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

COIMBRA—**Typographia de Manuel Caetano da Silva.**

RUINAS DE SANCTA CLARA

D. Mór Dias, virtuosa e opulenta senhora, havia recebido o habito de S. João das Donas, regra do recolhimento de Santo Agostinho, estabelecido sob a obediencia dos conegos regrantes de Santa Cruz.

Nos enlevos mysticos do ardor religioso, aquella alma pensou na fundação d'um novo convento.

Passados tempos, por 1286, a edificação estava completa e o ceu recebia as orações purissimas das virgens de Santa Clara.

Vinte e cinco annos depois, tendo morrido a fundadora, a ambição dos conegos regrantes, em nome da justiça, fez com que as portas do sanctuario nascente fossem fechadas, allegando que D. Mór não podia dispor, nem de sua pessoa, nem de suas riquezas, por ter professado no recolhimento da sua tutela: e o abrigo da santidade ficou deserto.

Mas, em 1314, quiz Deus que a esposa d'El-Rei D. Diniz, commovida pela sorte da piedosa instituição, viesse em auxilio da causa de D. Mór. As portas foram de novo abertas; no edificio ficou estampado o cunho da liberalidade e da grandeza real; e o côro foi outra vez povoado.

Em 1325 falleceu o Rei lavrador; e a Sancta Rainha, solta dos laços que a prendiam ao mundo, com o coração enlutado, despojou-se dos arminhos regios, para cingir a cogula de burel grosseiro, o cordão de S. Francisco, e ali entregou-se toda ao ceu, praticando as acções das mais angelicas virtudes.

Alma divina, que acariciava a penuria; consolava os enfermos; dissipava o desconforto; e resgatava a paz, onde reinava a discordia.

Vida coberta das bençãos dos desvalidos, espirito bemfazejo, enviado por Deus, para illuminares a alcova escura dos infelizes que se estorciam nos transes dolorosos da morte; meteoro que rasgaste os ceus e deixaste apoz de ti a estrada luminosa!

Essas pedras, porque te viram, porque te recolheram, são as ruinas mais veneraveis de quantas juncam este solo. Esses restos fallam-nos á alma, porque nos infundem o santo respeito, devido á tua memoria, porque a elles estão ligadas as tuas recordações que nos sorriem.

As pequenas habitações salientes e brancas, encravadas entre as janellas ogivaes, parecem ninhos de andorinhas ao longo dos muros. A era e a madresilva enraizam e engrossam as vergonteas nas fendas da cantaria derrocada.

Que desolação nos cahe no fundo d'alma, ao pensar que na igreja, debaixo d'aquella gothica abobada, lobrega, apoiada por columnas soterradas até aos capiteis, as vozes dos christãos, as inflexões do orgão dolentes e gemebundas, que se repetiam pelo claustro e morriam no concavo das cellas, se elevavam até ao Creador!

O sol entrava pelas janellas, inundava de luz o templo, e dourava o chão; os altares brilhavam com cem lumes, entre as flores que esmaltavam os brocados pendentes das paredes; o fumo do incenso levantava-se em espiras e enovelava-se ao longo das arcadas; os sinos repicavam. Era um dia de festa!...

As pallidas filhas do Senhor que viram cairlhes aos pés as louras tranças vaidosas, que trocaram o veu nupcial pelo veu monastico, a estamenha da penitencia pelas galas profanas do mundo, ali, em côro melodioso, das brancas gargantas soltavam os cantos dulcissimos do «*Te rogamus audi nos*» hymnos unisonos, como os entoam os anjos nas alturas!

Aves encarceradas na frialdade do sepulchro, para quem o mundo não tem amor; para quem amor não tem bellezas; para quem bellezas não têm a vida! O ar que respiraes pelas frestas da prisão é pesado, faz-vos arfar o peito, succumbir de cansaço, desfallecer na lucta.

Sós, exulados do mundo! No coração o vacuo do amor, as tristezas, as saudades, os prantos não traduzidos por lagrimas, a anciedade pelo infinito, a attracção para o desconhecido: maguas, torturas, martyrios, reprimidos, suffocados, callados no peito que os creou. A debilidade pelos jejuns, pelos sacrificios, e o espirito erguendo-se á claridade do pharol da vida, esmorecido talvez, mas nunca extincto!

Existencia de supplicio, que mais recorda o abandono da viuvez do que a melancholia da virgindade.

Almas contristadas, para quem não raiará uma aurora, para quem não desabrochará uma flor, para quem não chilrará a cotovia, se não para ser vista, para ser ouvida, atrayés os ferros que vos prendem.

Entre vós e o mundo o abysmo d'um juramento!

Mortas! quando, erguendo o vôo, podieis animar o concerto das melodias do valle fecundo, que o sol illumina, entre os perfumes de maio!...

Quantos ideaes desfeitos, nas trevas d'aquella solidão; quanto amor fortalecido, no isolamento da clausura; quantas tempestades interiores, que aniquilaram o espirito e prostraram o corpo que se reclinou no ataude, e jaz encoberto pelas lages do claustro, fundo, tão fundo, no centro d'aquelles destroços abalados!...

Depois, o orgão calou-se; e os cantos sagrados não ressoaram mais!..

Agora, bem pouco da igreja resta; os altares estão nas entranhas da terra; e só parte do andar superior do convento e a grimpa do mirante vêem a luz do dia. Mas o Mondego, engrossado pelas torrentes que descem das serras, ha de sepultal-os em novas inundações, e dentro em pouco, nem um marco dirá «existiu aqui».

As religiosas, que, em tempo de D. Manuel, recusaram deixar a casa que lhes tinha ante os olhos tantas lembranças, que a nobilitavam, fo-

ram obrigadas, pelas furias continuadas do rio, a abandonarem-n'a; e em 1677 occuparam o novo mosteiro, edificado por D. João IV, cuja vista e descripção daremos brevemente á estampa.

A. A Gonçalves.

ARCHEOLOGIA

UM CADAVER DE 1251

Em uma parede da Bibliotheca Publica de Evora, que olha ao sueste, via-se embebida uma pedra com esta inscripção: *anniversareos por fernão collo.*

Mandando seu illustrado Bibliothecario rasgar mais uma janella, que por cima da pedra existia, e descarnada esta, conheceu-se ser um tumulo do seculo XIII que alli estava, ao que parecia intacto. Por cima do ediculo em que estava o tumulo achou-se esta inscripção, que ninguem conhecia, por estar coberta de rebouco:

E ⋮ M ⋮ CC ⋮ LXXX

IX ⋮ VIII ⋮ KL ⋮
NOVEMBRIS ⋮
OBIIT ⋮ FER
NAMDVS ⋮
COELVS ⋮

É de marmore a pedra e as letras gothico-monachaes.

Mandou o mesmo sr. Bibliothecario proceder á tiragem d'aquelle antigo tumulo, para ser guardado na collecção epigraphico-archeologica por seus esforços reunida em Evora. Abriu-se o tumulo em 23 de janeiro d'este anno de 1872, ás nove horas da manhã. Jazia dentro o esqueleto d'um homem, que ali repousava havia 621 annos. Em volta da ossada e 'noutros pontos do corpo tomavam-se ainda vestigios de roupas, que mostravam haver sido de lã. Ao lado direito tinha um bastão, ou bengala sem ponteira com uma peça torneada de differente madeira na extremidade opposta, mostrando haver sido forrado de panno de linho. Do mesmo lado achou-se a folha de uma faca ja gastada do tempo, e sem vestigio algum do respectivo cabo ou punho. Ao longo do corpo encontraram-se doze botões de metal amarello, com forma conica e que deixavam ver ainda vestigios de ter sido dourados, e quatro peças do mesmo metal ao modo de fechos, ou colchetes: dois maiores, na altura da cinta, e dois menores ao longo do corpo. Aos pés seperabundavam alguns ossos, e, sobre o hombro esquerdo, uma caveira.

Ao tocar-se 'nestes ossos cada um d'elles se desfazia sem grande pressão. Até quasi á altura que o corpo occuparia, quando sepultado no tumulo, havia uma cinza da côr terrena em que todos os ossos parecia estarem como enterrados. Por cima d'aquella cinza via-se grande quantidade de vermes dessecados e intactos, que se desfaziam ao tomarem-se. Tinham muitos a forma e apparencia de sementes de café torrado, e outras a de lombrigas caprichosamente volteadas e contorcidas.

Bom e curioso fôra que algum sabedor de miudezas mortuarias explicasse a existencia de uma lamina de aço e de um bastão ao lado direito de um homem para quem a luz do dia se apagára reinando em Portugal el-Rei D. Affonso, o Bolonhez.

Evora, 12 de março de 1872.

A. F. Barata.

VEM!

Que noite tão linda, serena e bemdita!
Os astros ardentes scintillam no ceu!
Oh! vem, filha minha, de lá d'onde habitas
Chorar contristada fadario só teu.

Ai, vem langorosa, na face ja fria
Pousar-me um só beijo, tremendo d'amor;
Ai, vem no meu peito gemer suspirosa
Queixumes saudosos de meigo candor.

Ai, vem, anjo bello, nas azas da brisa
Trazer-me 'num sonho venturas d'amor;
Ai, vem, anjo caro, de luzes cercada,
Segredos de virgem 'spalhar-me ao redor.

Ai, vem, mas não tardes, que a noite é tão linda,
Propicia, fagueira, p'ra sonhos d'amor;
Ai, vem nos meus braços gemer indolente
Protestos sentidos, ó languida flor.

1872. *A. A. Gonçalves*

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

As theorias absurdas dos pensadores communistas, aproveitadas por aventureiros ambiciosos, a quem as revoluções offerecem ensejo para saciar sua cubiça, surgiram pela primeira vez nas guerras de religião levantadas pelo rebelde Luthero no seculo XVI.

Munzer, chefe dos anabaptistas, proclama a communidade de bens e as doutrinas do nivelamento absoluto.

Tivemos um pae commum, (diz o bandido) Adam; d'onde nos vem pois a desegualdade de classes e de bens.?

Porque vivemos nós na miseria, emquanto que outros nadam na abundancia e nas delicias!

Não teremos nós direito aos bens que para todos prodigalisa a natureza?

Oh ricos, avarentos, usurpadores que vós sois, dae o que possuis injustamente.

Esta linguagem atrevida, acobertada por um schisma religioso fez echo, como era de esperar, nos bandos ignorantes, fanaticos, cubiçosos e indisciplinados; o assalto á propriedade não se fez demorar; o roubo e a desolação arrastaram e atormentaram uma parte d'Allemanha.

O Conde d'Hesse tomou as armas pela causa da civilisação, atacou e desbaratou os anaba-

Nº 3

RUINAS DE Sᵀᴬ CLARA
(NA MARGEM ESQUERDA DO MONDEGO)

ptistas, que contavam já uns 40 mil homens; o proprio Munzer, feito prisioneiro, pagou com a vida uma serie de attentados e crimes.

Sua morte porém não terminou a seita; os anabaptistas reforçaram-se sob a direcção d'um padeiro chamado Mathison e estabeleceram-se na cidade de Munster, d'onde expulsaram os habitantes, a quem roubaram litteralmente tudo.

O chefe tendo sido morto, Bocold, outro bandido, proclamou-se seu successor, estabeleceu a polygamia, como lei do estado, tomando elle mesmo dezesete mulheres.

A Allemanha empenhou-se em exterminar estes criminosos, mas resentiu-se da sua passagem; a seita não ficou aniquilada. As utopias communistas conservaram-se latentes para reapparecerem mais tarde.

Os tempos agitados são fecundos em systemas, a desordem dos factos passa aos espiritos; aos desregramentos do raciocinio seguem-se os desregramentos de acção.

A França dá-nos tocantes exemplos. Acabava apenas de sair da mais terrivel e sangrenta das revoluções, começava a sugeitar-se ao regimen regular da republica, quando foi surprehendida (1796) pela descoberta d'uma conspiração cujos chefes se propunham estabelecer a communidade de bens e egualdade absoluta por meio da violencia ou do terror. Seu promotor era Babeuf, o systema era em parte copia do de Morely.

«A natureza (clama Babvaeuf) deu a cada «homem egual direito ao goso de todos os bens, «o fim da sociedade portanto é proteger esta «egualdade.

«Tantos os gosos, como o trabalho, devem ser «communs.

«Ninguem pode sem crime apossar-se exclu«sivamente dos bens, da terra e da industria.

«Por consequencia 'numa sociedade bem or«ganisada não ha ricos nem pobres.»

Segundo a organisação feita pelos conspiradores, o povo francez devia ser declarado proprietario unico do territorio nacional; o trabalho declarado funcção publica e regulado por lei; os cidadãos divididos em varias classes, encarregados d'uma somma de trabalho exactamente egual. O poder social, representado por magistrados encarregados de equilibrar a receita e a despesa (bem entendido os chefes eram governo e os depositarios das rendas publicas), e de fazer pelos delegados a repartição em rações eguaes dos productos de consumo guardados nos armazens publicos.

Prohibição absoluta de toda a discussão theologica.

Nada de salarios, nem corpos privilegiados pelas luzes da intelligencia, ou genio; por ser contra a restricta egualdade de todos os homens.

Todo o ensino devia limitar-se a saber ler, escrever e contar, e a algumas noções de logica, quando muito.

Este limite de conhecimentos devia ser a mais solida garantia da egualdade social.

Quando a conspiração dos Babovistas foi descoberta, podia dispor d'uns dezesete mil homens, alem da multidão de homens grosseiros em que abunda a cidade de Paris, os quaes esperava attrahir no momento da explosão.

O execravel chefe proclamava que todos os bens dos emigrados seriam distribuidos pelos defensores da causa e alojados nas casas dos mesmos.

Babeuf e seus cumplices, sendo presos e trazidos ao tribunal, foram sentenciados á morte e a maior parte deportados-

A seita communista ficou soffocada, mas não aniquilada.

Assim como a semente damninha misturada com a boa, lançada ao campo, ahi nasce, reproduz-se e zomba dos esforços do cultivador para extinguil-a; tambem as ideas erroneas, uma vez espalhadas, deixam o germen de fecundidade, achando discipulos que as acceitam e as professam, e passam atravez dos seculos á posteridade; as utopias de Platão, avivadas e accrescentadas pelos seus successores, têm exercido incontestavel influencia sobre muitos homens, desviando-os do trilho da razão e operando 'nelles segundo a sua indole.

Os exemplos são frisantes.

Temos em vista mencionar mais alguns.

Fazendo a devida justiça a alguns d'elles, como Owen, Fourier e Cabet, proclamando o principio da egualdade e pretendendo substituir o homem collectivo ao homem individual, esperavam reformar a sociedade sem se servirem do uso da força.

O systema dos reformadores d'esta eschola é todo de incintivo. Limitam-se a attrahir a si aquelles que de boa vontade quizerem annuir ao convite para pôr em practica suas theorias. Esperam que só pela simples espectação de bem estar e de felicidade, de que gosarão seus adeptos, dar um ensaio aos povos, que, enthusiasmados á vista d'este novo estado de cousas, depressa passarão a imitar o maravilhoso e surprehendente exemplar modelo representado pela nova sociedade.

Estes communistas, ainda que filhos da mesma eschola, divergem uns dos outros nas opiniões para a realisação das suas utopias, e formam por isso tres seitas distinctas. *Communismo, Forierismo* e *Sansimonismo.*

Teremos occasião de fallar de cada uma d'ellas.

Achamos de toda a conveniencia apresental-as e discutil-as, porque desgraçadamente é innegavel a consideravel adhesão que encontrou nos espiritos da classe operaria por occasião das convulsões politicas que têm ensanguentado a infeliz França.

O systema de Owen, designado por seu auctor *systema cooperativo,* representa bem o que é communismo na força rigorosa da palavra e o que pretendem os chamados reformadores.

Ha no testimunho das suas ideas uma circumstancia que a ninguem escapa, é de não tomar a serio o que dizem estes homens; promove a hilaridade o absurdo das suas proposições.

Vejamos: Owen principia por destruir tudo, negar tudo; a propriedade individual, o casamento, a familia, a moral, os deveres, direitos do homem, a liberdade, a sua responsabilidade moral.

Segundo Owen o homem, sendo irrimissivelmente sujeito ao seu destino, não pode por si dominar suas paixões, porque é a seu pezar o jogo das circumstancias que o cercam. Tudo no mundo soffre a influencia da lei natural e dos acontecimentos imprevistos que se succedem. Só a fatalidade determina o bem e o mal; não ha merito nem demerito, porque os actos do homem não são livres; é portanto flagrante injustiça fazel-o responsavel por suas acções, não ha por consequencia penas nem recompensas.

Tal absurdo vai além do fatalismo professado pelos mahometanos; é a mais atroz injustiça attribuida a Deus!

De taes conclusões na ordem moral deduz-se uma communidade espantosa na ordem dos interesses. É assim que Owen a concebe sem restricção nem regras. Cada um faz o que quer, apropria-se do que quer; tudo é facultativo, nada obrigatorio. Uma benevolencia absoluta é a lei geral.

Owen teve occasião de ver desmentida a excellencia das suas theorias na demonstração pratica da sociedade cooperativa que foi organisar nos Estados Unidos da America com os emigrados correligionarios que quizeram acompanhal-o ao novo mundo.

A desintelligencia entre os membros e o chefe não tardou em dissolver a nova republica, dando-lhes por desengano a miseria.

(Continúa) *A. J. Sousa.*

SONETO

Ai de mim! Ha seis noites incessantes
Que não sei que é dormir d'um somno só;
Perdidas tenho já as côres brilhantes...
Meu triste carão é mesmo—um dó!

Minhas carnes... tão rijas que eram d'antes,
Parecem-me ao tocar-lhe—pão de ló:
Se assim passo mais tres noites cruciantes,
Dentro em pouco hão de ver-me feito em pó!

E sempre esta mulher no pensamento,
Balando-me a existencia, e sem socego
Me permittir sequer um só momento!

Assim tal vida 'num soffrer ardego
É da gente embriagar-se, e num alento
Comsigo arremessar para o Mondego.

Lopo Cesar.

Rosa esfolhada

(Continuado do numero antecedente)

'Numa tarde, as nuvens pardacentas e assustadoras desdobravam-se no ceu, e estendiam a noite pelo mar irado e negro; e Hellena, que amava estes espectaculos, extasiava-se sentada no pincaro d'um cachopo com os olhos fitos no horisonte franjado de lividos raios.

Absorta 'naquella contemplação, não presentiu uns olhos vividos que a devoravam.

Quando os vagalhões, erguendo-se altos e com estampido tremendo, se chocavam; e no barulho, redobrando a furia selvagem, se arremessavam contra os rochedos, cobrindo-os de branca escuma; quando ao clarão sinistro succedia o fracasso do trovão mais assustador, soturno e rouco, a criança ria, pulava e batia as palmas com frenesi delirante.

Era a delicia predilecta a afagal-a concentrada na abstracção do extasis infantil.

— Louquinha! lhe vibrou nos ouvidos uma voz argentina no involucro d'um suspiro.

E Hellena abriu os grandes olhos, tremeu e quiz fugir.

— Não fajas, que mal te faço? lhe disse o joven tomando-lhe as mãos meigamente, sempre esquiva, sem que t'o mereça! Vês estas ondas, que encapelladas pelo furor da procella, parece quererem quebrar este ceu de bronze, e atassalham-se em esforços vãos? Assim és tu contra este amor que por ti sinto, que é o meu martyrio, e que o teu desdem acrisola! Mas porque abaixas os olhos? Porque coras? Ai! fita-me, deixa correr nas tuas veias o fogo d'este anceio que me devora...

E beijou-a, cerrou-a nos braços, e a criança ingenua, muda e immovel, já não procurava desligar-se d'estas caricias!.....

Ai, sublime da idealidade da vida!
Ai sonho formoso! *(Continúa).*

A RAPARIGA DAS PERAS

As tuas peras são doces,
Que parecem marmellada,
Trago a bocca consolada,
Satisfeito o palladar;
E depois por muito tempo,
Confesso, não é segredo,
Fico chuchando no dedo,
P'ra melhor saborear...

Gosto sim das tuas peras,
E muito mais inda gosto...
Das maçãs d'esse teu rosto,
Pois devem ter bom sabor...
São bastante appetitosas,
Frescas, macias, rosadas,
São como os contos das fadas
Que desafiam amor...

Tens ainda uma outra fructa
No teu rico taboleiro,
Para a qual não ha dinheiro
Que a possa satisfazer;
Tu bem sabes do que tracto,
Dos dous pomos encantados...
Que por serem tão guardados,
Hão de um dia apodrecer...

Porto, agosto de 1871.

Francisco Xavier da Silva.

COIMBRA — Typographia de Manuel Caetano da Silva.

A EGREJA DE S. SALVADOR DE COIMBRA

I

> .....aquelles, a quem na adolescencia o vento resequido da philosophia esfolhou uma a uma as doiradas crenças da infancia, e trocou as flores da fé pelos abrolhos da duvida e as cores vivas do prisma pela negridão da incredulidade, esses, ainda assim, acham nos templos vetustos irresistivel encanto.
>
> Sr. A. Filippe Simões: Reliq. da Archit. Rom.-Byzantina em Portugal.

Fixar epocha a este monumento sagrado ainda o não poderam fazer muitos e mui distinctos escriptores; é certo porem que dentro das muralhas Fernando Magno, conquistando Coimbra em 1102, já encontrou este templo, apresentando o cunho da maior antiguidade.

Fr. Leão de S. Thomaz, este illustrado chronista, diz que o Mosteiro da Vacariça se fundou pelo seculo VI, e a egreja de S. Salvador era obediencia, priorado ou pequeno mosteiro da filiação d'aquelle: 'nesta filiação continuou, até que, correndo o anno de 1094, o conde D. Raymundo, Logar-Tenente de Affonso VI, com sua mulher D. Urraca extinguiu o celebre mosteiro benedictino, e encorporou todos os seus bens e mais pertenças na, então mui pobre, cathedral de Coimbra, para sua dotação; com estes foi o pequeno mosteiro de S. Salvador.

Governava então a sancta egreja de Coimbra D. Cresconio, seu segundo Bispo, que do illustre conde acceitou esta doação.

D. Sisnando, governador de Coimbra, finou-se aos 25 de agosto de 1091, e o governo da cidade passou a D. Martim ou Martinho Moniz, casado com Gelvira ou Elvira Sisnandes, unica filha d'aquelle governador; e nos dias d'este D. Martim João Gundescendiz fez uma doação, *ad Aulam Sancti Salvatoris, obedientiae Vacarizae, quae est fundata in Colimbria civitate... etc.*

Esta doação, que aponta Viterbo, tem a data de 1093.

Ora a filiação ao mais antigo mosteiro benedictino, qual era o da Vacariça, e a doação de Gundescendiz dizem-nos que a fundação da egreja de S. Salvador offerece mais antiguidade do que marca a inscripção, que na mesma egreja está á direita do portal, e que fielmente copiamos; diz ella:

† STEPHANVS
MARTINI SVA
SPONTE ⋮ FECIT ⋮ HVNC ⋮
PORTALEM ⋮ LESTI ⋮
FRONTE ⋮ E ⋮ M ⋮ CC ⋮
VII ⋮ E ⋮ M

Estevão Martins de sua vontade fez este portal, *fronteiro a leste*, era de 1207 (1169).

Pelo que levamos dito colhe-se que este Estevão Martins não edificou, mas reedificou o portal, muito de sua vontade.

Não acompanhamos *Gasco* e com elle o *Antiquario Conimbricense*, na traducção d'esta inscripção, mas inclinamo-nos muito ao que escreve o erudito sr. A. Filippe Simões na sua excellente obra — *Reliquias da Architectura Romano-Byzantina em Portugal:* diz elle: *E, assim, com estas observações, (falla da palavra* LESTI, *da inscripção), e com as que o exame archeologico do portal nos suscitou, daremos por demonstrado que a inscripção, os capiteis e as columnas, excepto a mais antiga, vieram de outra parte para aquella em que se conservam.*

Pedimos venia ao illustrado archeologo para quando tractarmos do interior do templo dizermos duas palavras sobre esta inscripção, e portal, a que nos parece pertenceu.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

Cabet, filiado no tempo da restauração dos Bourbons nos clubs socialistas, fez-se um dos mais apaixonados sectarios de Morus. O socialismo tornou-se para elle a sua paixão dominante, uma monomania, seu unico pensamento, não duvidando tudo sacrificar para a realisação da sua idea, posição, saude, familia e patria. Tomou por isso parte em todos os acontecimentos politicos d'essa epocha; mas a solução dos acontecimentos não favoreceu a esperança de Cabet. Luiz Filippe subiu ao throno. Durante este governo as ideas communistas sob a influencia do utopista Cabet conseguiram fazer numerosa conquista entre as classes obreiras. A revolução de fevereiro veio de mais a mais exaltar as esperanças d'estes homens, que esperavam a revolução social promettida pelos reformadores. Cabet, porem, desconfiava dos correligionarios; a sua idea era começar por partes a reforma para reorganisar o mundo social sem o uso da força.

Da revolução de fevereiro de 1848 resultou a queda de Luiz Filippe.

Com o estabelecimento da republica, representada pelo governo-Lamartine, a França ia constituir-se 'num regimen legal. Mas as massas populares não admittem philosophias; uma vez exaltadas, não ha para ellas meio termo; sua cubiça não estava saciada, a presa não chegava, e de mais a mais suas esperanças estavam illudidas.

O assalto ao poder era o unico recurso; formam-se em batalhões, construem barricadas...

Não nos afastaremos do fim do nosso artigo; os promenores dos acontecimentos vejam-se na historia.

Paris esteve a um passo da anarchia, em que mais tarde, 18 de março de 1871, devia cair. Valeu-lhe o genio inspirado de Lamartine, mas houve lucta e lucta sangrenta, em que um arcebispo deixou a vida.

Voltamos ao assumpto.

O desejo de Cabet consistia em fundar com os seus apaixonados um grupo modelo, que devia, segundo suas previsões; dar a demonstração pratica da excellencia das suas theorias

Ao lado porem d'este havia uma multidão d'outros reformadores, que pretendiam a todo transe operar a reforma pela força, e corriam ao assalto do poder para sugeitar o paiz inteiro ás suas absurdas experiencias.

Cabet achou-se com um pequeno numero fiel á sua bandeira. Espantosa scisão dividia os correligionarios.

O chefe communista não desanima, e continúa no proseguimento das suas illusões; organisa um systema no seu romance utopista *Viagem á Icara,* e espalha as suas doutrinas no *Popular,* orgão seu.

Cabet torna-se o alvo da opinião geral; o responsavel das ideas perigosas que se propagam; finalmente é considerado o chefe communista de toda a França, e como tal perseguido com animosidade.

'Neste estado de cousas (depois de 1848) passou-se á America com uma centena dos seus discipulos mais dedicados, afim de realisar ali suas utopias; estabeleceu em Nauvoo uma sociedade segundo as ideas descriptas na *Viagem á Icara;* mas encontrou na execução do seu plano decepções e contrariedades que lhe produziram entre os companheiros grande numero de descontentes; teve com elles violentas contestações, e viu depressa dissolver-se a sociedade.

A colonia *Icaria* foi uma serie não interrompida de desillusões e miserias. Os adeptos viram-se na necessidade de renunciar a seus sonhos chimericos, e voltar á Europa, depois de terem sacrificado em procura d'uma felicidade impossivel todo o fructo de seu trabalho e de suas economias.

Cabet morreu na miseria em 1856. Assim acabou este homem, cujas qualidades moraes os adversarios da sua opinião não deixam de elogiar como leal, honesto, e d'uma nobreza d'alma pouco vulgar.

Contra factos não ha argumentos. As producções do communismo estão sobejamente demonstradas; mas apezar dos desenganos não deixam os partidarios communistas, á maneira d'aquelles que pretendem resolver o problema do motu-continuo, de proseguir em suas chimericas ideas, e procuram infiltrar em todas as classes da sociedade os principios de tão deploraveis systemas, indo insensivelmente corrompendo os espiritos, pervertendo-os; ora dirigindo-se á ignorancia grosseira das massas, appellando para a sua desordenada cubiça; ora desviando intelligencias mesmo elevadas, excitando-lhes os sentimentos nobres.

Em vez de desvendarem os olhos e reconhecerem o vicio radical de suas opiniões não deixam todavia de attribuir os maus exitos que lhes tem demonstrado a experiencia á incapacidade pessoal dos chefes, ou a outra circumstancia local ou accidental; finalmente, a um defeito qualquer da machina, sem se lembrarem que o fundamento em que repousa a construcção d'essa machina está em opposição com os proprios principios de mechanica.

(Continúa) *A. J. Sousa.*

AO SAIR DO BANHO

Rompia o sol no horisonte,
Dourando as vagas do mar,
E, envolta na branca espuma,
Via-a nas aguas brincar.

Nadavam á superficie
As tranças do seu cabello;
Quem me dera a mim beijal-o,
Quem me dera agora vel-o.

Alegre saltava inquieta,
A espaços mostrando o seio!..
Eu por vel-a assim tão bella,
Sentia um louco receio.

Desejara ser as aguas
Em que a bella se banhava,
Talvez que assim acalmasse
A febre que me abrasava.

A nimpha lá sáe do banho
E somos aqui tão sós...
Ninguem o vê, nem o sabe...
«Não peque» diz uma voz.

Voltei-me e vi a meu lado
O cura da freguezia,
Fazendo cruzes ao démo.
O bom do padre sorria!

1871 *A. B. Rodrigues.*

IMPRECAÇÃO

Não me commoves, não, embora triste,
esquecido do prazer dos lupanares.
No furacão do vicio, entre os esgares
da seducção, do crime succumbiste.

Eras formosa, eu sei... Muito carpiste.
O fado te cegou, e nos algares
com libertino ardor, torpes folgares,
na onda do tripudio ao ceu subiste..

Hoje busco-te em vão; em vão te sigo!
Na mente a mesma estás, qual eras d'antes,
visão que penas geme a sós comigo....

Traição! ultrage infame das amantes,
vae-te p'ra longe, e esconde lá comtigo
a vida impura, o fogo de bacchantes.

1872 *A. A. Gonçalves.*

Nº4

A IGREJA DE S. SALVADOR,
DE COIMBRA

Rosa esfolhada

(Continuado do numero antecedente)

Desfez-se a tormenta.

Rompeu-se a couraça tenebrosa que cingia a terra.

Dardeja o sol esplendente, e trajando roupagens alvas, capeiam as nuvens nos espaços celestes.

E ao longe ouvia-se a voz d'um gondoleiro, que a brisa trazia involvida em perfumes. Ao pé o bramido magico das vagas, que animavam o chôro da desgraçada e vinham mugindo beijar-lhe os pés.

Hellena quêda, apertando com uma das mãos o peito; o seio nú, as tranças meias soltas ao sopro da viração, orvalhadas pelo pranto; pallida, louca, sorrindo; o braço estendido ao mar; a face voltada para o lado d'onde partira o quasi extincto canto; — Adeos, diz ella, gritando, não te esqueças de mim.....

E nem um echo lhe repetiu a voz!

Depois sentou-se, e em volta d'ella reinava a mesma solidão!...

Morrera a canção que a acalentava; expirara, afrouxando pouco a pouco, o enleio que a prendia alli, triste e lacrimosa; e no emtanto, reprimindo a respiração, com a mão impondo silencio ao mar, correndo atraz d'aquelle enlevo, parecia ainda soarem-lhe aos ouvidos aquelles sons amados, tão inteiros, enternecidos e suaves, como no momento em que começaram.

Depois, com desafogo infantil, escondendo as faces nas mãos, chorou por largo tempo, pezarosa do abandono, linda... linda.

Infeliz imagem da candura polluida!

*
* *

Um dia o velho, desconfiando das lagrimas da filha, teve um presentimento fatal. Não poude reprimir a ancia; chamou-a junto de si, e ora com meiguices e promessas, ora com durezas e ameaças arrancou o segredo que a pobrinha queria, mas ja não podia occultar.

Quando foi ao pronunciar o nome do seductor, dobrou a insistencia do pae inflexivel ás lagrimas e rogos que exhalava a filha de joelhos e desvairada.

Foi mister illudil-a com o promettimento da impunidade, para lhe declarar que, ás horas mortas, costumava receber os carinhos do amante lá em baixo, junto ao penhasco que se inclinava ao mar, e que 'naquella mesma noite uma luz, tremulando na prôa d'uma chalupa, lhe annunciava a chegada d'elle.

Ficou pensativo Jorge; e á noite ordenou á filha que se recolhesse, e elle ficou velando a fitar a immensidade.

Havia muito que se conservava na mesma posição, mas a resignação, que nunca o tinha abandonado, ia-o entregando a um furor extremo.

Elle, que primeiro cruzara os braços, agora rangia os dentes com os punhos cerrados.

A luz que lhe illuminava a casa, mortiça e tremula 'num ultimo lampejo, extinguiu-se; e ao mesmo tempo scintillou ao longe na escuridão um ponto luminoso.

Estremeceu o militar, extatico até alli; applicou a vista, e, ora apparecendo, ora desapparecendo, a luz vinha-se aproximando. E uma cantiga meiga e tetrica soava á superficie das aguas mansas, canção singela, mas tão cheia d'amor!

—Ah! És tu, infame? Maldição! que não acabas tuas vozes de ironia! rosnou convulso por entre os dentes. E desceu rapidamente o rochedo.

Sentira Hellena o ruido dos passos. Pé ante pé, viera espiar o que fazia o pae; procurou ouvir-lhe a respiração; buscou-o fóra da porta; quando, olhando o mar, viu a luz que alumiava o barco do amante. Pelos olhos lhe passou a vingança paterna; quiz gritar, mas a voz abafada pela angustia perdeu-se-lhe nos labios.

Bastante distava o logar da entrevista.

Delirante voou por entre os fraguedos pela vereda que ja conhecia. A meio caminho, subiu ao cume da penedia alpestre, no momento em que o mancebo punha o pé em terra e estendia os braços. Viu o veterano correr a elle, e meneando uma lamina que brilhou á luz fraca da lanterna, derribal-o; viu depois levantal-o, e soltando um grito, atiral-o ás ondas. Segunda vez brilhou o ferro.....

Hellena, que tinha perdido a voz, não viu mais porque perdeu então os sentidos, e o corpo bateu-lhe sobre as pedras.

(Continúa).

AS VIOLETAS DO PINDO

No Pindo, segundo affirmam
Abalizados poetas,
Só se encontram violetas
Tapizando o lindo chão!
As musas são bem felizes
Por andarem tão cheirosas...
E dormirem perguiçosas
No mais mimoso colchão!

Trepar um dia ao tal monte,
Em manhã de primavera,
Bellas musas, quem me dera
Meu desejo ver cumprir!...
Chegar lá inda mui cedo,
Encontral-as recolhidas,
E nas roupas involvidas
Vel-as qual sonho fugir...

Depois fazer um raminho,
Mettel-o 'numa redoma,
Conservar aquelle aroma,
Como presente do céo!
Aspiral-o noite e dia,
Fazer d'elle um companheiro,
Amal-o como o guerreiro
Sabe amar o seu trophéo.

Porto, 20 de setembro de 1871.

Francisco Xavier da Silva.

O TEU PREÇO

Ninguem te nega a belleza
Com que o Senhor te dotou;
A confessal-a, o primeiro,
Tu bem o sabes, que sou;
Mas a belleza é *bem fragil*,
Vive um momento e... passou!

Se em vez das formas airosas,
A transpirar seducção,
Houvesses dentro no peito
Formado um bom coração,
Que ardesse em chammas por outro
D'intensa e nobre paixão:

Melhor te fora por certo,
Que não verias findar
Qualquer amor á nascença,
Quando começa a brilhar:
Volcão em fogo, bem cedo
Montão de gelo ficar!

Porém não cuides, ó bella,
Que te não pague o valor.
Para provar-te o que digo,
E do teu preço em penhor
Linda redoma te compro,
E no salão te vou pôr!

Lopo Cesar.

EXPEDIENTE

Ill.mo sr. F....

As aravias que enviou a esta redacção não podem ser publicadas, não só porque ferem a moral, mas porque são attentados contra o bom senso e regras poeticas.

Sempre deram pasto á maledicencia publica os namoros escandalosos, e não sei que haja maior escandalo que o derriço apregoado nos jornaes, sabendo-se os nomes dos dois amantes. Era comedia chistosa a publicação das suas cousas, mas o papel que v. s.ª nos destinava, sobre não ser decoroso, não nos ficava a caracter. Por isso repellimol-o, e cremos que obrando assim poupámos o amiguinho a sérias provações.

Elmano, desconfiado do amor de Annalia, despedia os zephyros que traziam frescura ás faces melindrosas da sua amada, para que não viesse disfarçado com elles algum suspiro de astuto rival. Porém v. s.ª fia mais fino. Sujeito que em brincos de Cupido não teme competidores, atira-se ao *Zephyro*, arvorando-o correio de anhelos para um *anjo que o ennebria*...

Pois enganou-se, meu caro. O *Zephyro* não teve aprendizagem do lenocinio; voa, mas para Mercurio faltam-lhe as azas nos pés.

Temos conversado, quanto á moral. Vejamos pois as suas rimas á face da poetica e do bom senso.

Leia:

..... é o anjo que me ennebria
Em meus sonhos d'illusão perenne;
..... é a força ima que me guia (·)
Inflammando meu coração puro.
Lindo, bello é seu nome — Jardim —:
Inda em meus sonhos d'amor é ella
A só, virgem que me encanta a mim.

E agora supponha por um pouco que não é o auctor d'aquella obra. Não lhe dá vontade de rir? Não lhe parece que andou por alli o Rosalino?

Ora vou dar-lhe uma novidade. Saiba o meu amigo que o poetastro d'essa versalhada que ahi fica, concebeu a arrojada idea de fazer duas odes saphicas, e teve a incrivel felicidade de elaborar umas linhas que muito se lhe assemelham, pelo menos na configuração da escripta! Não crê? Eu vou certifical-o.

Queira ler:

D'ahi (··) se eleva ao throno excelso, acervo
Sagrado d'hymnos sonorosos; parca
Luz penetrando o templo, mostra o objecto
Do seu enlevo.
Se a noite, negro manto estende, horrivel;
Se o vento silva tormentoso, e troam
Enfurecidos astros; vista pura
Tende ao Olympo.
.....

Já vê que lhe disse a simples verdade.

Agora a serio, sr. F...

Aquella sua prosa disfarçada em odes saphicas cheira tanto a clausura, é d'um accento tão sombrio, que, salvo seja, parodía bem os *Dois cadaveres* de Junqueira Freire. Ora nós não gostamos de ver assim na flor dos annos um rapazola a transpirar mocidade, mettido a um canto e feito anachoreta.

Demais, são tão gelidas as *suas odes*, que bem parece que v. s.ª mais se julgava no Marão, que 'num claustro solitario.

'Nestes tempos, que vão correndo frios, os leitores não gostam de carapinhadas, e eis porque não damos os seus versos á estampa. Para o verão fallaremos, e no entretanto digne-se mostrar-nos um *acervo sagrado d'hymnos sonorosos*, e ensinar-nos quaes são os *astros que troam enfurecidos*.

Quanto ao seu quadro prosaico, sinto dizer-lhe que tambem não vê a luz da publicidade; não porque deixe de attingir a belleza exigida, mas porque nos parece um recorte dos figurinos francezes, de que falla Garrett. Semelhantes, senão eguaes os têm, entre outros, Dumas e Eugenio Sue. De resto, a traducção não é boa.

Passe muito bem. Até ao verão.

(·) As reticencias encobrem o nome da sua pequena.
(··) Do côro.

COIMBRA — Typographia de Manuel Caetano da Silva.

FONTE DOS AMORES

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe puzeram, que inda durá,
Dos amores de Ignez que alli passaram
Vêde que fresca fonte rega as flores
Que lagrimas são agua, e o nome amores.

CAMÕES.

A Fonte dos Amores fica alem da velha ponte de Coimbra, na herdade das Lagrimas.

Eis tudo.....

É como se se dissesse que em lagrimas brotaram aquelles amores, e em lagrimas se perderam...

Alli, sentados na amenidade da sombra, respiramos os aromas subtis e a bafagem embalsamada da brisa gemente, ou no crepusculo do dia que desfallece, ou na penumbra cambiante da aurora que desponta.

Alli o murmurio da agua que afflue da cavidade da rocha, correndo mansamente, e cáe no meio das ondas concentricas; o ramalhar dos cedros gigantes, cujos braços vergam de cansaço e debruçam as ramadas sobre o tanque, como se pensativos scismassem; os gorgeios misturados dos animaes voadores que se aninham nas folhas dos canaviaes, a ausencia do susurro continuo do movimento da cidade: tudo se traduz 'num chôro ternamente amoroso; tudo geme lamurias, tudo nos falla d'amores e lagrimas.

Tanto, como o encanto do retiro, nos apraz a belleza poetica da tradição, com elle identificada.

Aquelles echos tantas vezes repetiram os suspiros virginaes da desditosa Ignez, longe dos afagos do amante. Sob a frondosa coma negra e esverdeada d'aquelles vetustos colossos se lhe desbotaram as esperanças, esmagadas pelo horror do presentimento.

Estes sitios que presenceáram os instantes venturosos da embriaguez d'aquelle affecto sublime e ardente, mais tarde, em 1355, viram tambem murchar os lyrios do thalamo regados com o sangue que jorrou do collo aberto da malfadada victima do furor de D. Affonso IV.

A crueldade da vingança no desenlace d'esta magnifica peripecia foi digna da malvadez do tyranno, que brandiu o ferro contra a joven, cujo delicto foi saber amar. É uma serie de atrocidades estupendas, que mancharam com a nodoa do crime a purpura do pae e a purpura do filho. Um, barbaro no commettimento; o outro, feroz na punição!

—«Se Deos quer que te sobreviva, cara esposa, é só para vingar tua morte»— exclama o Principe estreitando-lhe o corpo inanime em frenetico delirio, no auge da desesperação. E no desvairamento da paixão esquece a obediencia que deve a seu pae e rei, e á frente de um formidavel exercito, com as espadas nuas, vai lavar com sangue a affronta recebida. As provincias d'Entre-Douro, Minho e Traz-os-Montes são cobertas de destroços. A furia era tremenda, porque era insaciavel a sêde da vingança.

Passados annos, logo que o real diadema lhe adorna a fronte, D. Pedro não respeita o juramento magnanimo de perdão que nas mãos do pae tinha deposto; e no desatino das recordações da esposa que vinha ainda em sonhos verter-lhe no peito as lagrimas da separação, escutando só os impulsos crueis do coração, assombra o mundo com o castigo dos algozes de Ignez.

E aquelle espirito não tranquillisava, e não enfraquecia a vehemencia d'aquelle amor ardentissimo!

Em 1361, D. Ignez de Castro com a lividez do sepulchro nas faces, hirta, regelada, cingindo as insignias reaes, recebe da côrte, que se curva respeitosa beijando-lhe a mão, as homenagens de rainha, devidas áquella que D. Pedro I faz reconhecer como sua legitima esposa.

Espectaculo grandioso e unico!

Nunca um amor suffocado resurgiu mais deslumbrante, esmagando cadaveres e calumnias!

Ainda agora pelo silencio da noite, nas horas da poesia, quando a solidão é completa, talvez a branca sombra de Ignez meigamente melancholica, venha visitar a estancia, onde a vida fugitiva lhe sorriu ao lado do amante; e maguada de saudades, em troca de eguaes gozos talvez descobrisse com a ancia idolatra do amor o seio a novo golpe.

A. A. Gonçalves.

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

Tudo a todos, e o producto do trabalho dividido egualmente por todos, tal é a formula do *Communismo*.

A propriedade é o alvo a que esta forma de socialismo dirige seus primeiros ataques; e de mais além do ataque á propriedade, vai supprimir a liberdade do homem, e d'ahi, por uma consequencia logica dos factos, passa á destruição da familia.

A base do systema é: *que os homens, em saindo das mãos de Deus e da natureza, são naturalmente eguaes: sendo dotados dos mesmos orgãos, das mesmas faculdades, tendo todos as mesmas necessidades, devem em recta justiça gozar em commum dos mesmos bens; a propriedade, creando entre elles uma desegualdade odiosa, é a causa permanente dos males que affligem a sociedade.*

Destruir pois a propriedade é estabelecer a communidade dos bens; tal é o meio unico que se lhes apresenta para entrar na ordem da natureza da justiça e da legalidade. Mas não basta só decretar a abolição da propriedade, importa tambem impedir que ella renasça.

Para alcançar esse fim seria necessario reformar desde seus fundamentos a organisação social; para o fazer, decretar uma serie de medidas monstruosas e fazel-as guardar inteiramente sem discrepancia d'uma só, o que bastaria para comprometter a manutenção do systema.

O estado, em todo o systema communista, é o unico proprietario de todas as cousas; é quem designa a cada cidadão as funcções que deve desempenhar, o trabalho, e a somma d'esse trabalho ou tarefa que deve fazer; para o que põe á disposição de cada um os capitaes necessarios, isto é, os instrumentos de que carece para trabalhar; recebe os productos e os reparte por aquelles que concorreram para os produzir ou crear. D'esta sorte a sociedade representa uma vasta reunião de officinas pertencentes ao estado, onde uma população inteira exerce a sua actividade para receber a remuneração devida.

Dizemos a remuneração devida: e poder-se-ha 'nesta vasta officina, 'neste concurso de tantos seres differentes, em que se baralham as aptidões e a intelligencia, fazer uma retribuição equitativa a cada individuo?

Será justa e razoavel uma remuneração egualmente feita tanto ao obreiro forte, laborioso, intelligente como ao fraco, inerte, preguiçoso?

Suppunhamos que o estado, tendo em consideração as aptidões, paga uma retribuição proporcionada aos merecimentos.

Ahi teremos estabelecido um principio de riqueza relativa contra a restricta egualdade de seus irmãos, e por consequencia em opposição com os proclamados principios de nivelamento absoluto. Logo o meio a adoptar é remunerar com egualdade assim o obreiro que trabalha muito como aquelle que trabalha pouco.

Mas 'nesta hypothese o que acontecerá?

Sendo o salario egual tanto para o obreiro laborioso como para o preguiçoso e inhabil, que interesse terá pois aquelle em trabalhar?

Quem o estimulará ao proseguimento?

(Continúa). *A. J. Sousa.*

COITADINHA!

Eu sei que triste geme. N'aquelle rosto
Já não sorri a vida, em vão procura
As maguas occultar-me, a desventura:
Eu vejo fundo o golpe do desgosto.

Sacrificios mil por mim ha posto
Nas aras d'este affecto: amor, candura,
O seio lacerado,... Ai, formosura,
Tudo, tudo por mim tu has exposto!

Agora em pranto sempre! O que te fiz
Para ver-te a face sempre aborrecida?
Que magua te pungiu que não sorris!...

Se para mim, porém, tu estás perdida,
Fica gozando o mundo e sê feliz,
Recebe o extremo adeus,— não quero a vida.

A. A. Gonçalves.

O JOGADOR INFERNAL

(IMITAÇÃO D'UM CONTO DA EDADE MEDIA)

(Continuação do n.º 2)

No dia seguinte, achando-se reunidos os santos viajantes na ante-camara de Aurelio, disse a este Nosso Senhor:

— Fiquei satisfeito com a hospitalidade que recebi em vossa casa, e quero recompensar-vos d'ella. Pedi-me pois tres coisas, porque eu vol-as concederei.

Então Aurelio, tirando da algibeira um baralho de cartas com que andava sempre prevenido, disse:

— Fazei, Senhor, com que eu ganhe todas as vezes que jogue com estas cartas.

— Assim seja, respondeu o Salvador.

Mas São Pedro, que estava ao lado de Aurelio, segredou-lhe:

— E's parvo? Pede antes a vida eterna e a remissão dos teus peccados.

— Não me dá cuidado isso, respondeu Aurelio.

— Ainda pódes pedir mais duas coisas, disse-lhe Jesus.

— Senhor, respondeu o jogador, permitta a vossa bondade que todo aquelle que subir á pereira que está defronte da porta, não possa descer sem licença minha.

— Faça-se como desejas, respondeu Nosso Senhor.

São Pedro perdia a paciencia, e dando uma cotovelada em Aurelio, disse-lhe:

— Peccador endurecido, não tens medo do inferno, aonde irás parar pelas tuas iniquidades? Pede um logar no paraizo celeste; digo-te isto, porque ainda é tempo.

— Deixa-me, disse Aurelio ao apostolo arredando-se d'elle; mette-te com os teus negocios, e deixa-me a mim tractar dos meus.

E tendo Nosso Senhor perguntado qual era o terceiro pedido, Aurelio respondeu:

— Desejava que todo aquelle que se assentasse no escabello que tenho ao pé do forno, não podesse levantar-se sem licença minha.

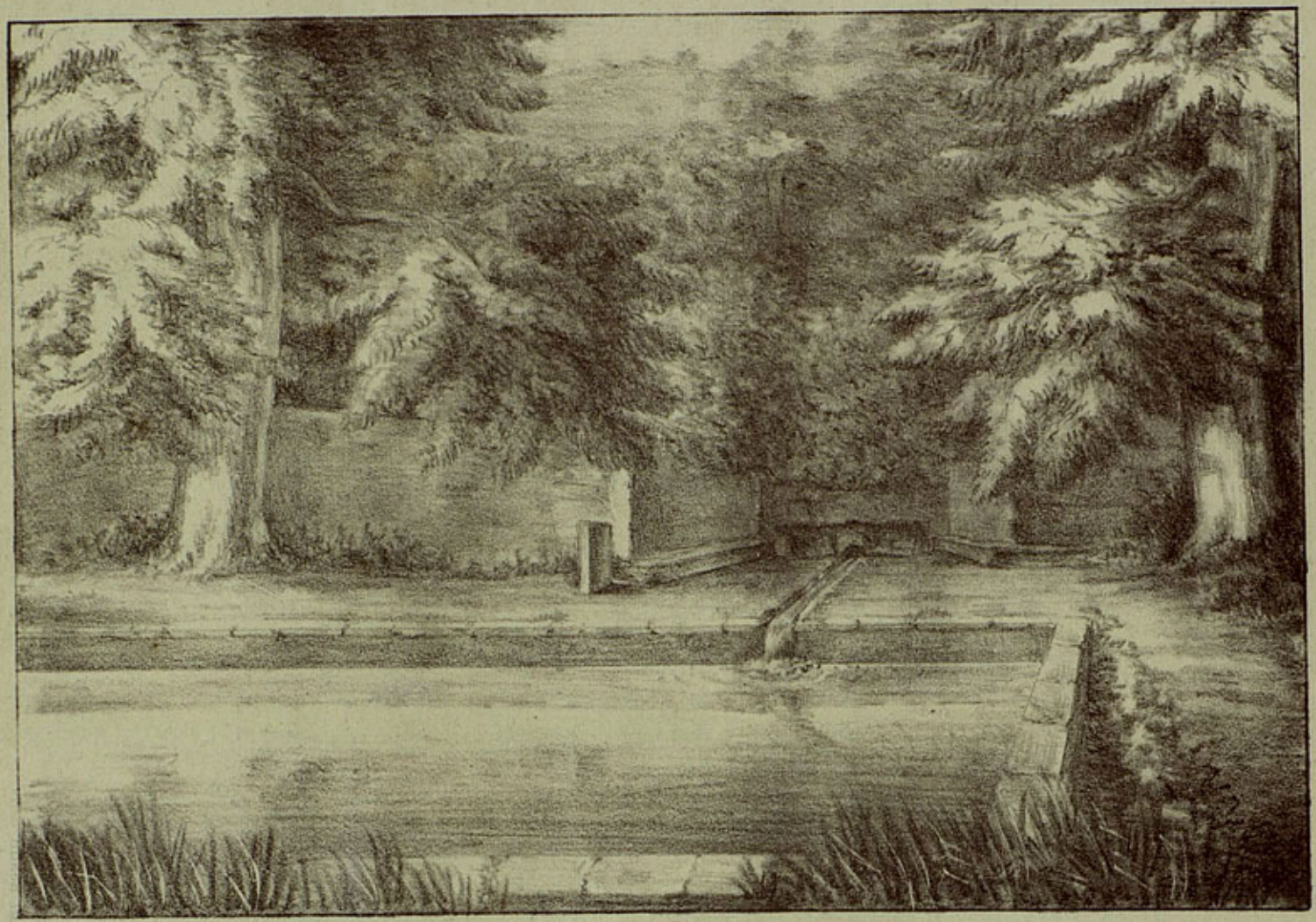
— Seja como dizeis, redarguiu o Altissimo; e despedindo-se de Aurelio, foi-se com os seus apostolos.

Apenas os hospedes haviam transposto os umbraes da porta, quando Aurelio, querendo certificar-se da virtude das cartas, chamou o mordomo, convidando-o a que jogasse com elle uma partida.

E ganhou não só uma, mas todas quantas jogou.

Não era possivel duvidar.

Metteu-se Aurelio 'numa carriola, e foi logo em direitura á cidade onde alugou o melhor aposento na estalagem de mais fama. Immediatamente se espalhou a noticia da sua chegada, e os antigos companheiros na devassidão correram logo a procurar Aurelio.



N.º 5

FONTE DOS AMORES

— Julgavamos-te perdido para sempre, disse-lhe Ruben; tinham-nos dito que te havias mettido eremita.

— E foi verdade, respondeu Aurelio.

— Então que fizeste em tres annos que te não vemos?

— Passei os dias na abstinencia e na oração, meus irmãos; e aqui tendes o fructo, accrescentou elle tirando o baralho de cartas da algibeira.

Desataram todos a rir, ficando convencidos de que Aurelio havia restabelecido a sua fortuna em terras extranhas, onde naturalmente nunca encontrara senão peixotes ao jogo. Os que estavam presentes já ardiam em desejos de o depennar pela segunda vez, e muitos d'elles tinham tomado logar á mesa; mas Aurelio pediu-lhes que antes de jogar se servissem de tomar uma pequena refeição, e levou-os para a casa da mesa onde os esperava um magnifico brodio.

Foi muito mais alegre este banquete do que aquelle a que tinham assistido os apostolos, posto que em vinhos não apparecessem outros senão os de Jerusalem e alguns do Rheno, que o estalajadeiro jurava por alma de sua defunta mulher terem vindo directamente das propriedades vinhateiras d'um grande e rico nababo, cujo nome corria então nas azas da fama; e entretanto não era vinho mais do que commum, com a differença de que estava esquecido na adega havia cerca de dez annos.

Aurelio tomou a precaução de procurar segundo baralho em tudo egual ao seu, pondo um d'elles á direita e o outro á esquerda.

Terminado que foi o banquete; começaram todos os convivas a jogar contra Aurelio servindo-se das cartas compradas.

Viu logo Aurelio que os seus adversarios ganhavam sempre; mandou então que lhe trouxessem licores, e em quanto elles bebiam, escamoteou o novo baralho substituindo-o pelo seu, Seguro de que havia ganhar d'alli em diante, empregou toda a sua attenção no jogo dos adversarios, e não tardou em descobrir que elles trapaceavam sendo roubado indignamente.

Esta descoberta abafou-lhe os escrupulos que poderia ter tido, e disse comsigo que em boa consciencia lhe era permittido recobrar d'aquelles homens o dinheiro que tão deslealmente elles lhe haviam subtrahido. A idea de vingar-se de homens tão infames enchia-o de alegria.

A lembrança porém dos doze filhos familias que Aurelio tinha arruinado em outro tempo, mortificava-o no mais intimo d'alma; aquelles tinham jogado com lealdade, e elle precipitara-os 'num abysmo eterno. Soltou um suspiro; mas nem assim deixou de jogar ganhando partidas umas após outras.

'Nesta primeira noitada, Aurelio houve-se de maneira que não ganhasse mais do que á justa a quantia necessaria para pagamento do aluguer e sustento na estalagem durante um mez.

Os companheiros, de viseira cahida, e de sobrolhos carregados, despediram-se promettendo entretanto voltar em breve.

(Continúa). *J. Melchiades.*

DUAS VERDES COM DUAS MADURAS

(VERSOS OFFERECIDOS POR UM MEU AMIGO Á SUA AMADA)

Effigie do enfaro, ceraste gorgonea,
Eumenide feda, cocytia figura. .
Não tem mais alvor que teu collo mimoso
A neve luzente da serra na altura.

É fulva e tisnada e trevosa e tartarea
A tez que possues, de mogeira execravel;
De rosa, teus labios; teus olhos, da noite;
Teu pé delicado não tem comparavel.

Perfeito arcabouço de Titan, gigantea,
Estitica, tetra, nefaria visão;
Em tua cintura d'annel, apertada,
A vida se prende do meu coração.

Esconsa mumia, virago meduseo
De grenha revolta, fatifero aspeito,
Idea não fazes do amor violento
Que sinto por ti abrazar o meu peito.

As luridas mãos de pele coriacea,
Ao ver-t'as, meu genio se furta ao Permesso.
Oh! doce miragem d'est'alma sedenta
Os versos acolhe que *zambro* te off'reço.

Lopo Cesar.

NO ALEMTEJO

I

'Numa tarde de julho, ao cahir da noite, dirigia-se para sua casa um proprietario abonado, ou lavrador na linguagem da provincia; um pouco concentrado em pensamentos tristes, tinha-se esquecido de que ainda o separavam de casa duas compridas leguas.

Era noite cerrada, e a um leve bulicio o nosso lavrador estremeceu; e o cavallo empinou-se com o cavalleiro, que se tinha esquecido de o governar. Voltando ao uso das suas faculdades distinguiu um vulto que se precipitava para o seu caminho rugindo estas palavras:

— Já me conheceste? Eu venho vingar-me no teu sangue e pagar-me assim do que te vendi, e do qual me negaste o preço ajustado.

O lavrador, em apertos de condemnado, enterrou as esporas no cavallo ligeiro, e, curvando-se sobre a sella, sentiu o sibilar das balas que lhe passaram por sobre a cabeça. Ao fim d'um kilometro, pouco mais ou menos, sustou na vertiginosa fuga para reconhecer melhor a sua situação. Ninguem o seguia; mas continuou precipitado e convulso no seu frenetico empenho de escapar ás mãos implacaveis do seu perseguidor. Faltariam dois kilometros para entrar no povoado, e os loros partem-se, o cavallo cáe, que o chapeu ha muito tempo que o não sentia na cabeça. Apeou-se, tiritando desfigurado. Olha em torno de si e nada o interrompe, nada des-

cobre que lhe avive terrores, nenhum ser vivo se amostrava a seus olhos afogueados pelo medo.

— Ainda assim, murmurou, parar é morrer. O medo e o remorso tambem gelam. A justiça divina não se compra como os julgadores da terra. Deus ensanguenta as estrellas aos olhos do homicida.

Animado o cavallo e arrojada a sella, continua a dizimar o espaço. De repente ouve sobre a sua direita a detonação de um tiro, segue-se um gemido profundo, e o baquear de um cadaver. O cavallo estacou momentos, os cabellos ergueram-se na cabeça do cavalleiro, que cambaleou, e se deixou cahir. Que seria?

— O inferno conjurou-se contra mim, vociferou elle, a vingança de Deus ou do demonio vai hoje começar.

A queda, ainda assim, não foi desastrosa, ergueu-se, quiz fugir, mas o galopar de um cavallo avisinha se cada vez mais, as pernas oscillaram-lhe, esperou.

(Continúa). *Lopes Praça.*

Rosa esfolhada

(Continuado do numero antecedente)

Vinha a aurora a romper, e a claridade do dia nascente, espelhando-se nas aguas, transparecia através as brumas gelidas da manhã.

E uma mulher com as faces lividas, magras e laceradas, os vestidos em desarranjo, os olhos espantados, revolvendo-se nas orbitas roxas desgrenhada, rouca, os braços abertos, corria as ruas da aldeia, gritando, chorando e rindo. Debalde a interrogavam; proferia palavras soltas, linguagem do intendimento velado, e apontava o oceano e a sua casa.

E 'naquelle rosto desfigurado mal reconheciam a Hellena d'outr'ora.

A gente teve medo, porque a julgaram possessa, e contra a maldade criminosa de satanaz só nos exorcismos criam refugio.

Quando a nova da casa deserta, da chalupa sem remador e do penedo ensanguentado, se espalhou pelo lugar, todos choravam agrupados na praia, commentariando cousas provaveis. E notavam a louca, que de pé, no cimo da riba, estatua da desgraça, gemia palavras que o vento do mar levava; e o estridor das gargalhadas, que soltava, coalhava, como golpes de blasphemia, o sangue da pobre gente tremula de pavor e respeito.

'Num momento todos os rostos se voltaram, e um alarido de dor e desespero saiu de todos os corações.

O mar recebia mais uma victima d'este amor desventurado.

* * *

O sol tinha mergulhado na orla do oceano inquieto e fagueiro, que mansamente enviava as ondas languidas a abraçar as penedias levantadas e carcomidas. Nuvens diaphanas, vermelhas e amontoadas pareciam restos incadescentes d'um incendio vastissimo, e outros, tomando formas phantasticas, contrastavam com ellas, pelas massas de negras sombras, e davam a este horisonte um aspecto de tristeza que maguava.

Da capella havia saído um padre e junto um acolyto, seguidos de numeroso povo.

O ministro de Deos proferiu uma oração, e logo um canto singelo, mas bem accentuado, afinado por suspiros, cheio de religiosa concentração, expirou longe sobre as aguas, e perdeu-se na amplidão, elevando-se junto d'aquelle, cuja misericordia imploravam.

Foi longa a ladainha entoada por velhos e moços de joelhos, cheios de edificante respeito e confiança christã.

As lagrimas caíam de todos os olhos.

As mulheres apertavam ao seio os filhinhos, e os homens meditabundos pasmavam a vista nas ondas a desfazerem-se.

Era um espectaculo de lagrimas de paes a confundirem-se com as dos filhos. E os peitos pulavam, os soluços redrobavam.

Se a instantes paravam, pela cadencia da toada das ondas pareciam queixar-se tambem, e com elles entoar uma prece desconhecida.

Houve um curto silencio; mas a oração mais intima ainda vinha-lhes aos labios, que de leve tremiam a dar-lhe passagem. Depois levantou-se o clerigo, lançou a agua das santas bençãos para a banda do mar, em cruz, disse em alto palavras em latim; respondeu o sachristão, benzeu-se; e todos se benzeram. Levantaram-se em silencio dilacerante, passou o sacerdote pelo meio das alas com evangelica modestia e gravidade, todos o seguiram, chorosos e alquebrados, e cada um tomou a direcção da sua choupana.

Alguns voltaram-se para traz, e benziam-se resmoneando uma conjuração ao demonio das tentações.

Á noite e á lareira ainda os homens tinham os barretes na mão, e fallavam a proposito do acontecido.

E a sua consciencia estava socegada, porque fôra afugentado, em nome de Deos, á face da cruz, e da cerimonia religiosa, com esmero lithurgico, para não mais voltar, satanaz ou o espirito maligno, que lhes trazia as almas algemadas, e os amofinava pelo terror dos acontecimentos passados.

A. A. Gonçalves.

ERRATA IMPORTANTE

Egreja de S. Salvador

Linha 5, 1102, leia-se 1064 (1102).

Linha 27 e 35, Gundescendiz, leia-se Gundesendiz.

COIMBRA — **Typographia de Manuel Caetano da Silva.**

EGREJA DE S. THIAGO DE COIMBRA

Oh! renegue a historia os feitos,
Que mais vale a tradição.

J. F. DE SERPA. — *Cancioneiro.*

Assim como dentro de muralhas era a egreja do Salvador o mais antigo templo de Coimbra, fóra de muralhas, no arrabalde, era a de S. Thiago a mais vetusta egreja.

A sua fundação, quem é que a poderá assignar? Gasco, nas suas *Antiguidades de Coimbra*, fallando da edificação d'este templo, diz:— *Logo se partiu El-Rei em romaria a Sant-Iago, onde com muita devoção e lagrimas cumpriu a novena, e no fim da qual lhe offereceu os despojos e riquezas. que alcançara da presente victoria. A cujo louvor do glorioso Apostolo se levantou uma egreja, que é antiquissima, nobre no edificio, e no trato, no cabo da praça d'esta cidade.*» Colhe-se do dizer d'este escriptor que, depois de conquistada Coimbra em 1064 por Fernando Magno, este rei, em honra de S. Thiago, edificou este templo, o que é mais de crer, se notarmos o dia em que teve logar a conquista, que, segundo a chronica dos godos citada por Brandão, foi:—*era 1102 (1064) octava calenda augusti feria 6.ª in vespera Sancti Christofori Rex Fernandus cepit Colimbriam,*» vespera tambem de S. Thiago, pois que a egreja reza d'estes dois sanctos no mesmo dia.

Ainda mais. Antes do seculo X só tinham o titulo de *Basilicas* em Hespanha algumas egrejas monachaes, e a de S. Thiago gosava d'elle, como se pode ver no *Martyrologio*, onde se lê— «*Sexto Kalendas Septembris dedicatio hujus* Basilicae *Divi Jacobi Apostoli Colimbriensis!*» e só lhe poderia ser dado este titulo por todo o seculo XI, em que se começou a generalisar a quaesquer egrejas, fossem parochiaes ou monachaes.

O prelado compostellano tinha jurisdicção sobre ella, vindo ou mandando-a visitar, até que por uma composição, havida entre D. Pedro e D. Martinho, este direito acabou. O documento finaliza assim:—*facta karta Colimbriae decimo quarto kalendas aprilis era milessima ducentessima vigessima prima: Ego Petrus compostellanus, archiepiscopus:— Ego Martinus colimbriensis episcopus.*

É muito para ver e admirar a architectura das duas portas, que o sr. A. Filippe Simões classifica como romano-bysantina, dos fins do seculo XI ou principio do XII; confirmando, por esta architectura, a tradição, e o que levamos dito, que a sua fundação só poderia ser sob o governo de Fernando Magno, ou pouco depois.

As vieiras, que pela primeira vez appareceram sobre Caio Carpo, regulo da Maya, e que o milagre das praias de Bouças fez emblema do patrono das Hespanhas, brilham em toda esta architectura.

Ao entrar no templo, conhece-se que o vandalismo fez aqui o seu assento; todos os vestigios da antiguidade desappareceram.

De tres naves é a egreja. O lado direito é occupado pela capella do Sanctissimo, o arco e capiteis d'esta capella pertencem ao elegante gosto emmanuelino.

Da esquerda tres pequenas capellas existem, todas ellas destituidas de gosto: a primeira, que é de S. Eloyo, chama-se dos ourives, e assim o diz a inscripção que está na parede:

ESTA CAPELA
HE DOS OURI
VES DESTA CID.ª
TANTO DOS DE
OURO COMO
OS DE PRATA

A segunda capella é de S. Ildefonso, e estava vinculada na casa dos *Alpões*, como nos mostra o brasão, que occupa o alto do arco. Apresenta-nos este brasão, *em campo de azul cinco flores de liz de ouro, timbre braço armado, tendo na mão uma fita, com o grito de guerra*— NOTRE DAME DE POIM.—

De origem franceza é este appellido, que fez solar em Santarem, e d'esta cidade se ramificou por differentes partes. O ramo de Coimbra, a nosso ver, traz sua origem de Diniz de Alpoem, senhor de Esgueira e Embaixador a Aragão, que está sepultado na capella-mór do mosteiro de S. Jorge.

'Nesta capella jaz o seu instituidor, e a ossada está depositada em uma pequena arca de pedra, collocada debaixo d'um arco forrado de azulejo ao lado do Evangelho.

A inscripção d'esta pequena arca é em gothico, e diz ella:

EN HESTA SEPOLTURA JAZEM OS HOSSOS DAFFONS
O DOMINGEZ DAUEJRO PRIMEIRO IMSTITUJDOR
DESTA CAPELLA OS QUAEES FORAM AQUJ P
OSTOS PER PERO DALLPOI SEU TRESNETO
QUE ORA HE ADMJNISTRADOR DA DITA CAPEL
LA NO ANO DO NASCIMENTO DE NOSSO SENÕR
JHU X.º PÕ DE MJLLE QUJNHENTOS E QUATORZE ANOS

A terceira capella é da Senhora do Amparo, a qual foi edificada pelo mercador Manuel Rôiz, como se vê da inscripção:

S.ª D ME.L RÕIZ
MERCADOR
NESTA SDADE
E DE SVA MOLHER
VRÇALLA LU
IS E DE SEV F.º
AGVSTINHO
RÕIZ E DE SVS
ERDEIROS
1651

Na capella-mór, no dizer de Coelho Gasco, existia uma campa com um brasão; era este *partido com uma linha, na parte direita cinco rochas e na esquerda Leão rompente,* e a campa tinha a inscripção seguinte: *Esta sepultura é de Gil de Castro, e de Dona Aldonça das Povoas.*

Nada nos diz Gasco de quem seja este Gil de Castro; sem duvida muito nobre devia ser, pois que os seus restos mortaes occupavam tão honroso logar, como era a capella-mór.

Um pequeno reparo fazemos 'neste brasão: sobre o campo deveria ter as seis *arruellas dos Castros,* e não *cinco rochas.*

Gasta talvez estivesse a campa já em tempo de Coelho Gasco, e por isso seria mui facil enganar-se na descripção que fez, tomando *rochas* por *seis ruellas.*

Descrevendo este templo, não deixaremos no olvido um facto de muito interesse para a historia, ou, para melhor dizermos, — uma pagina bem negra na vida de Affonso V.

Foi 'nesta egreja, e junto ao altar mór, que o infante D. Pedro, duque de Coimbra, e D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches, ajoelhados, fizeram juramento sobre a sagrada hostia, de vencerem ou morrerem, quando partiram para os campos de Alfarrobeira; porém desgraças só colheram 'nesta batalha, porque em 20 de Maio de 1449 eram cadaveres!

Hoje esta antiquissima egreja de Coimbra até do numero das freguezias foi riscada, graças á civilisação e progresso d'este seculo, em que muito domina o camartello.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

DESALENTO

Na mente vejo perpassar o quadro
Da vida horrivel, que me prende ao mundo.
Que densas trevas! Que sinistro aspecto!
Só dor, sól ucto 'neste abysmo fundo!

Medonha e torva se me antolha sempre
Dentro em minh'alma essa negra imagem;
Ao peito anciado levo a mão violenta
E vou rasgal-o, mas... não hei coragem!

Ai! este anhelito a que chamam vida
É a tortura que me faz soffrer.
Limite?... A morte, sim, quem dera a morte
A quem da vida nada mais já quer...

A morte é balsamo, é allivio ás maguas...
Não é castigo, como diz alguem.
Pois soffre um morto? Pode acaso ainda
Soffrer um ente d'este mundo além?!...

Oh! se esta peia que me liga á terra
E que é só causa d'este meu penar
Quebrasse os elos, não soltava tudo?...
Soltava. Sim, para jamais atar.

Ó fim da vida, ao soffrimento acerbo
Minh'alma rouba para ao ceu levar.
Que bastem maguas. Amarguras bastem:
Viver só deve quem puder gosar!

Coimbra—15—4—72. *J. J. Cruz.*

APONTAMENTO HISTORICO-ARCHITECTONICO

Superbes monuments qui portent jusqu'aux cieux,
Du néant des humains l'orgueilleux temoignage!
RACINE.

De todas as artes, a que mais notaveis vicissitudes tem apresentado é a architectura. Ora mais, ora menos desenvolvida, segundo a indole e prosperidade dos differentes povos, é sempre admiravel nos seus movimentos e revoluções: desde as rudes edificações cyclopes até á perfeição technico egypciaca; desde o pilar do oriente até ao rendilhado subtil e estupendo das cathedraes de Strasburgo e Pisa.

A architectura é o retrato moral d'um povo: e na magestade das suas ruinas estão os fastos das suas glorias.

Na marcha da humanidade surgiu o Egypto, a Persia, a Syria, etc., e baquearam aniquilados pela lei eterna das nações. Na sua passagem apresenta-nos a architectura o cunho d'uma austeridade tyrannica, d'uma grandeza severa, d'uma execução mais que humana.

No Egypto, uma montanha de dura rocha, saltando em estilhaços aos golpes do camartello, transforma-se em esphinge. A estatua de Memnon surge do mesmo modo.

O capricho altivo e extravagante dos despotas Suphis, Sensuphis e descendentes, inflammados pela vaidade, por vinte annos redobram a oppressão d'um povo escravo e produzem os maiores dos gigantes do Nilo, que, rasgando com os vertices as nuvens, parecem affrontar a eternidade, e humilham, espantam e confundem o viajante, que a desoito leguas de distancia os avista. Tresentos e sessenta mil homens ahi trabalharam!

Templos, labyrinthos e catacumbas, verdadeiros arrojos de genios formidaveis, ostentam a magestade semi-selvagem do colosso!

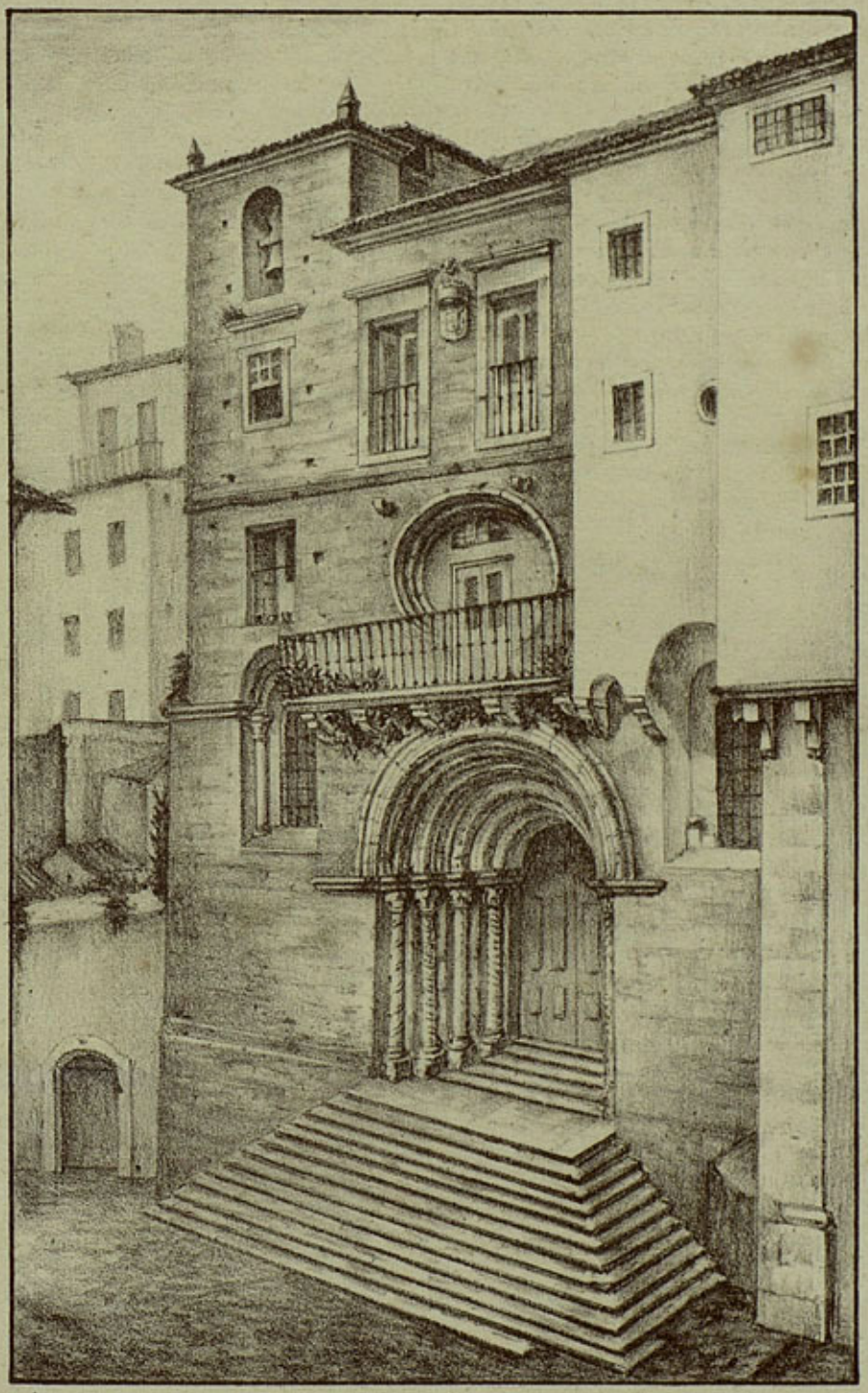
Na Babylonia, eram as muralhas, torres enormes e jardins suspensos, onde se arreigavam anosos robles, e as estatuas de Semiramis de magnitude quasi phantastica e incrivel.

De Thebas, Ecbatana, Ninive, Palmira e Troia, a sumptuosidade maravilhosa de seus palacios, muros e portas de bronze, são a exaltação sublime do maximo poder humano.

Mal se concebe a realisação de semelhantes construcções. A imaginação perde-se deante d'um labyrintho de Arsinoë, pyramide de Cheops e tantos outros semelhantes, cuja grandeza não ha palavras que exaltem.

Succumbiram os imperios do oriente, e com elles as edificações mais surprehendentes, que tenha concebido o genio de homens.

A magnificencia da fabrica entendiam-n'a nas dimensões prodigiosas da materia; não obstante, existia uma certa unidade na disposição das ornamentações estereis e pusilanimes: as ruinas soberbas de Pompeia e Herculanum claramente o certificam.



Nº6

A IGREJA DE S. THIAGO

(COIMBRA)

Mas o sentimento do bello, as galas da arte, a magia da sublimidade ideal traduzida no marmore 'num transporte de enthusiasmo, 'num devaneio de artista, a descoberta da maravilha inexcedivel, estava reservada para a phantasia exuberante dos Gregos.

Ahi é que o cinzel desdobra o apogeu da perfeição!

As poucas reliquias que o tempo e os homens têm respeitado, e que o buril principalmente de Italianos, Francezes e Inglezes têm immortalisado, attestam uma belleza tão completa e preciosa, que extasia.

Thebas, Corintho e Athenas são os templos das maravilhas do gosto esthetico das duas artes gemeas, architectura e esculptura. Em toda a parte o aspecto grandioso de edificios magnificos e porticos sumptuosos. Era lá que existiam os templos esplendidos de Minerva, Neptuno, Theseu e outros.

(Continúa).

TENHO PENA . . .

Ella não é bonita, mas agrada;
Não arrebata, mas enleia a gente;
Ninguem a chamará, por certo, fada,
Mas tambem não é feia que afugente!

Eu por mim gosto d'ella e gosto muito,
E tanto que sem ser lá muito bella
Ás vezes a mim proprio me pergunto
Porque será que eu gosto tanto d'ella?

Nem eu o sei dizer; mas é verdade
Que a estou a ver na alma a todo o instante;
E' que ella tem nos olhos tal piedade,
Que attrahe a si o mais esquivo amante.

Ella toca piano; mas, coitada,
Pouca alegria tem para tangeres;
E' nova na edade, mas cançada
Já de gosar na vida os vãos prazeres.

Dança ás vezes tambem, mas sobre posse
Aborrecem-se os turbidos folguedos,
Vi-a chorar um dia... ai! quem lhe fosse
Desentranhar os intimos segredos!

Ninguem comprehende bem aquella vida.
Vê-a a gente sorrir—julga-a feliz;
Mas não é assim—a fala dolorida
Os sorrisos mil vezes contradiz.

Hontem passei com ella uma hora inteira,
Estava triste e roxa, como um goivo;
Conheci que a sua dor é verdadeira,
Quer-se casar, mas não encontra noivo...

J. Simões Dias.

INSCRIPÇÕES QUADRANTARIAS

Guanonica se chama a arte de construir relogios do sol. Era antiquissimo o seu uso entre os egypcios, chaldeus, e outros povos.

Na Grecia foi Anaximenes quem traçou o primeiro 520 annos antes de Christo. Entre os Romanos só depois da primeira guerra punica foram conhecidos, quando Valerio Messala levou da Sicilia para Roma o primeiro relogio do sol.

Curiosas são as inscripções gravadas em alguns relogios do sol, que aqui apresentamos:

Dum fugit umbra, quiesco.
Em quanto a sombra foge, descanço eu.

—

Una dabit quod negat altera.
Uma dará o que refusa a outra.

—

A mesma idêa em italiano:
Le do buone, le do male.

—

Me lumen, vos umbra regit.
Rege-me a luz, a vós a sombra.

—

Dubia omnibus, ultima multis.
A hora presente é incerta a todos, a ultima a muitos.

—

Latet ultima.
Esconde-se a ultima.

Na biblia ha excellentes conceitos para poderem ser gravados tambem em relogios de sol:

Umbra transitus est tempus nostrum. SAP. 2
Como a sombra passa a nossa vida.

—

Dies mei sicut umbra declinaverunt. PSAL 101
Meus dias passaram como a sombra.

—

É bonito este conceito em italiano:
Ombra fallace che mentre s'appressa fugge.
Tanto como se aproxima foge a mentirosa sombra.

—

Utere præsenti, memor ultimæ.
Empregae a presente, lembrando a ultima hora.

A. F. Barata.

PORQUE CANTO?

Porque canto?—J. FREIRE.

Porque a terra tem mulheres
Tão formosas como os anjos,
Os cherubins, os archanjos
Que demoram lá no ceu;

Porque o ceu tem as estrellas
E uma côr d'amenidade
— Esse azul da immensidade
Que espelhar-se vai no mar;

Porque o mar tão grande e forte
É simulacro excellente
Do valor omnipotente
Que veneramos em Deus;

Porque Deus talhou p'ra tudo
Quanto existe viva imagem.
Fez echo, fez miragem
Por ter feito som e luz.

E os cantos retratam e deixam impressos
Reflexos de quanto nos causa commoção.
De Deus a grandeza; d'amor os encantos:
Os cantos são d'alma fiel traducção.

Lopo Cesar.

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

O meio unico a adoptar para obstar a este inconveniente é que o trabalho seja feito em commum, afim de que a vigilancia no mesmo seja reciprocamente exercida.

Mas isto não é bastante.

A desegualdade não se fará esperar; teremos: que em quanto uns, recebendo o salario, o irão gosar em companhia de suas mulheres e filhos, outros o dissiparão; acontecerá com certeza que aquelles economisarão, estes não. Ahi teremos por consequencia renascida a propriedade individual.

Para destruir toda a sorte de economia considerada crime 'numa sociedade communista, terá o estado de recorrer a uma intolerancia inquisitorial, ou peior, porém mais seguro, é forçar a viver, comer e vestir em commum, etc.

Suppondo que seja possivel crear uma sociedade assim organisada; poderá ella conservar todos os seus membros em uma perfeita egualdade? Não com certeza.

A diversidade das profissões é uma condição necessaria a toda a sociedade que aspira á civilisação. Ora, de qualquer das maneiras porque considerarmos a questão, esta diversidade constituirá por si mesma uma serie de desegualdades.

Pois o trabalho não é desegual?

Os diversos officios não têem o seu merecimento relativo?

Não são uns mais considerados e avaliados do que outros?

O espirito humano ha de sempre honrar o trabalho do grande artista; admirar a intelligencia fecunda do escriptor.

Ter na mesma conta e remunerar egualmente assim o trabalho do genio e da intelligencia, que só certos homens poderão produzir, como o trabalho do ferreiro, do cavador, do moço de fretes, etc., trabalho que só exige exforços musculares, é o maior dos absurdos que se póde conceber. O trabalho d'aquelles ha de sempre merecer a homenagem, a estimação, o enthusiasmo que a sociedade presta ao talento. A cada profissão hão de sempre corresponder ideias, gostos e necessidades differentes.

Resta-vos um remedio, reformadores, para tirar as difficuldades; é elle muito simples.

Acabar com as artes e sciencias, como pretendia Babeuf.

Então sim; podeis *crear* a necessidade do trabalho em commum para matar a preguiça, a necessidade do consumo em commum para tirar todo pretexto de economia, estabelecer a egualdade no estado semi-barbaro; se quereis fugir ás consequencias inevitaveis das desegualdades intellectuaes.

Ahi tendes as condições necessarias do estabelecimento do regimen communista.

(Continúa). *A. J. Sousa.*

NO ALEMTEJO

(Continuado do numero antecedente)

II

Passaram poucos minutos quando sobre a sua direita descobriu um cavalleiro encapotado com uma espingarda na mão. Fixaram-se um momento; e logo depois o recem-chegado quebrou o silencio:

— Tu aqui 'neste estado, Pinheiro?! Ah.. ah... ah... Foste toda a tua vida um poltrão.

— Não te reconheço por mais que gracejes. O meu cavallo espantou-se, e a minha má estrella quer que eu sempre dê com cavallos espantadiços.

— Um... Então o teu *Nisa*, o melhor cavallo d'estes sitios, é espantadiço. Pois vou-te metter uma bala no toitiço para não mentires outra vez.

Estas palavras não se acabaram sem um movimento do encapotado para ageitar a espingarda, e sem que o *lavrador* Pinheiro cahisse de joelhos implorando piedade:

— Eu não te conheço, tem piedade de mim. Sim foi elle — o meu espectro, que descarregou sobre mim uma espingarda de dois canos. Oh! mas tem tu piedade de mim, tu que tão bem me conheces.

— Vá lá. Passo-te por esta vez. E vou-te fazer um favor. D'aqui á povoação vais em segurança. Se fores tambem jurado no julgamento de um reu que te mandar perguntar: se o teu *Nisa* é espantadiço, has de absolvel-o. Percebes?

— Juro-o.

— Se faltares, morres. Tem-no assim entendido.

D'alli á povoação acompanhou-os o silencio. Separaram-se com estas palavras:

— O dito, dito, poltrão; a tua cabeça ha de responder-me por ti.

— Vae tranquillo. Não faltarei.

(Continúa) *Lopes Praça.*

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a este jornal deve ser dirigida a **José Maria da Silva Torres,** Estação Telegraphica de Coimbra.

Preços: por anno 1$200; por semestre 600; por trimestre 300; por mez 100 réis. Para fóra de Coimbra, a mais o porte do correio. A importancia da assignatura correspondente a um mez será paga no acto da entrega de cada primeiro numero.

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

COIMBRA — **Typographia de Manuel Caetano da Silva.**

O MONDEGO

Quem não viu ainda, na estação das flores, o Mondego a serpear frouxo e fagueiro no vasto areial, não sabe o que é sentir saudades no mysticismo d'umas aspirações ignotas, que nada tem de mundanas.

E a viração constante que menceia os salgueiros e curva os vimes que roçam a face espelhada das aguas, como se em beijos lhes dessem o adeus na passagem lenta, a ciciar-nos confidencias que nos cahem na alma!...

Eu prefiro a impressão meiga á imponencia majestosa e severa da paizagem.

Nas margens do Amazonas o vigor selvatico d'uma vegetação possante enraiza os troncos vergados pela vetustez; e as ramagens enlaçam-se, contorcem-se, e suffocam os rebentões nascentes nos enredos das matas virgens. Debaixo d'um ceu toldado pelos horrores da procella, entre o esplendor fugaz dos raios e a rouquidão da ventania, o quadro ha de ser portentoso! As pedras destacadas das ribas, rolando no impeto da torrente que desce em catadupas entre abysmos, ha de harmonisar com o aspecto sombrio do panorama!

Lá a contemplação, elevando o espirito impavido, produz o philosopho, aqui a meditação, embalada pelos devaneios, agitados pelo bafejo doce da brisa, cria o poeta. Aqui as campinas viçosas da margem, enfeitadas com os encantos da primavera, exhalam uns aromas a rosmaninho que enebriam; lá as rochas escarpadas, a apertarem as ondas espumosas, suspendem-nos a alma entre perigos e receios. Aqui o canto das aves, que fogem da calma para a amenidade da frescura; lá o rugido pavoroso das feras nos accessos de furor. Lá a solidão enlutada; aqui a vida risonha.

Sensações introduziveis! Como isto é lindo!

Ao declinar do dia, a aragem enruga levemente a superficie da corrente e segreda uns sons que partem do seio das aguas e que nos enternecem sem os entendermos.

E a lua alevanta-se no ceu e desenha-se nas aguas, as areias rutilam, a corrente é de crystal, o leito de madreperola.

Aqui não chega o tedio da vida. Junto do Mondego não ha profano que não veja pairar-lhe ante a vista este resumo deslumbrante de todas as bellezas. Quando as auras serenas da noite ondulam as comas dos salgueiros e as folhas dos canaviaes, aqui, no fremito sonoro, sente-se o arrebatamento da sublimidade pathetica do extasis da saudade. O vozear longinquo, o ruido do atrito dos carros, a flauta pastoril, os latidos dos rafeiros, o chocalhar da agua, e o barco de manso a vagar á flor da corrente...

Como isto é lindo!

Leitoras, se um dia a sorte vos trouxer a estas margens, vinde respirar os balsamos da tarde, e soltae o pensamento por esse infinito de recordações e esperanças...

Ha de arfar-vos o seio, mas, em vida vossa, não vos esquecereis d'esse instante!

A. A. Gonçalves.

APONTAMENTO HISTORICO-ARCHITECTONICO

(Conclusão)

Quando a ambição romana estende seu dominio sobre a Grecia, o estampido do baralhar das espadas romanas victoriosas faz cahir o cinzel das mãos dos artistas, aterrados em face da destruição scelerata que quebra as imagens dos Epaminondas, Pericles e Pindaros. Tudo foge espavorido da ignorancia e cubiça dos invasores, que só apreciam o valor da materia.

Em Corintho as lavas do incendio pavoroso espedaçam e fundem as tão numerosas como admiraveis edificações e estatuas, e sepultando-as nas cinzas. Montões de pedras ennegrecidas pelo fumo parecem os sarcophagos das artes cobertos de negro luto!

Em Athenas não foi tão horrivel a devastação, ordenada pelos chefes. Mumio e Metello, parece que por inspiração instinctiva, põem termo ao saque, e ordenam que sejam levados a Roma os objectos mais preciosos que ainda restavam.

As artes em Roma tiveram tambem seus periodos de decadencia e florescencia. Durante os ultimos tempos da republica as artes adormeceram 'num lethargo, e só despertaram, quando no imperio de Augusto os artistas, extranhos ao luxo, tiveram na protecção do imperador guarida contra a miseria, e o templo de Jano foi fechado.

Claudio, Vespasiano, Tito, Adriano e seus successores fizeram o assombro dos povos com a grandeza dos seus amphitheatros, thermas, etc.

No reinado d'estes ultimos este mesmo impulso foi mais um revés para a arte.

Admiravel paradoxo!

Edificações em todos os estylos e de todas as escholas foram levantadas; e a alteração innovadora d'essas mesmas só serviu de anihilar o gosto do bello.

As pompas do Oriente, no reinado de Diocleciano, mais exaltaram o luxo, de que se resentiram muito as artes em Roma.

A architectura começou a pender para o abysmo; e vemol-a caminhar a passos rapidos para a sua degeneração, e depois aniquilação no tempo de Juliano. A profusão de ornamentos mais e mais bania aquella simplicidade, graça e delicadeza grega.

Roma não conseguiu uma eschola nacional. Havia uma variedade desordenada, que offendia as leis eternas e immutaveis do sentimentalismo artistico.

Comtudo, nos seus theatros, banhos, columnas monumentaes, arcos de triumpho e aqueductos, havia a manifestação d'uma concepção

mais ousada, e uma execução mais esforçada e gigantesca. São imponentes as ruinas do Pantheon, do templo de Vesta, da Paz, de Baccho, do circo Maximus, e as columnas arrojadas aos ares de Antonino e Trajano, agora coroadas com as imagens de S. Pedro e S. Paulo no Vaticano.

Pois a mais augusta fabrica do universo era o Coliseu, amphitheatro majestoso de forma oval, com quatro ordens de galerias riquissimas. Ainda hoje o aspecto nobre d'esta ruina produz uma variedade de impressões indescriptiveis, em todo o esplendor da magnificencia!

No fim do imperio a abundancia dos marmores, bronze e ouro, eis o que constituia a principal belleza.

Ainda Constantino e Honorio se esforçaram em vão por atear o fogo das artes enfraquecidas, chamando artistas de remotas provincias para a restauração dos monumentos publicos.

Os effeitos acompanhavam as causas no seu incremento de ruina.

Os barbaros sempre ligados, como torrente de grossas aguas, que se despenham pelos flancos sulcados de montanha ingreme, vinham de encontro ás portas de Roma e no feroz embate tudo esmagavam.

Finalmente, no tempo de Romulo Augustulo, as aguias romanas do occidente desabam inanimes com as gargantas rotas; e no seculo quinto começa um longo periodo duplamente calamitoso!

A. A. G.

MÃE... MADRASTA

(NO ALBUM DE A. E. DE MACEDO ORTIGÃO)

A mulher que não sabe ser mãe é a ferida mais gangrenosa da sociedade, a apostema mais nojenta no centro dos povos.

M. BORGES.

I

«Já te não posso, vadio,
Mais um momento aturar.
Teu pae não sou. Eu não tenho
Nenhum filho a sustentar.

«Sae d'aqui, rapaz, e vae-te
Esse mundo a percorrer,
Que de ti eu mais não saiba,
Que não mais te possa ver.»

Ás portas do lar paterno,
Onde vira a luz do dia,
De um padrasto deshumano
Taes affrontas recebia

Uma criança infelice
Que perdera o pae... e a mãe,
Que embora a mãe fosse viva,
Triste... não tinha ninguem!

Secca a fronte, o mau padrasto
Fóra o põe do limiar.
Em pranto desata o pobre
Sem lhe valer o chorar.

II

Negro pão de casa em casa
O martyr anda a pedir...
Vem a noite, e o desgraçado
Não tem aonde dormir!

Bate á porta do opulento:
Pede um logar á brazeira...
Vêm os servos que o despedem...
E eil-o ao frio a noite inteira!

Já surge além no horisonte
O astro d'ouro a raiar...
E o estonteado indigente
Inda busca descançar.

Ai! não póde. Acerbas dôres...
Viva lembrança dos paes...
—O corpo lhe tem molesto,
—O triste espir'to inda mais!

E logo da fome o espectro
Vem tiral-o do torpôr...
Lacerando-lhe as entranhas,
A caminho o obriga a pôr.

Ás casas vai do costume
Rogar caridoso pão;
Mas se 'numa tem conforto,
—Em vinte recebe o—não!—

E fomes, frios, maus tractos,
São-lhe o pão de cada dia...
E o desditoso a finar-se
'Numa continua agonia!

Tudo soffre, o miserando,
Sem de nada se queixar.
Era um filho innocente
Culpas da mãe a penar.

III

Lustros dois geme captivo
Na prisão do seu viver,
Contra o pobre o fado esquivo
Sem jámais embrandecer...

E ás dezoito primaveras,
'Nesta idade de illusão,
Que vivemos de chimeras,
Sempre ledo o coração,

Ao martyr de negra sorte
A via acerba findou.
A fouce avara da morte
A vida alfim lhe segou!

IV

Ó mães inhumanas, que a troco de amores,
Os filhos que tendes no olvido lançais:
Mirae este quadro que encerra a negrura
Dos crimes atrozes que assim perpetrais!

Lopo Cesar.

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

O communismo na practica arrasta inevitavelmente certas consequencias forçadas, assim na ordem economica, como na ordem moral: primeiramente mata a producção, porque extingue todo o ardor pelo trabalho. Para que o homem seja excitado ao trabalho, sobre tudo quando exige esforços penosos, é necessario ser recompensado, tem em vista o seu bem estar e o de seus filhos: quem trabalhar muito merece muito, quem não trabalha nada merece; o primeiro terá muito, o segundo nada; é a praxe seguida. A cada um segundo suas obras; assim falla a razão e a justiça.

Em segundo lugar ir remunerar a todos egualmente sem ter em contemplação o serviço feito, o tempo empregado e a intelligencia com que

Nº 7

O MONDEGO

(VISTO DA MEMORIA)

foi executado, é a mais offensiva das desegualdades; é destruir d'um só golpe a fonte de toda a actividade, a dignidade do homem. A obrigação do trabalho em commum não impedirá a molleza no mesmo; em vez d'uma luta de estimulo que incite cada um a trabalhar mais, haverá pelo contrario uma luta de porfia a quem trabalhará menos. Qual o incentivo pois? Que interesse póde haver em trabalhar?

A experiencia mostra-nos: que na nossa sociedade, em que o salario é pago na razão direcrecta do trabalho, em que cada um goza dos proventos do seu lidar, é com difficuldade que o operario obtém o pão para si e para seus filhos.

(É preciso exceptuar d'esta regra os nossos funccionarios publicos, cuja remuneração de serviço está na razão inversa do seu trabalho).

O que acontecerá pois em uma sociedade onde cada um não trabalhará para si, mas sim para a universalidade? Essa sociedade, não tendo já deante de si o poderoso movel do interesse, que desenvolve a personalidade, incutindo-lhe a vida e a energia, bem depressa morrerá de inacção.

Em vão o socialismo invoca o bello movel da fraternidade e da dedicação d'uns pelos outros; é uma pura chimera.

Se para excitar o homem ao trabalho é preciso mostrar-lhe o attractivo do seu bem-estar, é mister recompensar-lhe esse trabalho conformemente ao fim a que se propõe; para excitar 'nelle o sentimento da dedicação e da abnegação d'uns pelos outros, é tambem necessario mostrar-lhe a gloria.

Fraternidade e dedicação são bellas palavras, mas que a practica desmente.

Fazer consistir os trabalhos quotidianos, que exigem as necessidades da sociedade, no esquecimento de si mesmo, para ter só em vista a dedicação pelos outros é a mais louca das utopias.

Mais ainda. O communismo não se satisfaz só em matar o trabalho, e reduzil-o a um *minimum* sempre decrescente; absorve o homem pelo chamado estado, anniquila-o tanto quanto pode, porque lhe tira a qualidade de ser moral; isto é, como livre e responsavel.

Se o estado é quem lhe designa as funcções, lhe impõe o trabalho, lhe marca a tarefa quotidiana que tem a desempenhar, e depois d'isto o obriga ao trabalho em commum, ao consumo em commum, o entala finalmente por todos os lados em uma escravidão mais pesada e insupportavel do que tinham ha pouco os escravos da Russia ou os negros da America, onde está pois a liberdade do homem?

(Continúa). *A. J. Sousa.*

PHTYSICO SCEPTICO

AO MEU PRESADISSIMO AMIGO JOÃO PEREIRA D'ALMEIDA JUNIOR

Eu vou em breve morrer!
Não m'o dizem, bem o sei;
Mas a febre que m'inflamma.
Esta ardente, intensa chamma...
E' a morte... Morrerei!!...

Da vida não levo pena,
Nem quero o mundo lembrar.
Só tenho affectos perdidos...
Não creio em prantos vertidos
Na campa que me abrigar.

A ninguem a minha morte
Sombra de dôr levará!
—«Mais uma vida ceifada,
Mais uma despida ossada»
Sem crença o mundo dirá.

Nem um goivo, uma saudade
Mão amiga irá depor!...
Nem uma lagrima qu'rida
Sobre a terra revolvida...
Nem triste canto d'amor!

Tive amigos. Na amizade
Luz serena julguei ver...
Soletrei essa palavra,
Que no peito doce lavra...
Mas jámais a pude ler!

Tive paes que amava muito;
Olhar de Deus os chamou...
Tive irmãos estremecidos;
Mas são amigos perdidos,
Que a morte a todos ceifou.

Tive amor ás mansas aguas
Do arroio cercando o val',
A's aves soltando endeichas,
Saudosas e ternas queixas
No rescendente rosal.

Era-me encanto a pureza
Da natureza sem véu,
Inspirava-me a harmonia
Dos astros, da noite e dia,
E das estrellas do céu.

Enlevavam-me os suspiros,
Que vêm da campina em flôr,
Onde cresce o verde olmeiro,
E o deslisar do ribeiro
Par'cia um hymno d'amor.

Amei sim! E não me dóe
Ver fugir tanta illusão!...
Olhava... Prendeu-me o abysmo,
E as trevas do scepticismo
Toldaram-me o coração!

As crenças minhas murcharam,
No mundo vejo-me só.
E as flores tão mal fadadas...
Penderam Ed-as calcadas
Seccas, envoltas no pó!

Eu vou em breve morrer!
Não m'o dizem, bem o sei;
Mas a febre que m'inflamma,
Esta ardente intensa chamma...
E' a morte... Morrerei!!...

Coimbra. *A. E. Macedo Ortigão.*

O JOGADOR INFERNAL

(IMITAÇÃO D'UM CONTO DA EDADE MEDIA)

(Continuado do numero antecedente)

No dia seguinte e nos immediatos não se fez senão jogar, e Aurelio ganhou uma fortuna inteira.

Comprou então um palacio, onde de vez em quando dava festins esplendidos; todos á porfia disputavam a primazia de travarem conhecimento com elle, e á sua mesa não se serviam

(VISTO DA MEMORIA)

senão vinhos dos mais generosos, tornando-se por fim a sua casa o centro dos prazeres da cidade.

Mais de um anno a fio jogou Aurelio com moderação, servindo-se alternativamente das cartas abençoadas e do baralho ordinario.

No fim d'este tempo resolveu dar xeque e mate e vingar-se da má fé dos seus parceiros, arruinando-os completamente.

Começou, realisando em alfaias, a maior parte da sua fortuna, e annunciou depois que no dia immediato daria um grande baile o qual terminaria por uma banca infernal. O amor proprio de cada um em particular exacerbou-se, os que não tinham dinheiro pediram-no com enormes juros, os proprietarios que haviam recebido as suas rendas na vespora, apresentaram-se trazendo comsigo todos os seus fundos.

Aurelio despojou-os inteiramente, e fugiu levando comsigo todo o seu ouro e joias.

Desde então prometteu a si mesmo não jogar senão lealmente, excepto quando se lhe deparassem trapaceiros. Viajou de cidade em cidade, entregando-se a todos os prazeres e satisfazendo todos os seus menores appetites; mas a lembrança dos doze filhos-familias perseguia-o por toda a parte e envenenava-lhe todas as suas diversões.

Um dia, em que se julgou mais infeliz, resolveu livrar as almas dos que se tinham perdido, ou então perder-se com elles.

Decidido a isto, partiu para o inferno, de páu na mão e sacco ás costas. Logo que chegou a uma salinha abandonada, sitio que lhe fôra indicado por uma velha feiticeira, desceu a ella, e caminhou, caminhou sem parar até que chegou ás portas do inferno.

—Quem és tu? perguntou o rei das trevas, quando Aurelio chegou á sua presença.

—Sou o jogador Aurelio.

—Que diabo vens tu cá fazer?

—Majestade infernal, disse Aurelio, se crês que o maior jogador do mundo é digno de ser teu parceiro, far-te-ei uma proposta: joguemos ambos, e de cada uma das partidas que eu ganhe ser-me-á permittido tirar-te das garras uma alma; se tu porém conseguires ganhar-me uma só vez, a minha alma pertence-te.

Ao ouvir esta singular proposta, Satanaz soltou uma grande gargalhada, que abalou as abobadas subterraneas, aterrando todos os demonios.

—Tens mulher e filhos? perguntou elle a Aurelio.

—Tão tolo era eu, respondeu o jogador; mas deixemos palavras escusadas; queres ou não queres jogar comigo?

—Que duvida, respondeu Satanaz arregaçando as mangas.

E mandou que lhe trouxessem uma mesa e cartas.

E logo um lindo diabinho, que fazia o officio de criado, trouxe o que se pedia.

—Queres jogar ao trinta e um ou ao monte?

—Ao trinta e um, respondeu Satanaz; ao monte póde-se trapacear mais facilmente.

Começaram.

Aurelio, logo á primeira partida ganhou a alma de Estevão, uma das suas doze victimas, e recebendo-a das mãos de Satanaz, metteu-a no sacco. Succedeu o mesmo com a segunda, terceira, e assim consecutivamente até á decima segunda: todas ellas, uma apoz outra, entraram no sacco.

—Se vossa tenebrosa majestade quer desforra, disse Aurelio, estou prompto a dar-lh'a.

—Muito bem, disse Satanaz, que suava grossas bagas d'agua, contendo quanto podia o seu furor; mas sinto aqui um cheiro desagradavel, e julgo que será melhor sahirmos.

Era isto apenas um pretexto para se livrar de Aurelio, e logo que este transpoz os humbraes do inferno exclamou o diabo:

—Aferrolhem a porta, tranquem-na, ponham-lhe os cadeados!

Vendo-se fóra d'aquelle antro, satisfeito Aurelio da sua victoria, veio-lhe á idea pregar uma peça ao inferno, e tirando da algibeira um pedaço de giz, que lhe servia para marcar as partidas, escreveu na porta o dicto do poeta:

«*Lasciate ogni speranza voi ch'intrate.*»

E por baixo desenhou um signal similhante a este:

E durante seis mezes, em que este signal feito a giz se conservou na porta sem se apagar, nunca ella se abriu, sendo impossivel ao inferno tragar uma unica alma; mais algum tempo de demora, e os diabos ficariam sem sopro de vida morrendo de fome; infelizmente que Aurelio não cuidou em servir-se d'um buril para tornar indelevel o signal da cruz.

(Continúa). *J. Melchiades.*

SONETO

AO ANNIVERSARIO NATALICIO DO MEU AMIGO, O DR. RICARDO GOMES COSTA, EM 4 DE MAIO DE 1872.

Permitta meu amigo 'neste dia
Que a minha voz se eleve em tom faceto:
Desejava offerecer-lhe um poemeto,
Mas a musa não quiz, por picardia...

Revezes com que luta a poesia,
Por isso grandes cousas não prometto;
Mas para não faltar, vai um soneto.
Ficar mudo não quero, é cobardia!

Contar libras é bom, mas contar annos
É melhor, porque a vida vai correndo,
E nós vamos ficando entre os humanos...

Ora rindo, folgando, ora descrendo,
Pouco a pouco colhendo os desenganos
Do mundo em que aos baldões vamos vivendo...

Porto, 3 de maio de 1872.

F. Xavier da Silva.

COIMBRA—**Typographia de Manuel Caetano da Silva.**

EGREJA DE SANCTA JUSTA

.....uma egreja.....
Mysterios em si tem que o affecto acordam.
SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Ao cabo da rua de Sancta Sophia assenta, em elevação, o majestoso templo de Sancta Justa. É muito moderna a sua edificação, e para que a sua historia se possa escrever, é preciso começar de mais longinquas eras.

Morto D. Cresconio, segundo bispo, occupou a mitra de Coimbra D. Mauricio, francez de nação, natural de Limoges, conhecido na historia pela alcunha de *Burodino* ou *Burdino*, monge de Cluny, da ordem de S. Bento (1099 a 1108).

Era o governo do conde D. Henrique, quando entraram em Portugal os monges da nova reforma de Cluny, chamados da caridade.

Estabelecidos no mosteiro de S. Pedro de Rates, largas foram as doações que receberam, não só do conde, mas de muitas pessoas da maior nobreza. D. Mauricio, chamando-os para a sua diocese, deu-lhes a egreja de Sancta Justa, no arrabalde de Coimbra, para alli fundarem o seu hospicio, *pagando sempre os mesmos padres á mitra os costumados direitos;* tem esta doação á data de 1108.

Com o grande poderio que alcançaram, ambiciosos se tornaram estes padres, não querendo obedecer a nenhuma outra pessoa que não fosse o seu abbade de Cluny. O senhor D. Affonso Henriques, que não desejava que as pessoas e bens do seu reino *livre e independente* reconhecessem superior jurisdicção em um extrangeiro, mandou que fossem expulsos do seu reino.

D. Miguel Salomão, que nesta epocha governava a mitra de Coimbra, pela renuncia de D. João Annaia, recebeu não só a egreja de Sancta Justa, mas todos os bens doados por D. Mauricio, e que pertenciam á Sé e Cabido; todos não, pelo que se colhe da composição havida, mais tarde, entre o bispo D. Bermudo e seu cabido, e o prior de S. Pedro de Rates *sobre a terça da egreja de Sancta Justa*, mantida a jurisdicção ordinaria, porem dando ao mesmo prior, em cada anno, por dia de Nossa Senhora de Setembro, um marco de prata, e consentindo-lhe o padroado.

É mui escura a epocha em que esta egreja começou a ser parochia: o sr. Ayres de Campos diz que em 1206 já apparece assim designada na transacção sobre certos direitos, que com o mosteiro de Sancta Cruz celebrou D. Pedro Soeiro, bispo de Coimbra, e D. João Cesar, prior do mesmo mosteiro; por collegiada a reconhecia o Cabido em 1380, no emprazamento de um casal, que fazia ao raçoeiro Esteve Annes. É certo que até 1708 foi esta egreja freguezia.

As continuas inundações do Mondego, que esta e muitas outras egrejas inutilisou, fez com que, escolhido novo local, se abandonasse este velho templo, para se fundar outro no final da rua de Sancta Sophia, na encosta do monte.

Sobre o motivo da fundação d'este sumptuoso templo, falem por nós as inscripções, que aos padres não esqueceram, collocadas aos lados da porta principal: diz a primeira:

PELLOS ANNOS DO
S.^{OR} DE 1100 SE FVN
DOV A IGR.^{A} ANTIGA
E HAVENDO IA M.^{TOS}
Q AS INVNDAÇÕENS
DO RIO ENTRÁVÃO
NELLA SENDO ESTAS
CONTINVAS COM TE
RRIVEIS TEMPESTADES
NO INVERNO DE 1708
AOS 17 DE FEVR.^{O} DE O
MESMO ANNO POR
ORDEM DO ILL.^{MO} S.^{OR}
ANTONIO DE VASCO
NSELLOS E SOVSA BIS
PO CONDE SE FES PROCISÃO DE
PRECES COM A IMA
GEM DO S.^{TO} CHRISTO
A QVAL SE RECOLHEO
A IG.^{RA} DE SANTIAGO
E NELLA SE COLLOCOV
A SOBRED.^{A} IMAGEM
NA TRIBVNA DO AL
TAR MAIOR E OS P.^{ES}
DESTA IGR.^{A} FICAR
ÃO CELEBRANDO
OS OFFICIOS DI
VINOS COM OS
BN.^{DOS} DA MESMA

A segunda inscripção diz respeito á collocação da primeira pedra em 1710:

AOS 24 DE AGOSTO
DE 1710 VEIO A ESTE
SITIO O ILL.^{MO} S.^{OR} BISPO
CONDE ANTONIO DE
VASCONCELLOS E
SOVSA E NELLE COM
TODA A SOLEMNIDA
DE E ASSISTENSIA DO
S RD.^{OS} CAPITVLARES
NECESSARIOS E CON
CVRSO DO POVO
BENZEO A PEDRA
A QVAL SE LANÇOV
AO CANTO DESTA
PARTE E FES AS MAIS
SEREMONIAS DA IGR.^{A}

A nova egreja é d'uma só nave com tres altares por banda: foi feita toda com as esmolas dos fieis e bemfeitores, apparecendo entre estes Barbara de Macedo, que larga doação fez em seu testamento para as obras da egreja.

Vemos pelos altares que foi acabada em differentes epochas, pois que no retabulo da capella mór e dois lateraes a obra de talha differe muito dos outros quatro; porém toda ella é perfeitissima.

Emquanto a pinturas, se exceptuarmos uma Virgem e Christo, que pertenceram á Inquisição, e um S. Bernardo, todas as outras são de nenhum valor.

Parte da frontaria foi mandada apear em 1818 pela collegiada: com o terremoto de 1755 esta ficou inclinada sobre a abobeda, e porisso receiaram que viesse a desabar.

Na porta lateral, que communicava para o celleiro da collegiada, está uma lapide na parede em caracteres romano-gothicos minusculos e maiusculos, em verso lionino, que reza assim:

HOC : IACET : IN : PVLCRO : RODERICVS : NEMPE : SEPVLCRO :
QVI : DOMINO : CELI : SERVIVIT : CORDE : FIDELI :
NAMQVE : LOCO : XPISTO : TEMPLVM : CONSTRVXIT : IN : ISTO :
QVOT : BENE : DITAVIT : SACRIS : DONISQVE : BEAVIT :
CLAVSTRI : STVCTVRAS : FVNDAVIT : NON RVITVRAS :
ATQVE : DOMOS : CVNCTAS : PER CIRCVITVM : IUNCTAS :
SED : VIGILI : CVRA : MISERIS : DANS : HIC : SVA IVRA :
TEMPORE : SVB : SCRIPTO : MIGRAVIT : PRESBITER : ISTO :
XVIII : KAL : SEPTEMBRIS : ERA : M : C : LXXXXIIII.

Nesta inscripção lapidar, que os padres da collegiada não quizeram deixar esquecida entre as ruinas da velha egreja, vemos que o presbytero Rodrigo edificou a egreja de Sancta Justa. Não podemos combinar como, doando-a D. Mauricio aos monges de Cluny, recebendo-a da mão do senhor D. Affonso Henriques D. Miguel Salomão, e fazendo uma composição depois D. Bermudo, appareça como edificador o presbytero Rodrigo!

Todavia lá está a inscripção que diz: — *construira a egreja velha, claustro e casas de habitação contiguas.*

Demais, estando no livro preto a folhas 169 a doação da quarta parte da *Quinta do Curval,* em terras de Sancta Maria, feita pelo presbytero Rodrigo, custa a crer que neste mesmo livro nenhum contracto se encontre feito entre os bispos e o mesmo presbytero sobre a egreja de Sancta Justa.

De todas as freguezias da cidade era Sancta Justa o melhor e mais rico templo, porém os reformadores de 1855 deram-no como inutil, passando aquella para Sancta Cruz — *e tudo isto para beneficio dos freguezes.*

A. M. Seabra d'Albuquerque.

CHÃO DA TORRE

Por este nome de—Chão da Torre—é ha muitos annos conhecido, em Coimbra, um fertil tracto de terreno, na margem direita do poetico Mondego. Nesse espaço limitado pelos bem conhecidos portos dos Oleiros, dos cordoeiros e rio, viamos n'outro tempo elevar-se a grande altura uma torre de quatro quinas sem tecto, sem campanario, e já começada a derribar pela face que olhava ao nascente. Se accreditassemos em noticias a esmo diriamos que um dos antigos proprietarios do terreno, tendo começado a demolição da torre lhe fôra embargada a obra, segundo uns pelos frades de S. Domingos, senhorios directos do predio; e segundo outros por uma das auctoridades do antigo systema politico, com o fundamento de que a torre por ser um monumento historico devia conservar-se em pé.

Pondo agora de parte a questão se ao senhorio util assistia direito para aquella demolição, a qual só podia resolver-se á vista da escriptura de emphyteusis, diremos que desamparada no meio da planicie sem indicio apparente de ligação, ou dependencia de alguma outra construcção architectonica, a terre era sem duvida o facto que deu o nome ao chão.

Foi ella emfim, por conveniencias especiaes do proprietario, e talvez mesmo de vantagem immediata da cultura do solo, totalmente demolida em um dos annos, que se escoaram desde 1834 a 1838; a torre indicava n'uma linguagem muda a existencia subterranea de um grande edificio religioso, consagrado á vida monastica, fundação do primeiro quartel do seculo XIII, um dos primeiros conventos que o instituto dominicano teve em Portugal.

A fama de S. Domingos, e dos serviços evangelhicos prestados por elle, e pelos frades da sua ordem recentemente approvada achava-se em voga com gloriosa reputação nos paizes d'aquem do Rheno.

D. Fr. Sueiro, como nos conta Fr. Luiz de Sousa, religioso desta ordem acudira de Madrid ao chamado, não só de alguns bispos de Portugal, e entre estes do de Coimbra, desejosos de que

N.º 8 Lith. da Impr. da Univ.

IGREJA DE S.TA JUSTA

Adelino - estamp.

Vista tirada da margem opposta do Mondego

estes novos apostolos prégassem nas suas dioceses; mas tambem da infanta D. Branca, empenhada por ver fundados juncto de si, nesta cidade um convento de S. Domingos, para cujo fim veio por ella convidado aquelle religioso.

Ainda que D. Branca, no dizer do elegante escriptor Fr. Luiz de Sousa, se mostrasse muito pressurosa e empenhada na fundação de um convento daquella ordem, como se vê da promessa a Fr. Sueiro não deixou ella de encontrar em sua irmã D. Thereza uma zelosa competidora na gloria da fundação; pois é certo, á vista do documento produzido por aquelle escriptor que esta princeza comprou á sua custa a diversos proprietarios o terreno preciso para edificação do convento, officinas e cerca; e D. Branca encarregou-se dos gastos com a edificação, dividindo entre si por este modo, as despesas da sua grande obra.

(Continúa). *M. C. Pereira Coutinho.*

UM CONSELHO

Vem cá, Joanninha, escuta,
Quero dar-te um bom conselho;
Bem que já vou p'ra velho,
E que posso aconselhar...
Os velhos são conselheiros,
Prégam contra o que fizeram,
Os moços tudo exaggeram,
Não te deixes enganar...

És meiga, pura, innocente,
Gentil, formosa donzella,
Ligeira como a gazella,
Alegre e sempre louçã;
Escuta, pois, Joanninha,
O meu conselho d'amigo,
Ao pé de mim não tens pr'igo,
Respeito-te como irmã.

Bem sei que tens uns amores,
Que te dão grande cuidado;
Foi por mim adivinhado,
Deu-me Deus esse condão...
O meu dedo que adivinha,
Apontou-me o teu amante,
E mostrou-me 'nesse instante
Que projecta uma traição!

Venho pois para livrar-te
Minha pobre feiticeira;
Desviar a ratoeira
Que o fidalguinho te armou...
Não creias nunca em fidalgos,
Despreza-lh'a fina graça;
É gente que aonde passa,
Sempre pégada deixou...

As raparigas do campo
Valem mais que as da cidade;
Porém do luxo a maldade
Á porta lhes vem bater;
E depois as pobresinhas,
Seduzidas pelo brilho,
Lá seguem errado trilho
Sem da honra mais saber.

Fica pois na tua choça,
Fiando na velha róca,
Vale mais a massaroca
Que os dotes do seductor;
Despede-o com cortezia,
Que vá sustentar nas salas
As suas brilhantes galas,
O seu refalsado amor.

Porto, 1871. *F. Xavier da Silva.*

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

Pois vós, reformadores socialistas, a quem o interesse da humanidade tanto inflamma; que pretendeis realisar na terra o reinado da egualdade e da fraternidade; que quereis conduzir os homens pela mão, a quem considerais como a criança que carece de director para a desviar dos perigos, que a sua infantil razão não lhe deixa ver; que receiais por nós, que temeis nos lancemos em erros, afastando-nos dos bons principios e vamos por nossa imprudencia de encontro aos escolhos que encontramos na vida, onde abortam e se desfazem as mais bem concebidas combinações; que vos importa que nós sejamos ricos ou pobres, que soffremos o frio, a fome, a miseria, e pretendeis, a pretexto do nosso bem-estar, dar-nos para habitação uma colmêa, porque outra cousa não são as vossas cazas, chamadas Phalansterios, verdadeiros formigueiros humanos; marcar-nos a occupação e fixar-nos a tarefa, dar-nos a ração que havemos de comer, vestir-nos conforme fôr do vosso capricho ou vontade, medir a nossa força, apreciar o nosso appetite, o nosso genio, estacionar-nos aonde vos aprouver, indicar os limites dos nossos conhecimentos, impôr-nos o que devemos estudar ou aprender!

Dizei, fatuos legisladores, em que fundais a vossa presumpção de vos não enganardes?

Como pretendeis, para prevenir os nossos erros, arrogar-vos a auctoridade de decidir tudo por nós, quando vós mesmos cahis nos mesmos ou peiores erros? Com o pretexto de nos amparar vós nos humilhais, rebaixando-nos; com o pretexto de que empregamos mal a nossa razão e a nossa vontade, nos tirais a liberdade e nos tornais escravos; com o pretexto de nos evitar os soffrimentos nos tirais a vida, sim a vida, porque outra cousa não é a suppressão dos accidentes da nossa existencia.

O homem sem a liberdade, não precisamos demonstral-o, não póde ser responsavel.

Eil-o pois reduzido pelo communismo á condição do cavallo ou do boi, que trabalha o que nós queremos e come a ração que nos apraz dar-lhe.

Não ha exaggeração no que dizemos.

Num systema communista como a *republica* de Platão, *a cidade do sol* de Campanella e em todas as mais utopias do mesmo genero, não se faz menção da familia. E para que? se acaba a

perpetuidade dos filhos. De sorte que o homem não tem esposa nem filhos, mas tem mulher, e esta filhos.

O que é que faz a familia?

Não são os deveres reciprocos do esposo e da esposa, dos paes e dos filhos?

(Continúa). *A. J. Sousa.*

EPIGRAMMA

—Menino, eu fui ao Rossi, que talento!
Que gesto, que primor! como fallava!
Que um tragico assim fosse eu não cuidava:
Melhor o não concebe o pensamento!

Do ciume na paixão... oh! que portento!...
C'os olhos reluzentes e a voz cava
Mais par'cia um volcão rojando a lava
Que o despeito feroz d'amor tormento!

No candor e ternura é consummado!
Finalmente: o seu genio sobrehumano
Mui tarde poderá ser egualado!

—Um trecho dize lá do teu sob'rano:
Que assim logrou deixar-te fascinado...
—Não sei, que elle fallava italiano.

Lopo Cesar.

Abysmo

Aquelle d'entre vós que está sem peccado, seja o primeiro que atire pedra contra ella.

.....

... E disse-lhe Jesus: nem eu tambem te condemno .....

Evang. S. João, cap. VIII.

I

Amor, o que és tu?

Sacrificador feitiço e cruel, que embellezas com grinaldas de flores de matiz celeste as tuas victimas, para mais cruciante morte? Engano fugitivo, que nos acaricias com as doçuras magicas e seductoras d'um instante, para depois nos arremessares, deshumano e implacavel, nas solidões dolorosas do desengano? Sonho fagueiro, que nos embalas descuidosos e infantis na crença pura e sublime d'um devaneio, para nos despertares nas trevas medonhas e geladas da decepção? Cherubim louro, que nos fascinas tentador e candido antes da tua metamorphose satanica?

Amor, o que és tu?

Acaso és alento cahido das regiões do ceu, sopro divino e benefico, ou essencia prolifica das emanações ondulosas e solutas da actividade creadora?

Serás o *espirito de Deus, que vogava á superficie das aguas, no meio das trevas que cobriam a face do abysmo,* ou o fado iracundo que nos supplicias na terra, para nos remires no ceu?

Serás o vertice da perfeição absoluta e recondita, ou o estro da idealidade pomposa, nas azas da aspiração luminosa?

Não sei o que és, nectar olympico, que nos embriagas; veneno, que nas vascas convulsas e horripilantes da agonia, te convertes em triaga salutar e doce!

Quem póde fugir-te?

Nas sombras austeras do claustro; nos negrumes pavorosos do carcere; na penumbra casta do lar; no brilho deslumbrante dos salões dourados; ahi, demoras arreigado, lacerante, inabalavel,... criminoso!

Quem póde fugir-te no lancear cambiante d'um olhar vago e ardente?

Amor, tunica espadanada com o sangue lethal do centauro Nesso, desconheço-te, temo-te, odeio-te, e leio no firmamento, que não posso viver sem ti!... E espero-te, com a ancia idolatra do fanatismo cego e fatal!... Que fazes das maguas, das angustias, dos prantos, dos holocaustos, que devoram as tuas fauces famelicas? Que fizestes do martyrio da infeliz Leonor, que tanta melancholia custa ao meu sentimentalismo?

Só de dores te alimentas!...

II

D. Leonor foi um anjo em belleza. Requestada nos primeiros annos por aquelles a quem o seu coração de criança infantilmente se dedicava, uns apoz outros, foi obrigada a fechar a alma ás commoções agradaveis dos entretenimentos amorosos.

Um dia, iam subindo no ceu os pallores da madrugada, o templo tinha a porta principal aberta; as luzes dos cirios tremulavam nos altares; e illuminavam com a frouxa claridade as imagens e as arcadas. O estrepito do rodar de carruagens fez-se ouvir, e depois os passos de numerosa comitiva trilhavam o pavimento da egreja.

O diaphano véo nupcial não encobria toda a plastica das formas gregas da celestial noiva. Dirieis ser a fada, que, nos enlevos mysticos dos vossos sonhos de enamorado, vêdes rasgar os horisontes, da vossa fantazia soltando as vestes e as tranças ao capricho dos zephyros travessos.

Soou na amplidão da cathedral o resmunear rouquenho do latim, e uma affirmativa pouco firme coou-se comprimida e prolongada pelos labios da virgem, pallida e vacillante.

Rematou a ceremonia religiosa e soltou-se a veia das felicitações, primores e galanterias, estudadas desde a vespera.

O coração de Leonor d'ora em deante só deverá pertencer ao Visconde do Valle. Mas será assim de facto? Não vos sei responder. O Visconde tinha tres edades da joven, que contava desaseis sómente; mas era amavel, chistoso, discursava fluente, homem de convicções profundas, agudas e placidas, jogava bilhar, e era rico...

Nos annos immediatos, nunca a paz domestica foi de leve eclipsada pela sombra da mais subtil discordia. Os seus salões frequentes vezes se abriam de par em par, e catadupas de convidados alagavam o palacio. *(Continúa).*

Imprensa da Universidade

SALGUEIRAL

O pequeno espaço de que dispomos não nos deixa publicar a apreciação descriptiva d'esta estampa, que temos em nossa mão. Mas ella de per si só é bastante para nos fallar á alma.

E na verdade, paizagem mais bella e tão simples nunca a produziu a natureza em outra parte, que não fosse nos campos de Coimbra. Duas alas tortuosas de salgueiros e um regato, eis o conjuncto pittoresco que forma mil paizagens, todas variadas, mas egualmente formosas, dentro da floresta do *Salgueiral*.

CHÃO DA TORRE

(Continuado do numero antecedente)

O local escolhido para a fundação do convento foi nas abas da cidade, no sitio então conhecido pela denominação de — Figueira velha; porem trezentos annos depois já as devastadoras inundações do Mondego expulsavam os religiosos do seu primeiro aposento, e os obrigava a procurar uma nova habitação, que não estivesse ao alcance do invasor. Seja-nos permittido transcrever para aqui, a este respeito, um trecho do admiravel Fr. Luiz de Souza.

«Sendo corrridos 300 annos da fundação, vieram a ser tão grandes as enchentes do Mondego, que acontecia de inverno estar o convento muitos dias feito ilha e posto em cerco. Seguiram annos invernosos, continuaram e cresceram as aguas com novo mal, que foi trazerem comsigo grande poder de arêas, e cegarem com ellas a madre do rio, de maneira que, donde antes corria tão fundo que o sitio do convento lhe ficava sobranceiro e senhor, veio a egualar a corrente ordinaria com elle, e a força da agua começou a lançar as arêas por cima das mais altas margens, senhoreando-se do campo, e entupindo cerca e officinas. E acontecia, pela muita abundancia das arêas, sobir o rio a tanta altura com qualquer pequena enchente que não so cobria os campos e alagava o convento, mas lançava por cima da ponte; donde nasceo que temendo-se ficar brevemente vencida das arêas, como já se ia somindo nellas, tractou a cidade de fazer com tempo outra que é a que hoje vemos; e affirma-se que foi direitamente fundada sobre a antiga, de que não temos mais que a fama. E com a podermos chamar nova, vai fazendo já bom testimunho ao que dizemos; porque acontece em alguns dos arcos terem estreita e trabalhosa passagem os mesmos barcos, que poucos annos atraz passavam folgadamente á véla[1].....»

No anno de 1546 já os religiosos de S. Domingos se achavam na posse de todas as auctorisações canonicas e civis para a sua transferencia para outro convento, que depois fundaram na rua de Santa Sophia[1].

Pelos annos adeante as inundações tinham feito estragos tão desastrosos na cerca do primeiro convento, que foi mister applicar parte dos rendimentos publicos da camara de Coimbra para as despesas com o entulhamento de um grande lago, que ahi se achava[2].

Do primeiro convento não existe agora vestigio algum á superficie do solo, senão algumas pedras amontoadas, restos da antiga Torre.

Se acreditassemos em narrações vulgares, diriamos que a escada da torre era construida em forma espiral, e que foi derribada para das paredes d'ella, juncto e abaixo do solo, com algumas modificações, se formar uma cisterna, ou poço d'onde se extrahisse agua para regar o predio. Ahi existe o poço de cuja borda se descobre, talvez mais de um metro abaixo da superfice do terreno, um arco para o lado do rio.

É indisputavel que este arco dava communicação do convento, ou da egreja para a torre; mas esta communicação iria desde o plano da egreja, ou de algum andar do convento? Talvez que investigações mais exactas e minuciosas viessem enrequecer os conhecimentos da archeologia conimbricense.

M. C. Pereira Coutinho.

[1] Fr. Luiz de Souza, Historia de S. Domingos liv. 1.º cap. 16.º—liv. 3.º cap. 4.º, e *Guia do Viagante em Coimbra*, art.—o convento de S. Domingos...

[1] Ibid.

[2] Indices dos documentos da Camara Municipal de Coimbra, fascic. III pag. 208.º

O QUE FOMOS

Grandioso presente enviado ao Papa pelo senhor D. Manuel aos 14 de março de 1514

O nosso inclito rei D. Manuel, de feliz recordação, quando se viu dominador dos reinos do oriente, de sorte que podiamos dizer que as azas do sol se mediam com o seu imperio, e que aquelles povos infieis se não confederavam contra a potencia de suas armas, mais que para ser d'ellas triumpho, e ouvir os annuncios da palavra evangelica, então folgou de submetter toda esta grandeza aos pés do summo pontifice Leão x por seus embaixadores particulares, tributando-lhe junctamente as primicias das riquezas do oriente.

O principal d'elles era Tristão da Cunha, a quem faziam lados outros dous, a saber Diogo Pacheco e João de Faria, desembargadores, e outros cincoenta cavalleiros. E era em todos tanta a riqueza e lustre, que até havia sellas, freios, peitoraes, e estribos de ouro de martello, com pedraria fina, e perolas a montes.

Todos os embaixadores dos principes christãos,

que se achavam em Roma, e o governador da mesma cidade, e muitos bispos, e familias dos cardeaes, e outra innumeravel nobresa, deram nobres augmentos a ésta pompa, e o mesmo papa quiz lograr o vistoso d'esta entrada desde o castello de Sancto Angelo.

Levavam-lhe um presente com um grande e preciosissimo cofre coberto com panno de ouro, e n'elle debuxadas as reaes quinas, posto sobre um elephante, o qual, tanto que avistou o summo pontifice ajoelhou tres vezes, ensinado pelo Nayra, que de cima o governava, e logo, mettendo a tromba em um grande vaso de agua que ali estava prevenido, borrifou os cardeaes, e outras pessoas, que estavam pelas janellas, e o mesmo signal de festa usou com o mais povo, que estava apinhado pelas ruas.

Em outro dia foi recebida a embaixada, orando elegantemente o Pacheco em consistorio; e no fim da oração, o papa exaltou com excessivos louvores as prendas de el-rei D. Manuel e o catholico zelo, com que n'aquelle novo mundo sollicitava propagar o imperio de Christo, e gloria de sua sancta egreja. Os pontos principaes da embaixada eram tres: o primeiro, que sua sanctidade emprehendesse guerra contra o turco: segundo, que se tractasse mui deveras da reforma da egreja: terceiro, que a este fim se proseguisse, e concluisse o sagrado ecumenico concilio de Trento.

Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o elephanfe deante de sua sanctidade.

Encerrava um ornamento pontifical inteiro, não só para a pessoa do papa, mas para todos os seus ministros; era todo de chaparia, e figuras de ouro, e pedraria preciosa, e a trechos umas romãs de rubins escachadas; e sendo a materia tal, ainda dos primores da arte era vencida; iam junctamente outras riquissimas joias, e ducatões[1] de 500 escudos de ouro, como para intulho. Avaliaram alguns o presente em um milhão, o qual veiu a ser dos que saquearam Roma.

[1] No tempo do senhor D. Manuel ainda não corria esta moeda, pois os *Ducatões* foram mandados lavrar pelo senhor D. Sebastião, eram de ouro, e tinham o valor de 30$000 réis uns e 40$000 réis outros. Foi moeda que não mais se tornou a lavrar.

O P.e Bernardes quiz fallar nos *Portuguezes de ouro*, que mandou lavrar o senhor D. Manuel, em 1499: tinham de valor dez cruzados, eram de vinte e quatro quilates. «*Os quaes Portugueses tinham de hũa parte por cunhos a cruz da ordem de Christo, & hum letreiro que dizia, In hoc signo vinces, & da outra parte tinham o scudo das armas do regno com sua coroa, & dous letreiros, um na garfilla de fóra ao redor que dizia, Emmanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra, & ultra in Africa, & dominus Guinae, & outro letreiro ao redor das armas que dizia, conquista navegaçam, comercio Aetiopiae, Arabiae, Perciae, Indiae.*»

Esta moeda foi primeiro mandada lavrar pelo senhor D. João II, lavrou-a tambem o senhor D. João III; com o mesmo valor, tendo de pezo dez oitavas, como se pode ver em Goes, Chron. de D. Manuel 4.ª parte, pag. 655 e S. Rosa, Elucid. tom. 1.º pag. 385.º e tom. 2.º pag. 232.

Seabra d'Albuquerque.

Finalmente Alberto de Carpe, escrevendo ao imperador Maximiliano, como seu embaixador, que então era, diz na sua carta este capitulo:

—Todo o povo universal de Roma concorreu por ver esta novidade; e não é maravilha, porque poucas vezes, ou nunca succedeu enviarem principes christãos a Roma, tão magnifico apparato.

O P.e *Manuel Bernardes*, Nova Floresta.

SONETO

Jesus! Não sei que mal te fiz, Lucina,
Para a face te ver assim tristonha!
Que maldade foi essa tão medonha
Que assim te fez murchar, gentil bonina?

Chamar-te anjo, houri, fada, sylpho, ondina...
Será veneno tal que te empeçonha?...
Que fiques mesta, sendo tu risonha!...
Peccados meus, Senhor... Não sei, menina.

Que demo! Eu sempre sou mui desgraçado!
Pois mesmo até se d'outrem bemdisser
Hei de ser com certeza mal julgado!

Mas deixa... D'outra vez, se Deus quizer,
Já não has de mostrar-me o rosto irado,
Porque hei de então chamar-te só... mulher!

Lopo Cesar.

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

Com o communismo desapparecem estes deveres, porque o homem e a mulher são absolutamente independentes um do outro. Os filhos depois do periodo da leitação, passam ás mãos do estado, que se encarrega de os educar e designar-lhe o modo de vida que devem adoptar.

D'esta maneira, apagados assim estes deveres reciprocos do esposo para esposa, e de paes para filhos; destruida essa dependencia mutua d'uns para com outros, fica a humanidade reduzida á condição dos irracionaes, que deixam os filhos livres desde que podem prescindir dos cuidados maternos.

Não existem mais esses doces cuidados de paes para filhos que tanto embaraçam, mas ao mesmo tempo enchem de encanto os chefes de familia.

Com o communismo para que inquietar com a educação dos filhos, se desapparece a perpetuidade da familia?

O communismo arrasta comsigo logica e fatalmente a abolição do casamento, é uma consequencia inevitavel; não carece ser legislada.

Apezar de que os socialistas não esquecem no seu programma essa medida.

A communa de Paris para ser conforme em todos os seus actos na serie não interrompida de crimes durante o seu lugubre reinado dos

Lith. da Imp.ª da Universid.ª

N.º 9

SALQUEIRAL

73 dias, não esqueceu o desacato feito ao matrimonio. E como não havia d'assim ser? Vejamos:

«*A concubinagem,* dizia um demagogo, membro da internacional» 'numa praça de Paris, nas vesperas do dia 18 de março, «a concubinagem é o unico matrimonio d'um homem d'honra;» escusado é dizer que dias depois este individuo era membro do governo da communa.

Segundo as idéas socialistas com relação á familia, o homem poderá unir-se á mulher que quizer ou lhe agradar; viver com ella mais ou menos tempo, conforme fôr da sua vontade; mas depois, satisfeitos os instinctos sexuaes, quando a saciedade a tornar aborrecida, deixal-a-á por outra, entregue com todos os trabalhos e incommodos da gravidez á previdente communa.

D'esta maneira desapparecerão os cuidados inherentes ao casamento; não haverá mais compromissos para com a mulher a quem mais nos não prende o amor, a saciedade dará pretexto para a repulsarmos.

D'esta forma as palavras *adulterio, ingratidão filial,* são termos vãos que nada exprimem; nem serão conhecidos os outros males que derivam da familia, fica assim destruida a fonte mais effectiva do egoismo humano: a mulher, os filhos, a familia finalmente, por quem o homem é verdadeiramente egoista. Não haverá outro dominio, outro domicilio, filhos, mulher que não sejam da communa.

'Numa palavra, todos os erros do communismo, avaliados e combinados uns com os outros, dão as consequencias perfeitamente logicas d'uma hypothese essencialmente falsa; Como dizer: que os homens logo que saem das mãos de Deus e da natureza são eguaes. Esta asserção é falsa; nada ha menos exacto do que esta proposição, porque nenhum homem ha, que seja egual a outro; todos differem uns dos outros pela força, pela belleza, pela intelligencia, pela sensibilidade, pela educação, pelas aptidões.

Organisar uma sociedade, sem ter em conta todas estas differenças, ir collocar todos os homens no mesmo nivel, supprimindo todas estas desigualdades, é mutilar completamente o homem sob qualquer ponto de vista que o encararmos.

(Continúa). *A. J. Sousa.*

Decima

Antes de 1540 não existia esta composição poetica.

Vicente Espinel, notavel poeta castelhano, foi quem primeiro escreveu *decimas,* tirando á *esparsa* dois versos, de doze que tinha.

Por muitos annos se deu á *decima* o nome de *espinela,* até que o seu numero de versos preponderou de modo que até nossos dias se tem chamado *decima.*

É, pois, a *decima* filha da *espinela,* e neta da *esparsa.*

Lê-se esta genealogia no *Hospital das Letras* de D. Francisco Manuel de Mello, um dos nossos mais importantes escriptores, tanto pelos omnimodos assumptos que tractou como pela pureza de linguagem. *A. F. Barata.*

Abysmo

(Continuado do numero antecedente)

III

Quem me definirá um baile?

Um baile... é a profanação do pudor da virgem, no tresvario da vertigem; é o sacrilegio da honra do thalamo, apregoado em hasta publica... Alli o espirito suspende-se nas ondas das harmonias alvoroçadas, torrentuosas e loucas, ou nas inflexões das melodias languidas, gemebundas e ternas.

O deslumbramento do brilho de mil luzes, o ambiente abrazado, o susurro inquieto, frenetico, estouvado e impudico; aquella animação, aquelle movimento confuso e quasi phantastico, nos vortices rapidos, em que se agitam sedas e flores, cega e prostra a razão da mulher, sempre fragil por natureza.

Alli sentem a attracção irresistivel para um novo mundo de idealidade insaciavel. Palavras d'amor, alli, infiltram-se-lhe na alma e gottejam anhelos, como as stalactites nas cavernas humidas lacrimejam perolas crystallinas.

Cadinho da corrupção, um baile só respira impurezas!...

No dia seguinte o meditar d'ella é doloroso; a impressão é profunda e lugubre; o despertar saudoso, solitario e aborrido. A vida real opprime-a; sente um vasio d'amor; pesa-lhe a existencia. As reminiscencias do baile debatem-se mortalmente, e uma lucta se passa 'nella entre as sensações amorosamente poeticas e o positivismo pesado e opaco.

Idyllio da minha alma, a tua imaginação revolta e oppressiva deve muito apertar-te a existencia nos elos estreitos das tuas conveniencias! O teu seio esbrazeado, sempre palpitante de novas visões, ha de muito torturar-te nos estertores do teu captiveiro! No remanso da noite o teu scismar ha de ser o supplicio da tua fraqueza.

Como eu choro comtigo, mulher, os dissabores do teu fadario!

Demais, as lições de immoralidade romantica que cada dia, a cada instante, no leito, na mesa, no pensamento, sobre tudo, te estão abertas, muito ateiarão a chamma da tortura, na persistencia da lealdade que juraste sobre o altar. Mas o cedro de Montigny ha de um dia cahir ao sopro da ventania desabrida, rugindo formidavel entre as

furias do temporal. Assim tu, idolo d'amor, abandonada á ebriedade das festas de tresvario lascivo, quem estranhará que caias?

Compadeço-me de ti; e no emtanto o reprobo não é quem te leva pela mão até á cratera do abysmo da deshonra!...

IV

Ha ainda poucos annos no palacio de D. Leonor era tudo alvoroço e afan. Por toda a parte se falava do baile magnifico do visconde do Valle. A impaciencia recrescia e á noite era soberbamente pomposo o aspecto das salas, a riqueza e o luxo prodigalisados nas mais insignificantes cousas.

A viscondessa, no festejo do trigesimo anniversario, estava radiante, sublime, seductora, irresistivel, como no despontar da primavera da vida. No centro dos adoradores, que porfiavam nos mais requintados e astuciosos galanteios, Leonor respondia a todos, sorrindo, com os recursos do seu espirito vigoroso. Mas aquelle sorrir era a mascara do golpe penetrante do seu coração, pungia-se-lhe o peito, e algumas vezes era apanhada em flagrante abstracção. A physionomia cobria-se-lhe com um certo ar de impaciencia e soffrimento.

Coração de mulher, coração de mulher!...

De repente a viscondessa empallidece, para depois mais se purpurear. Na sala acabava de entrar um mancebo, como tantos outros, que não despertam curiosidade ou attenção. Era um genio estouvado e ao mesmo tempo sentimental; a sua alma era dominada por um riso eterno e leviano; dotado de imaginação poderosa, era uma cabeça do norte com feições meridionaes, sem attractivos notaveis; no vestuario e no cabello havia uma certa excentricidade; movia-se agilmente.

Aquelle cavalheiro havia sido apresentado á viscondessa 'num baile de côrte. A dama, apezar de acostumada a centenares de formalidades similhantes, sentiu uma pulsação mais violenta, que a obrigou a uma aspiração mais forte: tudo foi imperceptivel e instantaneo.

Eu creio muito em sonhos, agouros e presentimentos: é uma singeleza, meigamente agradavel, e ás vezes consolação fagueira. Que mais senão presagio foi aquelle suspiro, abafado a tempo, que podia talvez ter compromettido Leonor, que, quando só, affirmo-o, bem longe estava de pensar em outra cousa, que não fossem os dois candidos thesouros, os dois formosos filhos... Outra cousa lhe não posso chamar.

No borborinho do baile nunca mais lembrou á pobre senhora a apresentação. Á sahida viu dois olhos que a fitavam por entre a abertura da gola levantada d'um *par-dessus*, com um olhar teimoso, constante, pertinaz. Á porta do seu palacio apeou-se do trem e juncto d'ella passou o mesmo vulto na mesma contemplação. E o peito da viscondessa arfou pela terceira vez...

Agora vimos, passados dias, o seu coração atraiçoal-a quando o mancebo calcava as suas alcatifas. *(Continúa).*

Hoje em dia...

—Que me dizes, o que? pode lá ser!
Pois a Maricas usa cabelleira?!
—É verdade, senhor.—D'esta maneira
Só os dentes tem lindos. Que mulher!

—Um desastre lh'os deu, e quer saber?
Ha dois annos cahiu n'uma valeira,
elles cahiram tambem; e fez a asneira
de estragar os cabos d'um talher.

—Vai nas azas da moda! Assim conheço
muita gente feliz, muita donzella
qu'em algodão dispende um grande preço.

E não pensava... emfim... com ares de bella...
Uma pergunta sómente: (Eu endoudeço!)
O Gregorio, os olhos serão d'ella?...

A. A. Gonçalves.

Bibliographia

Ruinas

Repousa sobre a nossa mesa um livro, em cujo frontispicio vem traçado o seu elogio, o nome de J. Simões Dias.

É pequeno em volume, mas grande no pensamento, que retrata a alma nobre do escriptor. No correr d'aquellas paginas descae-nos a fronte sobre as mãos, e então miramos aquellas *Ruinas* tão melancolicas, como se as inundasse o clarão pallido da lua.

A musa contristada do poeta remontou alto, e de lá, não respirando já esta atmosphera impura, viu a actual sociedade desvairada na devassidão dos bordeis, e suspirou aquelles cantos cheios de philosophia e verdade.

Neste livro ha a expressão imperiosa da Debora e a accentuação vibrante e irresistivel d'uma Sibylla. Mas este anciar ardente, estas vozes que os echos subtilmente repetem indolentes e chorosos, não accordam a patria, que ora adormece na lassidão da orgia, ora estrebuxa delirante em sonhos febris, e os lamentos que despede parecem os suspiros do moribundo na hora do passamento.

Debalde clamam de todos os lados os filhos d'estes tempos, não contaminados pela corrupção; a sociedade para ahi regorgita no lodo da ignominia e da miseria... O poeta entrevê a aurora d'um novo dia que raiará; anhelante, sauda-a, e, mais feliz do que nós, espera.

N'algumas passagens Simões Dias fascina-nos com a graciosa morbidez do seu estylo, ostentando a inspiração solemne e prophetica de Daniel nos derradeiros instantes da libertinagem de Babylonia. *J. M. da Silva Torres.*

Imprensa da Universidade

TUMULO DA RAINHA SANCTA IZABEL[1]

Não sei o que mais nos prende deante d'aquelle sarcophago, se o respeito que sempre nos infundem as reliquias lendarias d'uma arte que passou cingida das formas caprichosas e phantasticas, se a piedosa memoria d'aquella, cujos restos alli se esconderam durante tres seculos e meio.

Eis aqui a descripção completa d'este monumento, que se encontra 'num livro que a devoção vulgarisou:

—«No mesmo tempo, em que se continuavam as obras do convento, mandou lavrar o seu sepulchro, mais que para a memoria e para a pompa, para o desengano e para a edificação. Era elle de uma só pedra branca, se unica por venturosa, unica por inteira, tinha treze palmos communs de comprido, seis de largo, e cinco de alto, e ao redor estava cercado de imagens de figuras lavradas na mesma pedra de meio relevo, cada uma de dois palmos de comprido, pela ilharga da mão direita, mostrava um côro de figuras lavradas na mesma pedra na mesma forma, de dois palmos de altura, postas em ordem processional, com seus livros abertos nas mãos, e no principio um bispo vestido com as vestes pontificias, assistido de dois ministros, com sacerdotaes sobrepellizes; da parte esquerda estava outro côro com as imagens de Christo Senhor Nosso, com os doze apostolos, e na cabeceira do sepulchro outra do mesmo Senhor crucificado com a imagem de sua Mãe Santissima de uma parte, e a do amado evangelista da outra, e dois escudos pequenos com as aragonezas armas, e aos pés do dicto sepulchro a imagem de Sancta Clara, e de duas rainhas com corôas douradas na cabeça, tudo da mesma grandeza, e esculptura, e nos quatro cantos os quatro animaes mysteriosos, que significam os quatro evangelistas sagrados. Esta caixa se cobriu com outra pedra da mesma grandeza, a qual na parte superior estava esculpida ao natural de relevo inteiro a imagem da mesma Rainha Sancta, vestida no habito de Sancta Clara, com veu preto na cabeça, sobre elle uma dourada corôa, cingida com o cordão da mesma ordem, e n'elle da banda esquerda, pendurada uma bolsa, e sobre ella lavrada uma concha de S. Thiago dourada, as mãos postas uma sobre outra sobre o peito, e debaixo da direita um livro, e da esquerda um bordão, e sobre a dicta caixa, da parte da cabeceira da imagem da Sancta Rainha, estavam dois anjos de cada parte, com seus thuribulos prateados nas mãos incensando o corpo.»—[2]

O ataude foi collocado no meio da egreja; mas já então as enchentes do Mondego alagavam o convento e molhavam os altares, chegando a cobrir o jazigo. Então a Sancta Rainha, que de longe trazia estes intentos, mandou altear o pavimento, e debaixo das mesmas abobadas construiu novo templo e novo coro, que bastante altura havia para tanto. Ahi foi collocado o cofre com tam descommunaes esforços e fadigas, que pelo peso enorme foi tida por prodigio a realisação da mudança.

Sancta Izabel expirou na villa de Estremoz, e conforme sua vontade declarada e constante, foi transportada a Coimbra, para o convento de Sancta Clara, onde tinha professado.

É longa a serie dos milagres praticados pelo sancto cadaver então; e com tanto fervor acolhidos, que, pelo concurso nunca visto dos fieis que de muito distante vinham sahir-lhe ao encontro, quasi se tornava impossivel o transito majestoso do funebre cortejo, formado pelo rei e pela mais luzida nobreza.

Foi pomposo e tocante o espectaculo, quando as religiosas receberam entre lagrimas de devoção e saudade o corpo da liberal protectora, que com tanta ternura se lhe tinha affeiçoado; e não o foi menos a ceremonia da encerração das veneraveis cinzas, no dia 12 de Julho de 1336.

Muitos annos mais tarde, em 29 de outubro de 1677, foram com a mais augusta solemnidade transportadas para o novo mosteiro, e ahi depositadas 'numa urna magnifica de prata e crystal.

Debaixo da vigilancia e desvelos das religiosas, o insigne moimento está tão novo e brilhante, que impossivel parece ser filho de tão remotos tempos. Está ao lado direito no primeiro côro, com os pés voltados ao altar mór.

Nestas epochas de leviano desprezo por tudo quanto é tradicional e bello, talvez bem proxima esteja a sua destruição. Pouco tempo decorrido, a figura grandiosa será derrocada; e a inepcia reparadora assentará as cabeças das estatuetas das sanctas nos corpos das imagens dos sanctos e reciprocamente, que outro tanto aconteceu ao d'el-rei D. Diniz em Odivellas.

A. A. Gonçalves.

[1] Á obsequiosa affeição do ex.mo sr. A. M. Simões de Castro devemos a presente estampa.

[2] Vida de Santa Izabel por D. Fern. Correia de Lacerda.

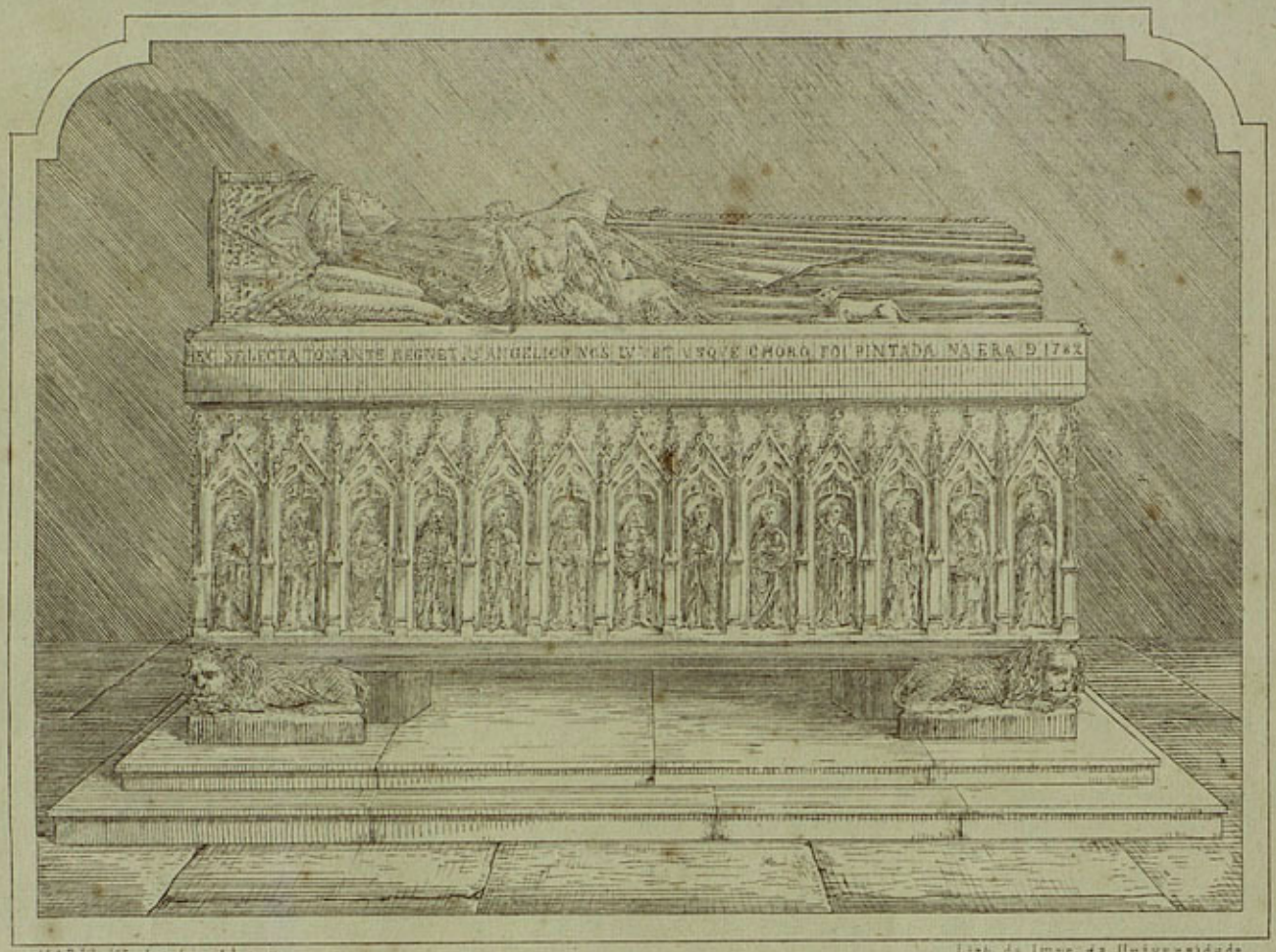
O QUE FOMOS

Grandioso presente enviado ao Papa pelo senhor D. Manuel aos 14 de março de 1514

Em o numero passado transcrevemos do P.e Manuel Bernardes o que em sua *Floresta* disse sobre este presente; e como no final do artigo allude á carta de Alberto do Carpe, que em toda a Europa foi um dos homens mais doutos, não só na lingua latina, mas tambem nas artes liberaes, entendemos não ser fóra de proposito darmos aos nossos leitores essa carta na sua integra; porque, como diz o chronista Goes, sendo extrangeiro, se não poderá ter por suspeito em nenhum dos casos que em esta carta escreveu, principal-

mente sendo escripta a um tal principe como era o Imperador Maximiliano, por cujo embaixador estava em Roma. A carta é como se segue:

Sacratissimo, e invencivel Cesar, á poucos dias que saõ vindos ha esta cidade de Roma embaixadores do serenissimo Rei de Portugal a dar obediencia ao nosso sancto Padre Leam. Sua entrada foi cousa fermosa pera ver, porque eram tres embaixadores, hum da ordem dos Baroens, que tinham o primeiro lugar, e os outros dous doctores em leis, os quaes traziam huma magnifica, e pomposa companhia. Primeiramente vinham diante seis trombetas, e seis charamellas, e depois hum Indio sobre hum fermoso cauallo, ornado de huma sella da India, o qual trazia de traz de si sobre as cubertas das ancas do caullo, huma besta semelhauel a hum Leão pardo, mas de menor corpo e mais delicada, de muitas, e desuairadas cores. A este seguia hum Elephante Indio, que trazia encima de si hum cofre com hum rico presente, que o serenissimo, e christianissimo Principe enuiaua aos sanctissimos Padres, saõ Pedro, e saõ Paulo, e em seu nome ao nosso sancto Padre. O cofre era cuberto de hum panno tecido douro, com as armas Reaes, que naõ taõ somente cubria ho cofre, mas ainda todo o Elephante, encima do qual hia outro Indio uestido de huma roupa douro, e seda, á palaura do qual, o Elephante obedecia, caminhando por seu spaço, e logo apos elle seguião algumas azemelas mui fermosas, cubertas com reposteiros de raz, e seda de diuersas cores, e insignias. A tras estes vinham os criados dos embaixadores mui bem atauiados, e apos estes a ordem dos nobres, que eraõ em numero cincoenta, todos vestidos de panno douro, e seda com colares de ouro, naõ menos de peso, que demostra, de que os mais delles dauam grande resplandor por caso das muitas perlas, e pedras de que eram semeados, e entre todolos outros hum filho do primeiro embaixador, aos quaes seguia o Rei darmas do dito Rei, vestido de huma roupa de panno douro com as armas do regno coroadas, e cercadas em torno de mui fermosas perlas, e robis. Apos estes vinham os embaixadores vestidos magnificamente, e o primeiro delles trazia hum mui rico chapeo de perlas, nam digo somente ornado, mas todo cuberto. Depois dos embaixadores vinha muita gente de conselho de graue, e honrrada presença, e no fim toda a turba dos familiares, o Papa com muitos Cardeaes, se foi ao castello de Sanctangello, por ver passar os embaixadores. Todo o pouo uniuersal de Roma correo por ver esta nouidade, o que não he marauilha, porque poucas vezes, ou nunca aconteceo mandarem os Principes Christãos legados a Roma com tam magnifico aparato, nem Roma no tempo passado, quando possuia muitas prouincias, posto que visse alguns Elephantes de Ethiopia, e de Africa, nam vio nenhum dos das Indias, o qual Elephante em chegando diante da janella onde o Papa estaua lhe fez reuerencia poendo os geolhos no chão, fazendo alem disso, outras cousas que lhe o seu rector mandaua. Depois desta primeira vista foi assinado dia, no qual hos embaixadores forão ao Paço, onde fezerão obediencia na maneira acostumada, fazendo hum delles huma arenga mui prudente, em latim, e digna de Principe Christaõ. Depois em outro dia assinado forão a Belueder, onde o Papa estaua acompanhado de todolos Cardeaes, e embaixadores, e alli lhe apresentaraõ os dões que lhe leuauaõ, não menos sumptuosos, que religiosos, dandolhe primeiro huma carta daquelle mui podcroso Rei que continha em poucas palauras o seguinte. Como elle offerecia as primicias das cousas da India, e Ethiopia, ao nosso muito piadoso Saluador, e a seus Sanctos Apostolos, S. Pedro, e S. Paulo, e ao seu Vigairo na terra, pedindo a sua Sanctidade humildosamente, que aceitasse seus pequenos dões com aquella benigna vontade, com que lhos elle mandaua. Os dões eraõ, as sagradas vestiduras, tanto para os ministros, como para os clerigos, para servirem a toda maneira de sacrificio. sc. tanto ao officio da Missa como ao das vesperas, as quaes chamam tunica, almategas, casulla, capa, e assi ornamentos do Altar. Todas estas vestiduras eram tecidas douro, e tam cubertas de pedras preciosas, e perlas, que em poucos lugares se podia ver o ouro, e eram as perlas, e pedras postas, e metidas per arteficio admirauel, per alguns nos entrelaçados a maneira de huma Romã o qual arteficio era cousa muito para ver, porque a obra era marauilhosa, sumptuosa, e magnifica, em certos lugares era como pintada de ouro, e seda a face de nosso Saluador, e dos Sanctos dous Apostolos distintamente, ornados de muitas perlas, e pedras preciosas a que nós chamamos scrauonetas ou robis, nam contra feitos, nem polidos, mas rudos, e simples, assi como se trazem dos lugares em que se achão, com seu só resplandor natural, tal qual se deue ás cousas diuinas, que direi mais para comprehender tudo em huma palaura, a materia era preciosa, mas a obra a sobrepujaua com espanto. O que pola singular religiam, deuaçam deste Principe me moueo a screuer estas cousas, pola ventura mais largamente, e com mais palauras do que o as ocupações de vossa Magestade poderam sofrer, mas eu o fiz pera que nada passasse por silencio do pertencente á gloria deste mui alto Principe, parente de vossa Magestade, porque á estendido, e engrandecido nossa religiaõ com grande gloria ate os Garamantas, e Indios, e pelo louuor que merece pola largueza, e liberalidade que usou com a sancta Se Apostolica. O dom foi mui agradauel ao nosso Sancto Padre, e aos Reuerendos Cardeaes, e a todas as ordens dos Prelados, e a todo o pouo Romão, o dito Rei foi louuado da mui sanctissima boca do Papa, per palauras mui honrradas em consistorio publico, respondendo aos embaixadores de sua Magestade, especialmente quando aceptou os dões, os quaes



MARIZ Jor des de natl e gr.

Lith. da Impr. da Universidade

Nº 10

TUMULO DA RAINHA SANTA ISABEL

EM SANTA CLARA DE COIMBRA

segundo a estimaçam dalguns saõ aualiados desuairadamente, porque huns os poẽ em quinhentos mil cruzados, outros em quatrocentos mil, e outros em trezentos, pelo menos todauia as perlas nam sam de muita grandura, nem os robis, mas em multidam, e numero mais que infindos. Certo, assi he de crer, que nunca a nenhum Papa da Egreja Romana foraõ apresentados taõ ricos, nem taõ fermosos ornamentos, nem taõ preciosos. Eu acompanhei os embaixadores, como he costume da corte Romana, e depois os fui visitar, e lhes offereci toda minha ajuda, em nome de vossa Magestade, ao seruiço de seu serenissimo Rei, em todo o que elles ouuessem mister de vossa Magestade, a qual cousa lhe foi muito agradauel, e entre outras cousas que dixerão de seu Rei, de nenhuma cousa folgaua tanto como de ser conjunto per linha de parentesco a vossa Magestade. O mesmo dia que elles offerecerão o Elephante, e todolos outros dões, veio ao nosso sancto Padre hum messageiro dalguns pouos Christãos, que guardão, e conseruam a Fe da Egreja catholica, que morão junto com Hierusalem, e se chamão Maronitas, habitantes nas mõtanhas de Suria, o qual depois de ter apresentadas as cartas ao nosso sancto Padre, lhe deu a obediencia em nome de todos, pedindo pelos ditos pouos confirmação de hum Arcebispado que tinham ellegido, porque pela distancia dos lugares, elles não guardauão a maneira da Egreja Romana, mas pela doctrina, e pregaçam dos Frades da obseruancia de saõ Francisco, que moram em suas terras a aceptarão de cincoenta annos pera ca, e se sobmeteram a obediencia do nosso sancto Padre. Deos per sua clemencia de longa, e bemauenturada vida a vossa sagrada Magestade, na boa graça da qual mui humildosamente mẽcomendo. De Roma a XVII de Março de MDXIIII.

Alberto do Carpe.

INNOCENTE!

Olha para ti, pastorinha,
Guarda mais o coração...
Não ames assim, louquinha,
—Cresta o sol quando é de verão—

Tens sede d'amor? E os prados,
Aves tão lindas e as flores?!...
Não devem ser engeitados...
São puros estes amores!...

Que enamorados gorgeios
Não contára cada folha!...
Que casto goso nos seios
Da flor que amasses. E olha

Ficavas assim mais querida
Entre as filhas do Senhor.
—Dá elle com o amor a vida
Ás aves, ao campo, á flor! —

Tens sede d'amor? E os prados,
Aves tão lindas e as flores?!...
Não devem ser engeitados...
São puros estes amores!...

Coimbra, 1872. *A. E. Macedo Ortigão.*

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

Logo pois o communismo com o pretexto de formar a sociedade á imagem da natureza destroe a obra d'aquelle que produziu as desigualdades; sob pretexto de justiça vai commetter a mais odiosa e disparatada das injustiças que pode conceber-se; sob pretexto de felicidade geral estabelece a escravidão universal; sob pretexto de augmentar a riqueza commum origina uma miseria sem nome, aniquilando toda a fonte de producção, toda a actividade, força e energia, todo o ardor pelo trabalho.

Finalmente assim moral como physicamente o communismo reduz o homem ao minimo de existencia. Porque não tem direitos, não tem liberdade, não tem interesses, não tem familia, e não lhe permitte religião.

Não tem direitos, porque o principio auctoritario é a base do governo socialista, é a negação de todas as garantias. Não tem liberdade, porque o socialismo é a suppressão de todas as liberdades por um governo tyrannico, porque nenhuma das acções do homem escapa á alçada do estado.

Vejamos o que dizia um membro da Communa de Paris em um dos numerosos comicios que ao ar livre reunia todas as noites uma multidão febril a ouvir as absurdas e extravagantes theorias dos tribunos. «A liberdade é uma detestavel in-«venção burgueza,» e continuando accrescentava: «Não queremos que os burguezes tenham voto na assembleia, é preciso esmagar o dominio burguez; o dominio burguez é a escravidão do proletariado. Nem tão pouco queremos os ruraes; os homens do campo só servem para comer batatas e engordar porcos.»

Vejam que liberdade!

Não tem interesses, porque o communismo prohibe-lhe a propriedade, tira-lhe todo o pretexto de adquirir.

Como se enriquecem as familias?

Pelo trabalho, pela intelligencia e pela economia.

O socialismo não só lhe prohibe a economia, mas até obriga os laboriosos a repartir com os vadios, os devassos e os ineptos o fructo das suas fadigas.

Não tem familia, porque, abolido o casamento como demonstrámos, desapparece a mais elementar e mais natural das sociedades humanas; esses grupos d'individuos nascidos do mesmo sangue e vivendo debaixo do mesmo tecto; a causa mais effectiva da ditosa harmonia que o homem de bem disfructa depois das fadigas do dia.

Não lhe permitte religião, porque ella é um poderoso embaraço ao desenfreamento das paixões desordenadas e criminosas. A Communa de

EM SANTA CLARA DE COIMBRA

Paris, deu bem patente testimunho dás suas pretenções.

«Recommendo-vos, dizia Felix Pyat, 'numa circular que dirigiu aos professores das escolas communaes, recommendovos que façais desapparecer das casas das escolas todos os objectos ou symbolos de devoção religiosa, enviando a este governo todos aquelles que forem de metal precioso; porque esses symbolos são um estorvo á liberdade do pensamento e uma péa á liberdade de consciencia, á qual é preciso habituar essas crianças.»

Vêde, leitores, a definição, forte mas exacta, resumida mas eloquente, que do communismo faz um dos proprios oraculos do socialismo, nosso contemporaneo, Mr. Proudhon: «O communismo é a religião da miseria.»

(Continua). *A. J. Sousa.*

SONETO

(Em que o auctor offerece o seu retrato á Ex.ma Sr.a D. Henriqueta dos G. Moreira)

Ora aqui tem, senhora, o meu retrato
Inteiro, sem faltar-lhe um só bocado;
De lh'o dar bem cuidei ter-me livrado
E alfim vim a cahir — que nem um pato!

No emtanto, pensar eu no bello tracto
Com que sempre me tem lisongeado,
E a tal favor não ser mui obrigado:
Era ter má creação e ser ingrato.

Mas como eu sempre fui, bem como o digo,
Um cumpridor perfeito da etiqueta:
Cumpro assim um dever para comsigo,

E já agora aproveito esta veneta,
Lembrando-lhe os serviços d'um amigo
Mui prompto ao seu dispôr, D. Henriqueta.

1868 *Lopo Cesar.*

Abysmo

(Continuado do numero antecedente)

Horas depois, as consonancias da orchestra espreguiçavam-se langorosas, lentas e sombrias, alem dos tectos brilhantes do palacio. Sons plangentes, toadas inebriantes, que repassam a alma que soffre d'amor de saudosa melancholia! E ninguem sabia da viscondessa: a sua ausencia começava a ser notada baixinho. Tinham-a visto, levemente apoiada no braço d'um cavalheiro, com quem dançára uma quadrilha dirigir-se para o jardim.

No jardim, 'num recanto, sob um caramanchão de flores, protegidos pela sombra das folhas contra os raios da illuminação, segredavam fallas dois vultos.

Não sei o que tinham dito, que bem precavidos fallavam; mas as palavras que soltaram mais alterados e menos cantelosas foram estas:

—Repete que me amas, Leonor, vê que sinto todo o martyrio d'um anceio, que me faz fitar-te no ceu e na terra, na luz e nas trevas, para me despedaçar contra o desengano da illusão!... Diz que me amas, Leonor, não me faças resistir ao abalo d'esta paixão.... que não posso.....

—Sim, amo-te muito,.... muito,..... Mas não leves o excesso da tua loucura a ponto de veres em mim mais do que uma mulher, que talvez se fine 'neste tormento, mas que guardará sempre inviolavel a lealdade do thalamo.

—Que necessidade tens de me rasgar assim o peito? Quem te ensinou a brandir um punhal contra aquelle que tem o crime de morrer por ti d'amor? Quem te disse que antes dos impulsos do coração está a fidelidade conjugal? Como tens coragem de me ferir quando deliro?.... Por piedade, Leonor, jura-me que tudo sacrificarás por mim!..

E enroscou-lhe o braço á cintura; e collou-lhe os labios á face.

—Não,.... não devo.... Primeiro a honra,.... depois... morrerei, balbuciou ella entre soluços.

—Mas não sabes que tambem dispões da minha existencia? Pois não vês que tambem me matas? Não vês, que para cumprires um dever, commettes um crime?.....

.....

E a desventurada chorava. A obstinação, convicta ao principio, agora era hesitação dolorosa!

De tudo se esquecera, que tanto pode o amor!

Horrivel peleja, sacrificio acerbo!

A virgem, que, afogueada em pudor, vem pela noite escutar os juramentos do amante, se se lhe lança nos braços, será mais funesto o crime em suas consequencias, mas menos penoso. A mulher, que conhece a profundidade do abysmo e que se despenha com a consciencia da culpa, sente uma a uma as fibras a despedaçarem-se-lhe na luta do dever contra o coração. A afflicção agonisante é como a do naufrago, que se sustém á lasca saliente do rochedo, e que vê as forças abandonarem-o pouco a pouco, até que, quasi exhauridas, reune o resto do seu vigor, e faz um derradeiro esforço e outro; e as vagas a açoitarem-lhe o corpo; as mãos ensanguentadas; a bocca semi-aberta; os cabellos hirtos; as orbitas negras e fundas; os olhos rasgados; e as rugas da angustia a sulcarem-lhe as faces, e a desfigurarem aquelle rosto, onde não brilha uma esperança, porque vai abrir as mãos, dizendo adeus á vida; porque lhe fallece coragem para mais!....

Ai, rôla triste, que gemes nos matagaes descuidosa de tudo que te cerca, só entregue aos teus queixumes!....

Momentos depois entrou nas salas a esposa do visconde; e todos attentaram na pallidez da fronte e no azulado das palpebras.

Tinha expirado com a vinda da aurora o ruido das danças. Tudo cedia finalmente ao cançasso, quando junto d'um reposteiro vibraram estas palavras, com intonação maguada:

—Amanhã, á meia noite.... *(Continúa).*

Imprensa da Universidade

A CAPELLA DO SENHOR DO ARNADO

Aqui.....
Nem as ruinas se encontram....
E tem um nome na historia!
—D'um passado grande e nobre,
Um nome terreno e pobre!
Eis o que resta da gloria!

SR. THOMAZ RIBEIRO.

I

Depois da rua Direita seguia a rua da Figueira Velha, que já não existe, e ao cabo d'esta, ao cimo d'algumas escadas, eleva-se ainda a capella do Senhor do Arnado.

Esta pequena capella, assente em um sitio ameno pelos espessos arvoredos de que se acha povoado e pela sombra que se goza e fresquidão das aguas d'esse Mondego, que não mui longe a susurrar se espreguiça por sobre a grande extensão dos seus areiaes, muito passeado foi em antigas eras pelos nossos primeiros monarchas.

O senhor D. Affonso Henriques escolheu este poetico sitio, para reunir em volta de si bons e leaes cavalleiros, como eram Lourenço Viegas, Gonçalo de Sousa, Pero Paes e outros, para com elles segredar a tomada da forte Santarem.

Quantas vezes o heroe de Ourique, joelho em terra deante d'este Senhor, pediu fervoroso protecção para as portuguezas armas?!

O senhor D. Sancho I, a exemplo do velho guerreiro, seu pae, mandando vir gente d'áquem Tejo, aqui fez *alardo* e se preparou para a grande batalha contra o rei de Sevilha, que venceu.

Por estes arrabaldes do Arnado, Raymon Viegas de Portocarreiro e outros, da fronteira de Galliza, levam roubada D. Mecia Lopes de Haro ao castello de Ourem, e d'este a Castella, donde não mais voltou ao reino.

Ainda por este mui historico sitio, fieis vassallos de um rei desthronado caminho vão do exilio em busca d'essa Toledo, onde se sepultou o monarcha, que primeiro ousou levantar-se portuguez contra os prejuizos da sua malfadada epocha.

II

Chama-se a este sitio *Arnado* pela muita quantidade de areias que tornavam estereis os campos. Hoje mal cabido é este nome, porque os terrenos que rodeiam a capella são abundantes e fertilissimos em sua vegetação.

E apezar de ter desapparecido todo este populoso arrabalde, só ficou de pé, e tem atravessado seculos o nome do *Arnado:* a capella, porém, pelas muitas reedificações que tem tido nada se recommenda pela sua antiguidade.

Pelos annos de 1500 existia um pequeno alpendre sustentado por quatro columnas de pedra a cobrir o Santo Christo; posteriormente em 1652 Gaspar Mendes, e em 1722 Bento de Sousa reformaram a capella.

Foi o *milagre do sangue,* como dizem as lapides, que fez com que o povo em sua devoção concorresse com avultadissimas esmolas para se fazer esta casa[1], que não esqueceu ao ermitão Bento de Sousa, em seu testamento, pois a contemplou com 260$000 réis, com a condição de serem nella gastos, se em algum tempo ameaçasse ruina, e os seus juros applicados no que *melhor convier.*

Entrando na capella nada encontramos de notavel pela sua antiguidade, nem mesmo a imagem do Senhor, apezar de correr no povo que fôra mandada fazer pelo fundador da monarchia.

Subindo alguns degrãos, no camarim encontramos uma columna, e no capitel desta mostra-se em alto relevo o escudo portuguez, com corôa aberta, a cruz da ordem de Christo e o escudo dos dominicos, orlado de moletas.

Sobre esta columna eleva-se a imagem do Senhor: é de pedra branca, esculptura não muito boa, mas mais aperfeiçoada do que as do seculo XII.

As armas de S. Domingos dizem-nos que algum prelado do convento, o qual não ficava longe, teve a devoção de mandar fazer esta imagem; e não chegando o nome deste virtuoso prelado até nós, pelas armas podemos dizer que tinha o appellido de *Pessoas,* pois assim nol-o diz a orla do escudo—orla que não apresenta nenhum outro appellido.

[1] Entre os interessantes folhetins do *Conimbricense,* devidos á penna do nosso incansavel amigo, J. Martins de Carvalho, encontramos o termo que se lavrou quando tiveram começo as obras da capella, e é como se segue:

«Aos 5 dias do mez de Agosto de 1723, nesta capella do Santo Christo do Senhor do Arnado, aonde estava em mesa o juiz da confraria do Senhor, o dr. Manuel Duarte Barreto, e os mais mordomos abaixo assignados, ahi assentaram entre todos e uniformemente, que se désse principio á obra que se pretende fazer da nova capella do Santo Christo, aonde possa com maior decencia e devoção dos fieis christãos estar a imagem do Santo Christo; e assentaram que se fizesse uma capella, que tenha o corpo d'ella 30 palmos de vão na largura, e no comprimento 60, a que tudo estava presente João Carvalho, mestre de obras do suburbio de Cellas, *extra muros* d'esta cidade, que, vendo e examinando este terreno aonde a obra se ha de fazer, resolveu que não podia ser feita de maior largura nem comprimento, por quanto nos lados da dita capella ha de ficar passagem sufficiente para os romeiros e devotos poderem passar á volta da dita capella; e outrosim assentaram pelo dito juiz e mordomos que logo sem demora se entrasse na obra, sendo mestre d'ella o dito João Carvalho, e a fizesse com toda a fortificação necessaria como elle entendesse, para perpetuidade da dita capella e resistencia das aguas do rio Mondego, que batem neste sitio nas inundações das cheias; de que fiz este termo, de que elle dito juiz e mordomos assignaram com o dito mestre.—E eu, Antonio Carvalho da Fonseca, o escrevi por impedimento do escrivão da confraria, e me assignei.—Antonio Carvalho da Fonseca—Manoel Duarte Barreto—Manoel de Oliveira Moniz—Bento Francisco de Torres—Bento de Sousa—Bernardo de Bessa Negrão—Antonio Rodrigues—O mestre João Carvalho Ferreira.»

Tudo que dicto é não passa de conjecturas; porque, a nosso ver, é mais certo que esta imagem fosse trazida do convento velho de S. Domingos para substituir a antiga, que sem duvida estaria já muito deteriorada pelo tempo: isto é o mais verosimil, para não dizer o verdadeiro.

E estão confirmando esta verdade as armas dos dominicos no pedestal da columna.

Aos lados da porta existem duas inscripções, que copiamos e aqui reproduzimos.

ANNO

NESTE SITIO SEMPRE CHAMADO DO ARNADO COMO AINDA CONSTA DAS CHRONICAS DESTE REINO SE ACHAVA VMA CAP.ª COM A IMAGEM DESTE S.OR CVIA CAP.ª SENDO NO ANNO DE 1652 FOI MANDADA POR EM MELHOR ORDEM POR HVM DEVOTO DO S.OR GASPAR MENDES POREM EM O 1 DE AGOSTO DE 1722 PELA MAIOR PARTE DOS MORADORES DA CIDADE SE ALCANÇOV COM VIVA FEE Q. O S.OR SVARA SANGVE E AGOA ASIM DEVOTAM.TE OFERE SENDOSE A ELE OS MORADORES E POVOS CONVIZINHOS A TODOS SOCOREO NAS SVAS NESESIDADES FAZENDO POR TENTOZOS MILAGRES REZÃO POR Q. DERAM SVAS ESMOLAS P.A A NOVA CAPELA A COAL SEM DVVIDA HE DA PROTEÇOM REAL PELAS ARMAS Q. NO CRVZEIRO DO S.OR SE ACHAM POR CVIA CAVSA NVNCA O PAROCHO DA FREG.A SE ENTRO METEV COM COVSA ALGVMA DA CAP.A OV SVA ADMINISTRAÇÃO.

1729

NO ANNO DE 1722 EM Q. O S.OR DO ARNADO OV SVA IMAGEM MANIFESTOV A MAIOR PARTE DOS MORADORES DESTA CID.E COM VIVA FEE Q. SVARA SÃGVE E AGOA SE ACHAVA SERVINDO NA CONFRARIA DO S.OR DE IVIZ O L.DO M.EL DVARTE BARRETO. ESCRIVÃ CHRISTOVÃ COREA DA FON.CA E PROCVRADOR BENTO DE SOVZA. TEZOVREIRO AN.TO RÕIZ. E MAIS MORDOMOS OS QVAES TODOS IVNTOS COM O MESTRE DAS OBRAS IOÃO CARVALHO FER.A ACORDARÃO SE FIZESE ESTA NOVA CAP.A A QVAL SE DEO PRINCIPIO EM O ANNO DE 1723. TRASLADOVSE O S.OR P.A A TRIBVNA EM Q. SE ACHA EM 12 DE 8E RO DE 1727. E SE BENZEO A CAP.A EM 7 DE DEZEMBRO DE 1727. A P.A MISSA Q. NELA SE DISE FOI EM 8 DE DEZEMBRO DO D.O ANNO COREO COM ESTA OBRA BENTO DE SOVZA P.DOR

Estas inscripções dispensam-nos de dar mais extensão ao nosso artigo, porque ellas por si só constituem a historia fiel da capella do Senhor do Arnado.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

Communismo

(Continuado do numero antecedente)

Fourierismo

Depois de termos exposto em resumo as principaes theorias em que repousa o communismo, que tem por pretexto transformar a sociedade, em destruindo totalmente as bases por que ella se rege actualmente; passamos a apresentar aos leitores as variantes feitas por aquelles de seus apaixonados, que imaginaram ter achado o melhor meio de realisar a pretendida transformação social, creando por isso outras seitas, conhecidas pelo nome de seus chefes. Entre estes avulta Fourier, francez, natural de Besançon, fallecido em 1837. Fourierismo o seu systema. O Fourierismo, designado pelo nome de *theoria societaria, ou phalansterianna*, proclama que a sociedade nada tem a corrigir á obra da natureza, que as desigualdades nativas são para assim dizer as regras mecanicas do equilibrio da harmonia social; que todas as paixões humanas são de instituição divina, e como taes devem ser respeitadas e até protegidas.

Segundo Fourier a ordem social actual é má só, porque reprime e condemna o impulso das paixões: por consequencia considera a religião e a moral como absurdos, que importa quebrar o mais depressa possivel. As leis que têm regido as sociedades, cadeias impias inventadas só no interesse das classes privilegiadas; que hão de cahir desfeitas cedendo ao impulso da revolução social.

É escusado repetirmos o que já dissemos. O systema de Fourier é a idêa de Campanella, mas ampliada e accrescentada. A sciencia social d'este systema tem por fim organisar um meio social de tal natureza, em que todas as paixões conhecidas e imaginaveis se possam desinvolver com a maxima liberdade. Diz o auctor que os effeitos da harmonia que esta liberdade produzirá hão de ser surprehendentes e inesperados.

(Deixamos aos leitores a faculdade de imaginar os effeitos da pretendida harmonia.)

Diz Fourier que no actual meio em que vivemos, 'numa sociedade tão mal organisada, tão defeituosa, as paixões humanas não produzem senão resultados nocivos e subversivos. Assim o caracter do systema de Fourier, o seu principio, o seu fim bem claramente manifestado, é dar a maior latitude, justificar e exaltar todas as paixões; consideral-as como nosso unico mobil, tendo por norte o prazer, que é, segundo elle, nosso unico fim.

(Continúa). *A. J. Sousa.*

UM BOM CHRISTÃO!

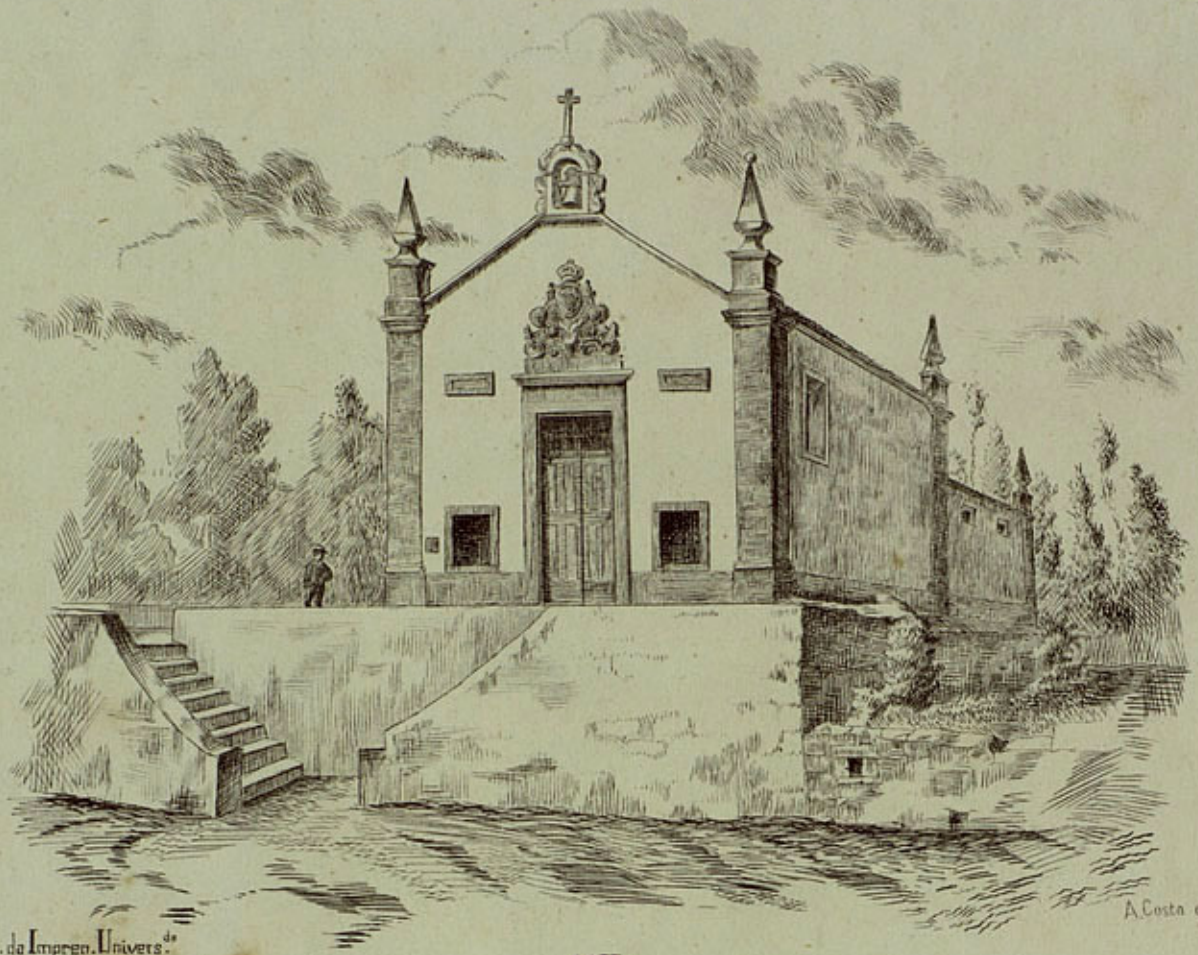
(Ao meu amigo José Joaquim da Cruz)

I

Ai! sempre a gente ás vezes sonha coisas!
Um sonho vão saber que eu tive ha pouco:
Que sonho tão feliz! Só de lembrar-me
Fruir ventura tal, eu dou em louco!

Sonhei que estava rico e muito rico,
Que tinha d'oiro um caudaloso rio!
Que morrera em Francfort o Rotschild,
E que o nobre judeu era — meu tio!

Mas o bom do velhote, adivinhando
Que eu tinha grande aferro á lei do Christo,
Herdeiro me fazia aos seus thesouros
Porém se a renegasse; — está bem visto.



Lith. da Imprens. Univers.de

A. Costa estamp.

Nº II

CAPELLA DO ARNADO.

Ser judeu!!... E depois?... Que me importava
O sabbado guardar?... Não beber vinho?
Que me importava fingir que tinha horror
A crer no Christo?... E não comer toicinho?

A questão para mim era — dinheiro!
E não sei se pensava bem ou mal;
Mas, judeu, que tivesse taes quantias
Todos o q'riam ser em Portugal!

Pois o oiro cegou-me os olhos d'alma,
E judeu me fiquei, pelo diabo!
Porém o que eu não quiz foi ser *rabbino*
Para não ter de andar sempre de... rabo!

II

Eis-me agora senhor da grande herança!
Com trinta raios! Eh! Que de milhões!
Se na telha me dá, vai tudo raso,
Que faço bancarrota em mil nações!

Eu quero trinta carros, cem cavallos,
Um serralho de esplendidas mulheres,
Innumeros manjares, lauta meza,
E sobre aquella meza — mil talheres!

De marmor'um palacio eu quero feito;
Veleiras naus cortando o largo mar;
Quero que o mundo novo ainda possa
Do velho as maravilhas contemplar!

E bailes, e theatros... Quero tudo
Que possa 'nesta vida um goso ser;
E para que esta vida se prolongue,
O medico melhor eu quero ter!...

.....

Accordo... Triste coisa!... Foi-se tudo!
Apalpo as algibeiras — nem cotão!
E por unico allivio a mal tamanho
Apenas accordei... um bom christão!

Lopo Cesar.

O JOGADOR INFERNAL

(Imitação d'um conto da edade media)

(Continuação)

Tendo sahido do inferno, Aurelio caminhou, caminhou sempre até chegar á sua patria, trasbordando de alegria por ter podido livrar aquellas doze almas dos tormentos a que estavam condemnadas por culpa sua, e maravilhando-se da peça que tinha pregado ao diabo.

Passados quarenta annos (tinha então Aurelio setenta annos de idade), entrou-lhe a Morte em casa, dizendo-lhe que tinha chegado a sua hora e que se preparasse para a acompanhar.

— Estou prompto, respondeu o velho; mas peço-te, ó Morte! que me faças um favor antes de me arrebatares; busca-me e traze-me uma das melhores peras que vires na copada da pereira que ahi está defronte da porta; quero refrescar um pouco a garganta resequida, e se annuires ao que te peço morrerei satisfeito.

— Se não é mais do que isso, respondeu a Morte, farei o que me pedes por te obsequiar.

E subindo á arvore, escolheu a pera; mas quando quiz descer, não poude por mais esforços que empregasse: a vontade de Aurelio conservava-a alli algemada.

— Ah! que me enganaste, Aurelio! exclamou ella: sou tua, e peço-te que me restituas a liberdade mediante mais dez annos de vida.

— Dez annos! disse Aurelio, tu estás a caçoar; dez annos? mas que é isso! Descança e fica sabendo que apodrecerás eternamente em cima da pereira se não te decides a fazer proposta mais a contento meu.

— Dou-te vinte annos.

— Estás zombando de mim.

— Trinta.

— Anda! anda! que ainda não chegaste á conta.

— Valha-te um milhão de calamidades; pelo que vejo queres então mais cem annos?

— Tal qual, é o que dizes, e está dicto.

— Ó Aurelio, olha que tu não sabes o que me pedes.

— Assim será; mas que queres tu? se eu tenho apego á vida.

— Vá lá os cem annos, disse finalmente a Morte.

Então é que poude descer, e despedindo-se do nosso homem, foi-se embora de fouce ao hombro.

Apenas se retirou a Morte, quando Aurelio se viu remoçado; tinha rejuvenescido, e por isso recomeçou nova vida com o vigor da mocidade e a experiencia da velhice. Tudo quanto pude saber a respeito d'elle durante este periodo da sua existencia, é que viveu como da primeira vez, entregando-se a todos os prazeres, satisfazendo todos os seus desejos, fazendo bem por gosto quando se lhe apresentava a occasião, mas importando-se-lhe pouco com a salvação da sua alma. Quem o visse e ouvisse, julgaria que elle estava seguro de que lhe seriam abertas de par em par as portas do ceu quando chegasse o momento de partir d'este para melhor mundo.

Decorridos os cem annos, apresentou-se de novo a Morte e perguntou-lhe:

— Estás prompto?

— Mandei já buscar um confessor, respondeu Aurelio; espera mais um instante, e emquanto esperas senta-te no escabelo que está ao pé do forno: depois de confessado, renuncio á terra e lanço-me comtigo na eternidade.

Estava 'neste dia a Morte de bons humores, e annuiu ao que Aurelio lhe pedia; esperou uma hora a chegada do padre, e vendo que elle não vinha, disse:

— Olá, patrãosinho, pois tu não tiveste tempo de cuidar da alma durante o seculo em que não nos temos visto?

— Julgas então que não tive que fazer durante todo esse tempo? respondeu o velho sorrindo-se com ares de escarneo.

— Se tu tractas as coisas d'esse modo, gritou a Morte já encolerisada, vais passar amarguras commigo!

— Estás a caçoar, disse Aurelio.

E depois de se ter divertido um certo espaço

de tempo com os geitos e contorsões que a Morte fazia, baldando-se em esforços para se levantar do escabello, accrescentou:

— Ora vamos lá, tu és muito boa pessoa; dá-me ainda mais alguns annos de existencia.

— Mais alguns annos, miseravel! exclamou a desditosa que se esforçava para se levantar do escabello.

— Socega; d'esta vez não te pedirei grande coisa; já começo a cançar-me de viver; dá-me apenas quarenta annos e ficarei satisfeito.

Sentiu a Morte que o mesmo poder mysterioso que anteriormente a tinha algemado em cima da pereira, d'esta vez a pregava sobre o escabello. Entretanto, era tal o furor de que estava possuida, que não quiz conceder coisa alguma.

— Eu tenho um meio para te reduzir e pôr tão branda como a cera, disse Aurelio.

E pegando 'num braçado de urzes e de cavacos, lançou-o no forno e largou-lhe o fogo. Immediatamente as chammas e um denso fumo involveram logo a Morte, que por pouco não ia perdendo de todo os sentidos.

— Ai, ai, quem me acode! gritou a Morte, sentindo grelharem-se-lhe os ossos; tira-me d'aqui, que te dou os quarenta annos.

Então Aurelio restituiu-lhe a liberdade, e a Morte fugiu quasi assada de todo.

Conclue. *J. Melchiades.*

Abysmo

(Continuado do numero antecedente)

E não foi visto quem as proferiu, ou quem as guardou.

Fecharam-se as portas e tudo se entregou ao repouso da fadiga.

Mas os filhos da viscondessa não receberam o beijo, com que a mãe costumava acaricial-os, dormentes ou accordados, quando se recolhia á sua camara....

Até dos proprios filhos te esqueceste! Tão agitada a tua mente, tão abrasado o teu seio!

Pois tu, Leonor, que tens passado a quadra mais viçosa da vida no torvelinho das valsas, sem que nunca tropeçasses 'num sentimento terno, e deixas te arrastar á voragem da traição criminosa, agora, quando só teus filhos exigem teus carinhos!

Coração de mulher, não te condemno; lastimo-te, porque comprehendo a extensão do teu penar!

V

Meia noite. A lua illuminava a cidade, como o sol em pleno dia. Sobre o esmalte azul dos ceus brilhavam estrellas infinitas e inquietas. As nuvens eram raras e de arminho. Nas praças todos respiravam as fragancias tepidas d'esta noite, mais formosa que as mais risonhas noites de Napoles.

(Continúa).

LOGOGRIPHO

Segunda e primeira
Juizo não tem,
Primeira e segunda
Não falta a ninguem.

Segunda e mais quarta
Mui damninha é,
Usa-a com terceira
Quem cheira rapé.

Terceira e mais quarta
Só sabem mentir,
E quarta e segunda
Pesar e medir.

Terceira e segunda
Não é mau comer,
Se terceira e primeira
Ainda não tiver.

Extremos unidos
Mandam procurar,
E quarta e terceira
Tambem occultar.

Qual em walsa doudejante
Folga a donzella a dançar,
Mil saltos dou 'num instante,
Mil voltas costumo dar.

EXPEDIENTE

Com o n.º 12 termina o primeiro semestre da publicação do *Zephyro*. A Empresa tem luctado com bastantes difficuldades para poder garantir aos srs. assignantes a maxima perfeição nas estampas lithographadas; até ao n.º 10 infelizmente não conseguiu o seu desejo na totalidade por irregularidade da impressão. Podemos portanto asseverar-lhes que d'aquelle numero em deante obviaremos a estas irregularidades, dando as estampas em gravura lithographica.

A Empresa protesta a sua gratidão não só áquelles cavalheiros que têm concorrido com a sua assignatura, mas tambem aos que a têm auxiliado com a sua illustrada collaboração para levar ao cabo tão ardua como melindrosa tarefa.

Aos primeiros rogamos-lhes o obsequio de nos avisarem previamente se continuam a ser nossos assignantes no segundo semestre, para assim podermos regular os nossos trabalhos; e aos segundos pedimos-lhes a continuação do seu auxilio nas lides litterarias.

Os cavalheiros de fóra da terra que pretenderem satisfazer as suas assignaturas podem fazel-o ou em vales do correio, ou em estampilhas de 25, 80, 100 e 120 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a José Maria Torres, na Estação Telegraphica de Coimbra.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Por anno.....	1$200	Por tremestre....	300
Por semestre	600	Por mez.....	100

Para fóra de Coimbra accresce o porte do correio.

Imprensa da Universidade

JARDIM BOTANICO

(Coimbra)

Foi no reinado de D. José I que teve logar a memoranda reforma da Universidade de Coimbra. Ás alterações e melhoramentos materiaes corresponderam outros de bem maior vulto.

Era tão notavel o estado de entorpecimento e decadencia das letras em Portugal, quanto glorioso o esplendor que cada dia adquiriam as nações mais cultas da Europa nas conquistas immortaes de novos thesouros scientificos. Para oppor uma barreira a este abatimento ameaçador foi mister a florescencia d'um reinado estupendo.

D. João V pareceu ter começado a voltar olhos sollicitos para a nossa prostração intellectual; porém estava reservado para o inclito governo do monarcha seu successor soltal-a dos liames parasitas e venenosos, que, absorvendo-lhe a enfraquecida seiva, deviam, á luz logica dos factos, arrastal-a ao abysmo da aniquilação.

Na vastidão dos conhecimentos humanos cada ramo tem sua epocha faustosa de dedicação e incremento. Eram então abraçados com grande enthusiasmo os estudos das sciencias naturaes e sobretudo botanicas, levantadas pelo impulso de talentos preclaros, e mórmente Linneu, que acabava de patentear os resultados munificentes de suas sabias investigações.

Deliberada a creação de varias cadeiras para a cultura d'estas sciencias, foram chamados, para as regerem, professores os mais eminentes, tanto nacionaes, como de Italia.

Para mais relevante proficuidade foi decretada, a exemplo das outras universidades, a formação d'um jardim botanico. Escolheu-se o local que encerrasse as condições exigidas, e com zelo vigoroso começou-se a fabrica opulenta d'este estabelecimento sumptuoso.

Na grandeza da execução ficou bem impressa a elevação d'uma data brilhante em magnificencia e esthetica da arte entre nós. Dois homens, na verdade famosos, ahi vincularam seus nomes eternos. Um foi o celebrado D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, então reitor da Universidade, e posteriormente bispo de Coimbra; outro esse estadista, cujo ingenho perspicaz e vontade energica não esqueceram uma situação, sem d'ella tirar partido, o insigne Sebastião José de Carvalho, esse homem que se fez temido em vida, e parece que esse temor se estendeu alem da morte.

A apotheose do Marquez tem sido entoada pelos apologistas que se deixam obcecar pela vaidade patriotica, pela celebridade de alguns golpes certeiros e profundos, e pelo brilho deslumbrante de cem milhões de cruzados, suffocando as vozes intimas, que bradam horrorisadas contra os attentados indeleveis d'um despotismo facinora.

Mas, ou tendes o coração frio, ou sacrificais a liberdade da consciencia ás exterioridades pomposas. Olhae, que apenas um seculo nos separa d'esse homem impavido, cuja metade dos crimes seria capaz de lhe eclipsar toda a gloria.

A segunda porção do passado seculo, sem este estadista providencial, dotado largamente de audacia e sagacidade, seria pouco; mas esse genio monstruoso, fóra d'esse tempo, nas lides politicas, não lograria alar-se á altura da admiração da posteridade.

Aquelle espirito muito devia ser flagellado pelos remorsos! Nunca em somno socegado elle devera repousar! Os phantasmas sangrentos das victimas deviam em tripudio diabolico povoar-lhe os sonhos de visões execrandas!.....

Este jardim é um penhor de recordações para quem sentiu perpassar-lhe o viço da existencia 'nesta vida academica.

Aqui é o refugio para o estudo e para o descanso.

No ultimo espaço lectivo vêm os estudantes consultar a *arvore do ponto*[1], e esperam-lhe anciosos o desabrochar; e, quando a encontram a florir, banha-se-lhes a alma expansiva 'num prazer que se não descreve.

E em noites placidas folgam tambem de vir soltar ao ecco phrases que elle reproduz, passado um instante, com admiravel clareza e precisão. No angulo da gradaria do lado do nascente, ao termo da rua principal, d'onde é colhida a nossa vista, o ecco repete um verso heroico completo.

A. A. Gonçalves.

A EGREJA DE S. SALVADOR

(Continuação de pag. 13)

II

A egreja de S. Salvador é a mais pequena de todas as que têm o cunho de antiguidade, e onde esse mesmo cunho ainda não desappareceu totalmente.

Os seus lindos capiteis, entrelaçados de folhagens e animaes fabulosos, lá campeiam na cimeira das suas columnas; estas ainda as vimos com os seus pequenos nichos em forma de concha, onde estava um S. Miguel e mais alguns sanctos; porém os architectos de moderna data, em que muito abunda o nosso paiz, *entenderam que os sanctos deviam deixar os logares que a antiguidade lhes legou, para dar cabimento ás coberturas de cal.*

Tudo assim corre: e não sabemos como no

[1] Entre a academia são chamadas *arvores do ponto* umas tulipeiras, que só por occasião do ponto pagam seu tributo á primavera.

meio de tanta destruição os capiteis das columnas chegaram até nós?!

Esta egreja, como todas as de epochas mui remotas, é de tres naves, e mostra que na sua primitiva só teve tres altares,—o chamado mór, e os dois lateraes no cruzeiro: depois, ao cuidado dos devotos, fizeram-se duas capellas da invocação das Senhoras do Salvador, e Terço e Caridade.

Deixaremos em silencio a do Terço e Caridade por nos parecér muito moderna, para nos occuparmos da capella da Senhora do Salvador ou da Cadêa, que está ao lado esquerdo do templo.

Guiomar de Sá foi quem mandou fazer esta capella, que pela architectura que apresenta mostra pertencer ao seculo XVI.

A entrada para esta capella era formada por dois arcos, estribados em uma só columna: em 1699 uma tão elegante entrada foi substituida por um arco rachitico e de mão gosto.

A abobada é toda de pedra, tendo como fecho o brasão do appellido de *Barros*.

Emquanto á imagem da senhora collocada nesta capella deixaremos fallar *Fr. Agostinho de Sancta Maria*, o qual diz: «A tradição que ha da origem e principios d'esta milagrosa imagem é que a uma senhora dos ascendentes dos fidalgos Sás d'Anadia, chamada Marianna de Sá, apparecera em sonhos por duas vezes a Rainha dos anjos, Maria Sanctissima, e que lhe apparecera com uma cadêa nas mãos, e que tão devota e affeiçoada ficara á formosura da senhora, que logo mandara fazer uma imagem sua, e que pedira a seu marido, lhe mandasse fazer uma capella. D'este tempo por deante se resolveriam aquelles fidalgos a mandar fazer a capella, e a fundaria sua filha, ou neta, Guiomar de Sá, a qual não só a edificou, mas collocou nella a Senhora, tomando para si e para os seus herdeiros o padroado d'ella.»

No mesmo anno acima indicado muitas obras se fizeram, não só na egreja, mas nesta capella, que a confraria e fieis satisfizeram: assim o diz uma inscripção, que está em azulejo na parede da esquerda, e diz ella:

TODO O OR
NATO DESTA CAPE
LA RETABOLO ARCO DOU
RADO PINTURA AZULEIJO
CAIXILHOS SE FEZ Á CUSTA
DA IRMANDADE E FI
EIS CHRISTAÕS
1699.

Vê-se por esta inscripção que houve pouco zelo na administração d'esta capella, pois a fundadora doou muita fazenda para o seu culto e decencia, e dez annos antes, 1689, havia em deposito, de rendimentos, mais de quatro mil cruzados, quantia que era destinada para se fazer uma nova capella, mais grande e magestosa do que a que está.

E tudo isto desappareceu, tendo a irmandade e fieis de correr com a despesa das obras d'esta capella, como acima se diz na inscripção!!

Neste mesmo lado, mirando a entrada, está o tumulo da fundadora, sarcophago, ainda que grandioso, mui pequeno para conter os restos de tão nobres fidalgos.

É todo de pedra branca: mede de comprimento $2^{m}60^{c}$, e de largo $1^{m}15^{c}$.

Sobre a coberta está o epitaphio mandado gravar por Guiomar de Sá; é feito em elegantissimos caracteres gothicos, como ainda não encontrámos nas inscripções existentes em Coimbra, e diz ella:

ESTA . CAPELLA . E . ESTA . SEPVLTVRA . MÃDOV . FAZER . GVIMAR . DE SSAA . PA . DEITAR . HO . M.TO HONRADO . A.O DE BARROS . CAVALEIRO . DA . CASA DEL REY . SEV . MARIDO . HO . QVAL . AQVI . IAZ . E . ELLA . MÃDA . A . SEV . TESTAMẼTEIRO . QVÃDO . ELLA . FALECER . Q . A . LÃCE . CÕ . ELLE . HO . ĝLL . FALECEO . AOS XVIII . DE . DE . F.O DE . MILL . V.C XV ÃNOS . **A QVAL GVIOMAR DE SA IAZ. AQVI. FALECEO A IX DOVTVBRO DE MSXXXII.**

No mesmo tumulo foi lançada Guiomar de Sá, como ella mesmo pediu ao seu testamenteiro: porém o epitaphio que foi aberto no tumulo, em seguida ao de seu marido, em caracteres romanos, mostra-nos a triste verdade, que o estylo emmanuelino, totalmente foi perdido no seguinte reinado do senhor D. João III.

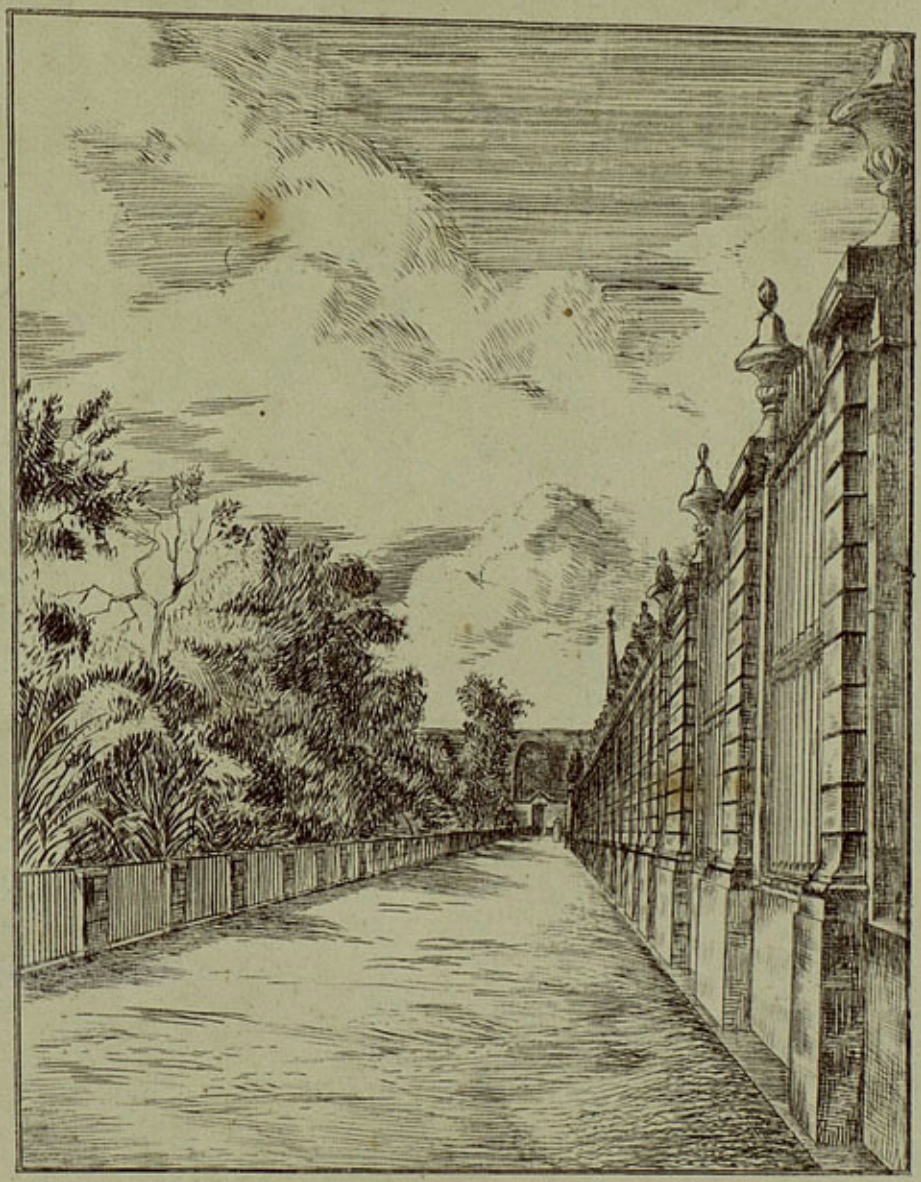
No frontal do tumulo vê-se em primoroso relevo, sustentados por tres anjos, os brasões das familias de *Barros* e *Sás*.

Barros é o brasão que occupa á direita: trazem por armas de sua nobreza, em campo vermelho, tres bandas de prata, e nove moletas de ouro assentes sobre os campos, dispostas do seguinte modo: uma no primeiro, tres nos do meio, duas no final do escudo.

Brica, uma flor de liz, assente no canto da segunda banda.

Timbre, uma banda das armas carregada com cinco moletas de ouro.

Sás, o brasão da esquerda, de lisonja em santor, com as armas de *Mascarenhas* e *Sás*. No primeiro e quarto campo de vermelho tres faxas de ouro, estas são dos *Mascarenhas:* no segundo e terceiro campo, enxaquetado de prata e azul, de seis peças em faxa, estas são dos *Sás*.



Lith. da Impr. da Universid.ᵉ

A. Costa ad imp.

Nº 12

JARDIM BOTANICO

-COIMBRA-

Timbre o d'este mesmo appellido, *um meio bufalo de sua côr, enxaquetado de prata e azul, com uma argola nas ventas.*

No tumulo estes brasões não estão timbrados.

Affonso de Barros era filho segundo, como nos mostra a brica com que carrega o seu brasão, d'esse ramo que tem por solar o logar de Barros, na fertil provincia do Minho, cujo tronco é Gonçalo Nunes de Barros, senhor de Castro Daire, e de todas as terras entre Homem e Cavado, que tanto floresceu no tempo do sr. D. João I, Mestre d'Aviz.

Guiomar de Sá era ramo nascido do mui illustre solar do Sobreiro, hoje em ruinas, no concelho de Condeixa a Nova, solar antiquissimo de Sás, mas não dos que trazem carregado o seu brasão com a *columna coroada*, de quem, em carta a Rõiz de Sá, escreve o grande Francisco de Sá de Miranda, chamando-lhes *columneses:*

Dos nossos Sás *columneses*
Grão tronco nobre columna.

Muito mais havia que dizer sobre a nobreza d'estas duas familias[1]; porém o pequeno espaço neste jornal, com que nos obsequeiam, prende-nos de o fazer.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

O JOGADOR INFERNAL

(Imitação d'um conto da edade media)

(Conclusão)

Passados quarenta annos voltou a Morte, e d'esta vez esperava-a o nosso homem de sacco ás costas.

— Não tornarás mais a escapar-me, disse-lhe ella; esgotaram-se-te por fim os recursos; mas que levas tu 'nesse sacco?!

— As almas de doze jogadores meus amigos, que eu ganhei a Satanaz ha perto de cento e cincoenta annos.

— Eu lhe restituirei o que lhe pertence, disse a Morte, que contava vingar-se de todas as peças que lhe tinha pregado Aurelio.

E agarrando-o pelos cabellos, levantou-se aos ares; voou para o lado do poente, e entrou na salina abandonada[2].

Logo que chegou ás portas do inferno, bateu tres pancadas.

— Quem está ahi? gritaram-lhe de dentro do inferno.

— O jogador Aurelio, respondeu a Morte.

— Não abram a porta! gritou Satanaz (que ainda se lembrava da partida jogada com Aurelio), porque esse trapaceiro é capaz de despovoar inteiramente o meu imperio.

Tendo-se Satanaz recusado a abrir, a Morte, posto que quizesse muito mal ao velho, viu-se obrigada de má vontade a leval-o até ás portas do paraizo.

— Quem está ahi? perguntou São Pedro.

— O vosso antigo hospedeiro, respondeu Aurelio; aquelle que vos deu de jantar um dia.

— Como te atreves tu a apresentares-te aqui no estado em que eu vejo a tua alma? Não sabes que as portas do céu estão fechadas para a gente da tua egualha! Vae-te quanto antes, porque tu pertences ao inferno em corpo e alma, e não tenhas o descaro de vires até ás portas do paraizo!

— São Pedro, respondeu Aurelio, parece-me que não foi d'essa sorte que eu te recebi quando tu em companhia de Nosso Senhor me pediste hospitalidade.

— Tudo isso são palavrinhas de ouro, redarguiu o apostolo, procurando mostrar-se severo, mas transparecendo-lhe muito visivelmente o dó no som da sua voz, eu é que não posso tomar a responsabilidade de te acceitar dando-te entrada nestas sanctas mansões; vou prevenir Nosso Senhor da tua chegada, e veremos depois o que se poderá fazer em teu abono.

O Altissimo, sabendo da chegada de Aurelio, veio á porta do paraizo, onde o encontrou de joelhos entre as doze almas por elle perdidas e por elle resgatadas: tinha seis á direita e seis á esquerda.

— Bem, disse o Salvador, seja ainda por ti; mas estas almas, que pertencem a Satanaz, como queres tu que eu as receba?

— Senhor, respondeu Aurelio, quando eu tive a honra de vos receber na minha casa, ieis vós acompanhado dos doze apostolos, e entretanto a todos dei hospitalidade, recebendo-os conforme pude.

— Este homem sempre ha de ter argumentos de que se valha; não era mau para rabula, disse Nosso Senhor com o seu divino sorriso.

E lançando um olhar misericordioso para os treze peccadores que esperavam ajoelhados e tremendo a sentença suprema do seu juiz, o Salvador dos homens accrescentou:

— Aurelio! tu cumpriste á risca os deveres da hospitalidade; reparaste uma parte do mal que tinhas feito; estas almas que tu perdeste, salvastel-as do inferno. Entra pois no céu; entrae todos vós, porque a todos vos perdôo; perante o teu Deus, na presença do teu juiz, uma boa acção resgata sempre um cento de acções ruins.

J. Melchiades.

---

[1] O nosso mui particular amigo, o sr. A. A. da Fonseca Pinto, teve a delicadeza de nos convidar para fazermos algumas annotações ao conimbricense Francisco de Sá de Miranda; e gratos a um tal convite, pela honra que nos concedeu, extractámos do nosso *Nobiliario*, no appellido de Sás, o que o nosso estimavel e bom patricio nos fez a especial fineza de junctar ao seu muito bem elaborado artigo, e que o leitor curioso poderá ler no *Instituto* vol. XI, n.º 5, pag. 127, de 1862. *O auctor.*

[2] Em o n.º 7, pag. 28, lin. 33, compoz o typographo em logar de *salina, salinha:* sirva a presente ractificação de errata, visto haver ensejo para a fazer.

NUMISMATICA PORTUGUEZA

Origem do cruzado de ouro

Do pontifice Calisto VI (papa hespanhol) conseguiu o arcebispo de Lisboa D. Jayme, cardeal do titulo de S. Eustachio, e filho do infante D. Pedro, duque de Coimbra, a *Bulla da Sancta Cruzada* para o reino de Portugal, mandando-a logo entregar a seu primo, o senhor D. Affonso V, por mão de D. Frei Alvaro Paes, bispo de Silves, no reino do Algarve, que então estava em Roma. Recebeu em 1457 o rei de Portugal esta graça, com que mui honrado ficou, sendo o primeiro principe catholico que se preparou para a conquista da *terra sancta;* o que a morte do papa e o ciume de outros principes catholicos frustrou.

Para pagar ao seu exercito, mandou el-rei lavrar uma moeda, a que chamou *cruzados*, nome que perpetuava a memoria de tamanha graça, como era a Bulla enviada pelo Sanctissimo Padre, para tão sancto, como então, util fim.

Esta moeda do *Cruzado* é de ouro subido de 24 quilates, e tem de valor 400 réis. Tem no anverso o escudo portuguez, com a coroa aberta, assente sobre a cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz, e em volta a legenda : + CRVZATVS : ALFONSI : QVINTI : REGIS : e no reverso tem a cruz de S. Jorge, como defensor do reino de Portugal, e em volta a legenda : ✠ ADIVTORIVM : NOSTRVM : IN : NOMINE.

Eis o que deu origem á nossa moeda chamada *cruzado de ouro, de D. Affonso* V.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

Abysmo

(Continuado do numero antecedente)

Junto d'uma arvore do jardim do visconde do Valle, bem junto ao tronco, mal se divisava um vulto, que nos meneios rapidos e irregulares bem mostrava a impaciencia de que estava possuido.

De manso se fechou uma porta; e o rumor leve de passos soou pelas ruas do jardim.

Quasi ao centro mil especies de ramadas, entrelaçadas e tecidas, formavam um caramanchel de verdura e flores. O vulto destacou-se da arvore e correu para ella, que tremia enleiada e melancholica. Entraram ambos; e o mancebo que contemplava extasiado aquella estatua do desalento, quebrou assim o silencio, travando-lhe das mãos que apertava:

—Leonor, adivinho o que deves ter soffrido. Mas são doces estas sensações do nosso padecer, que achamos crueis, e gostamos de experimentar. Eu sei que é dureza insistir.... mas, Leonor, por quem és, acalma estes impetos da paixão que me soffoca e inflamma....

E cahiu-lhe de joelhos aos pés.

—Levanta-te; Deos sabe quantas lagrimas me tem custado este amor malfadado. Mas, por piedade, não queiras o que é impossivel á mulher que preza sua nobreza e dignidade. Venho aqui para te ver; é-me cruel a tua ausencia. Crê que te amo, como nunca ninguem no mundo amou. Em toda a parte o teu nome estará nos meus labios..... juro-t'o. Mas não me esquartejes o coração com a exigencia que me traria deante dos olhos os esgares tremendos do remorso.....

Não poude mais. A voz embargou-se-lhe na garganta, e uma torrente de lagrimas se lhe soltou dos olhos.

O mancebo estava gelado, pasmava; a respiração era vigorosa e compassada; tinha-lhe largado as mãos; estava de pé. Correu com a mão a testa; tentou sorrir, e com brandura e frieza disse:

—Senhora viscondessa, peço perdão para um desgraçado que abusou da generosidade de v. ex.ª, para levar o seu arrojo ao cumulo do descaro. Deixal-o, senhora viscondessa; não o accuse como elle merecia, e perdoe-lhe: para castigo basta a lava infernal do seu amor..... E cortejou-a dispondo-se a sahir.

'Num transe d'estes, a serenidade grave, assim, produz effeito infallivel: parece que 'naquelle tom transparece uma resolução que pode ser fatal para um louco d'amor.

A viscondessa, 'num transporte de ternura angelica, levantou-se rapida, e com o enthusiasmo frenetico da loucura do amor livre deteve-o e abraçou-o.....

.....

Se alguem os escutasse, affirmaria de certo que a viscondessa do Valle tinha polluido a limpidez do lustre matrimonial...

Que fizeste, martyr, que assim te posso chamar! Debil creatura, mulher, tu só nasceste para amar! As miragens, que debuxa a tua phantasia, crestam sempre os adornos das tuas virtudes! Fada errante, em noites de tormenta, cujas roupagens esvoaçam á claridade deslumbrante e sulphurica do raio, aonde irás aninhar-te? Em teus olhos a venda do amor, só commettes desatinos que te fazem vergar para o lodaçal da infamia!

Astro eclipsado com a nevoa do crime; rosa fanada ao sopro da paixão, estatua de jaspe derrocada do pedestal dourado, amo-te, admiro-te, mesmo no teu baque!.....

(Continúa).

EXPEDIENTE

PREÇO DA ASSIGNATURA

Por anno.....	1$200	Por tremestre....	300
Por semestre.....	600	Por mez.....	100

Para fóra de Coimbra accresce o porte do correio.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE REVISTAS
BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA LIVRARIA RELIGÁRIO PIMENTA

Imprensa da Universidade

3556 - O ZEPHYRO. Publicação Litteraria bimensal. Nº 1.15 de Fevereiro de 1872 a Nº 12. 31 de Julho de 1872. (Tudo quanto se publicou). 1 v.8º enc. - Publicação em que colaboraram alem de outros, A.A.Gonçalves, J.Simões Dias, A.F. Barata, A. M. Seabra d'Albuquerque, M.C. Pereira Coutinho e A.J. Sousa. Ilustrada com interessantes litografias que representam monumentos e locais célebres de Coimbra. Na encadernação vem gravado a ouro o Ex-libris de Anibal Fernandes Tomás e na guarda um ex-libris do mesmo colado RARA. - ..... 250$00

Em 1949.